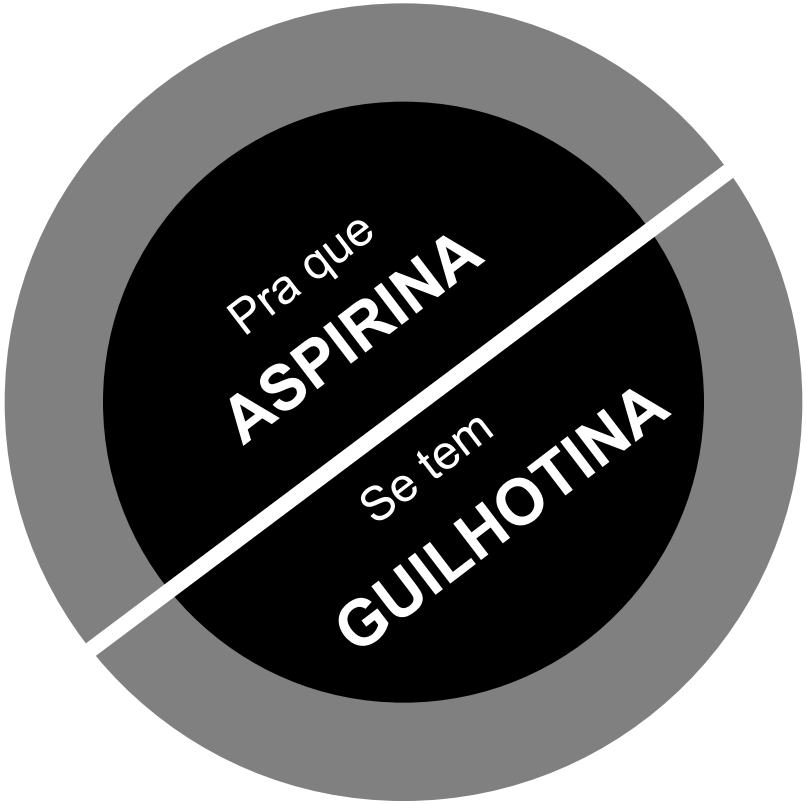
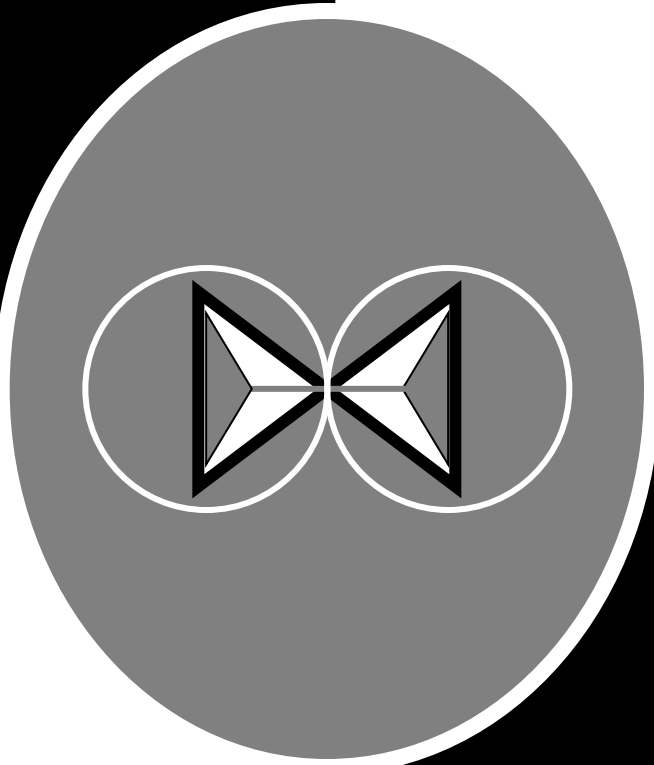
Naial Uttega



Powersias

Se fôssemos
Imortais
Inventaríamos
O finito
Para suportar
O eterno.

Se fôssemos
Imortais
Criaríamos
Planetas azuis
Perigosos e difíceis
Mas lindos de morrer.



Simularíamos
Vidas
Sucessivas
Apagando da memória
A impossibilidade
De morrer.

Fingiríamos
A vida
Sôfrega intensa
Como se fôssemos
Homens
Capazes de morrer.

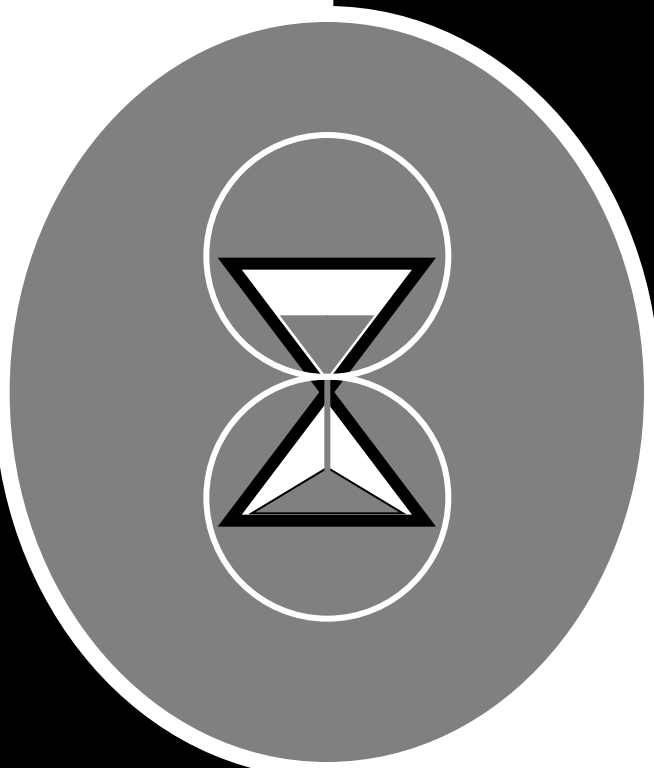
SOBRE HOMENS E ANJOS - 1

Naial Uttega

SOBRE HOMENS E ANJOS - 2

Se fôssemos
Mortais
Inventaríamos
O eterno
Para suportar
A finitude.

Se fôssemos
Mortais
Criaríamos
Róseas quimeras
Céus infinitos
Lindos de viver.



Diríamos
Que depois do fim
Há outro começo
Diríamos
Que na verdade
Não existe o fim.

Fingiríamos
Que na verdade
Tudo é passagem
Como se fôssemos
Anjos que vão
Para sempre viver.

Naial Uttega

HUNT

Não sou mais andarilho vagando no mundo
Fixei residência, defini meu lugar
Não mais procuro novos campos de caça
Crio o animal que vou comer no jantar.

Olho para cima e não vejo mais as estrelas
Somente um teto e uma lâmpada vulgar

Não procuro mais plantas e frutos da mata
Preparo minha horta, adubo meu pomar.

A terra e o vento não mais me robustecem
O sol e a chuva não vão mais me lavar
Pego as doenças de aglomerações humanas
Cheiro a sabonete e loção de barbear.

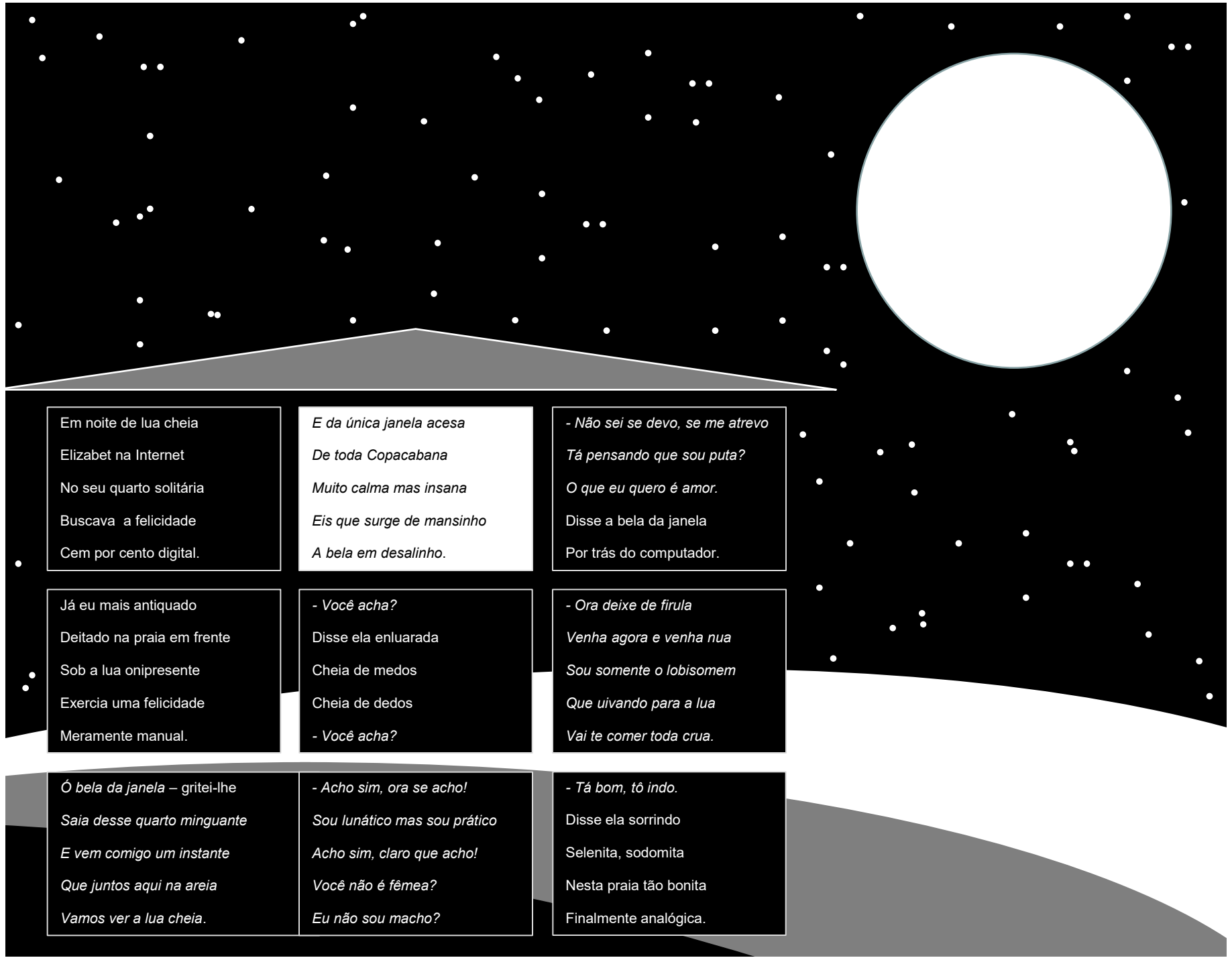
Perdi contato com os ritmos da terra
O despertador diz quando devo acordar
Não enfrento mais o frio, o medo e as feras
E se vejo um inseto mando logo dedetizar.

Não escuto mais nem vento nem pássaros
Somente a voz de mil pessoas a falar

Pequeninos assuntos, conchavos diversos
Nada que valha a pena mesmo lembrar.

Mas de noite deitado na cama macia
Fecho os olhos e começo a sonhar
Vejo o caçador que mantém retos e abertos
Os caminhos que um dia voltará a trilhar.

Naial Uttega



COPA BY NIGHT

Em noite de lua cheia
Elizabet na Internet
No seu quarto solitária
Buscava a felicidade
Cem por cento digital.

E da única janela acesa
De toda Copacabana
Muito calma mas insana
Eis que surge de mansinho
A bela em desalinho.

- Não sei se devo, se me atrevo
Tá pensando que sou puta?
O que eu quero é amor.
Disse a bela da janela
Por trás do computador.

Já eu mais antiquado
Deitado na praia em frente
Sob a lua onipresente
Exercia uma felicidade
Meramente manual.

- Você acha?
Disse ela enluarada
Cheia de medos
Cheia de dedos
- Você acha?

- Ora deixe de firula
Venha agora e venha nua
Sou somente o lobisomem
Que uivando para a lua
Vai te comer toda crua.

Ó bela da janela – gritei-lhe
Saia desse quarto minguante
E vem comigo um instante
Que juntos aqui na areia
Vamos ver a lua cheia.

- Acho sim, ora se acho!
Sou lunático mas sou prático
Acho sim, claro que acho!
Você não é fêmea?
Eu não sou macho?

- Tá bom, tô indo.
Disse ela sorrindo
Selenita, sodomita
Nesta praia tão bonita
Finalmente analógica.

Naial Uttega

NIGHT RIDE

São as coisas reais
Ou potenciais apenas

Quando ninguém as vê?

Vivem no limbo
Do que poderiam ser?

Surgem do olho
Que as faz nascer?

Talvez na calada da noite
Quando todo olho se fecha
E toda consciência apaga
Cantem e dancem as coisas

Selvagens e doidas
E livres enfim para serem
O que quiserem ser.

Acelero na estrada escura
- Quântica tolice!

Mas a duzentos por hora surge

No coração um vazio
No cérebro uma voz:

- Haverá realmente mundo
Depois da luz dos faróis?

Na estrada que crio
À medida que avanço
Surge a dor seca no peito
Que me faz perguntar:

- Ó Tu, InfinitOlho que me sonda
É então assim que colapsa
A minha função de onda?

Naial Uttega

O JOGO DO VELHO

Nos corredores da biblioteca
Estantes empoeiradas
Páginas passadas
Amareladas

Na antessala dos milagres
Preces, amuletos
Velas e retratinhos
Inúmeros

No jardim dos mortos
Nomes e datas
Gravados em mármore
Sucedem-se

Teias do tempo
Tecidas de sonhos
De palavras mortas
De belezas antigas

Amputadas muletas
Soltas no tempo
Urrando em silêncio
Pela graça perdida

Descarnados cavalheiros
E damas d'outrora
Elos sucessivos
De um baile eterno

São Idéias um dia pensadas
Que refletiram
Em preto e branco
As cores da vida.

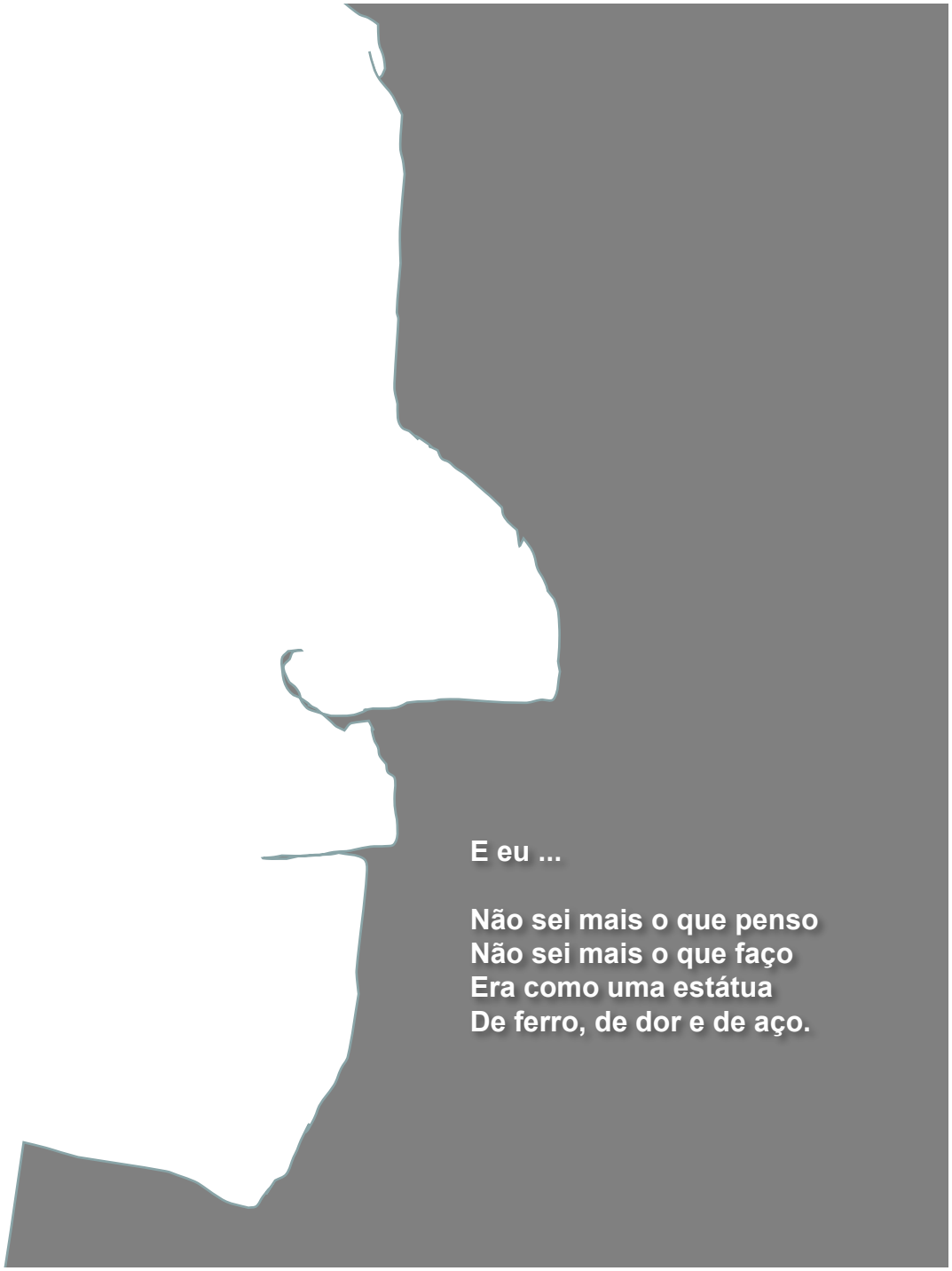
São esperanças imensas
Que fluiram
Como areia
Na ampulheta da vida.

São infinitas almas
Que passaram
Em penumbra morna
Pela aventura da vida.

Naial Uttega

A ESTÁTUA

Vi uma estátua
Em pé, suja, maltrapilha
Gosto de sangue na boca
Seco, coagulado
Uma estátua
Ferida, quebrada, maldita
Dura em todo instante
Boca trancada, corajosa
Massa informe, porém pensante
Olhos imensos contraídos
Desafiando todos e tudo
Exposta à chuva, ao vento
Queimada pelo sol
Dona única do seu pensamento
Uma estátua
Fria como pedra fria
Estóica, orgulhosa, altiva
Pouquíssimo importando
Estar morta, estar viva
Em pé, parada, calada
Dentes cerrados, tensos
Chumbo no olhar
Sozinha, sozinha
Sem gemer, sem chorar...



E eu ...

Não sei mais o que penso
Não sei mais o que faço
Era como uma estátua
De ferro, de dor e de aço.

Naial Uttega

OGUI

Sai de casa o menino
Escondido dos pais
Pega o elevador
E vai à praia de Copacabana
Logo ali em frente
Em plena noite de temporal.

No calçadão deserto
Tira toda a roupa
Passa pela areia escura
E encharcado pela chuva
Chega à beira do mar.

Ondas lambem seus pés
Relâmpagos brilham em seus olhos
Chuva escorre pelo seu corpo nú
Parado lá o menino
Ali sozinho na beira do mar.

Então ele grita
Abre os braços e grita
Em direção ao coração da tormenta
Com toda a força
De seus pequenos pulmões
Grita:
- OGUI !
E mais uma vez :
- OOOGUIIII ! ! !

Por um momento nada acontece
Apenas a chuva
O vento
As ondas
E o eco surdo
Dos últimos trovões.

Mas logo um raio gigantesco
Poderoso rio de fogo
Com infinitos afluentes
Racha o céu escuro
Dividindo em dois
De alto a baixo
A imensidão noturna.

A trovoada intensa que segue
Traz uma voz dentro de si
Uma voz dos espaços imensos
Vinda das nuvens revoltas
Dos elementos em delírio
Das profundezas escuras
Dos mares violentos
A voz de OGUI
OGUI, o espírito da tempestade.

- Quem me chama?
Ruge a tempestade
- Sou eu, OGUI, eu!
Grita o menino
Engolindo a chuva
A entrar-lhe pela boca
A anuviar-lhe os olhos
- Ah! é você, menino...

OGUI fica contente e ri
Seu riso se espalha pela praia
Ecoa nas paredes dos edifícios
E se desmancha na espuma do mar
- Que bom que você veio, menino!

E assim longamente conversaram
De um lado a tempestade imensa
De outro lado o menino nu.
Trocaram segredos e mistérios
Juntaram risos e prantos
E para sempre tornaram-se um.

Era a tormenta e o menino
O menino e a tormenta
O menino em pé
No âmago da tormenta
E a tormenta fluindo
Nas veias do menino.

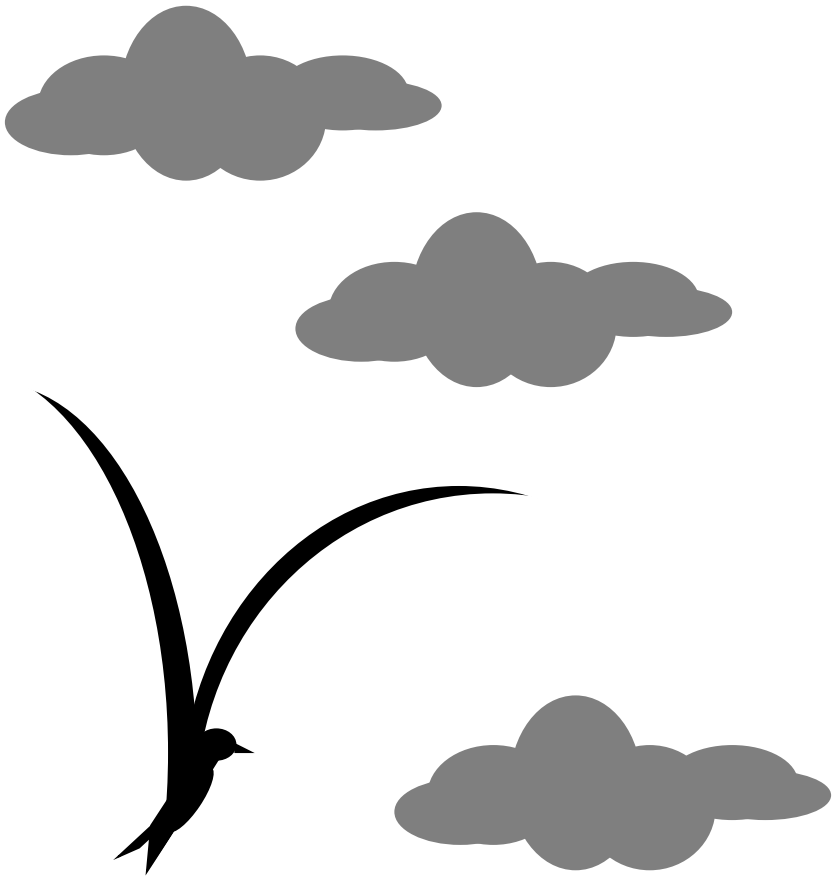
Somente OGUI falava
A língua do menino
Somente o menino compreendia
O espírito da tempestade.

Naial Uttega

Na pequena aldeia de Schrömptzl, no distante vale de Vlorshck, nasceu uma linda e robusta criança cujo sorriso precoce imediatamente encantou a todos que a conheceram.

Não havia quem, naquele digno povoado, não parasse para um dedo de prosa com os orgulhosos Sr. e Sra. Farfendlerzingerbrod e aproveitasse para brincar um pouco com aquele pequeno bebê. Um bebê que recebeu o nome de Av. Um nome curto e simples, talvez para compensar a extensão do sobrenome.

Cedo porém, antes que a terra completasse seu primeiro giro em volta do sol, o Sr. e a Sra. Farfendlerzingerbrod notaram que Av não se desenvolvia como as outras crianças. Ele não chorava, pouquíssimo comia, não acompanhava com os olhos sons ou movimentos e sequer tentava engatinhar ou pegar com as mãos objetos e brinquedos que lhe eram propostos.



Tartramcralmuta! - bradou em alto e bom som o Sr. Farfendlerzingerbrod que dificilmente usava este tipo de linguagem - *Demos à luz um surdo-mudo, quem sabe cego. E idiota também. Que infelicidade!*

Cego ele com certeza não é - respondeu indignada a Sra. Farfendlerzingerbrod - *quando deixo seu berço perto da janela ele não tira os olhos do céu e acompanha com grande atenção o movimento das nuvens e você, que é o único idiota por aqui, precisa ver o sorriso maravilhoso que ele abre quando vê voarem pássaros e borboletas.*

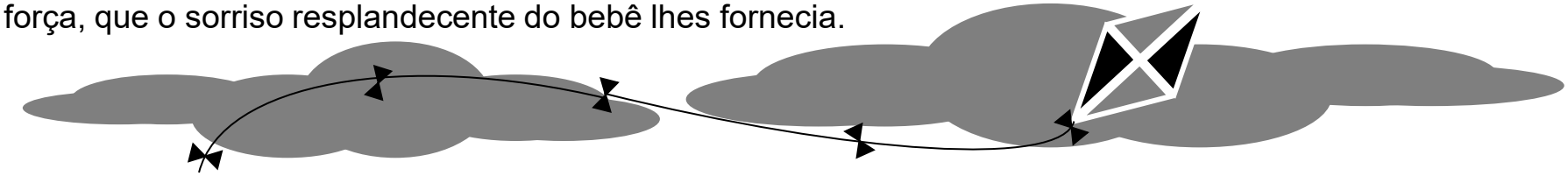
Outro dia eu o vi assim - continuou - *totalmente concentrado, olhando para algo no céu que eu não conseguia ver. Quando apertei os olhos consegui afinal enxergar um pássaro, uma gaivota talvez, um ponto quase imperceptível no céu, voando mais alto que as nuvens. Era isto que o seu "cego" estava vendo, Shittenpotz !*

Naial Uttega

Todos na aldeia pareciam dar razão à Sra. Farfenderzingerbrod. Afinal o que importava ser ou não Av um menino inteligente ou mesmo normal? Depois de um árduo dia de trabalho no campo nada era melhor do que ver aquele sorriso franco, aberto, que iluminava seus corações e lhes dava coragem para seguir enfrentando as vicissitudes da vida.

Logo, logo, as pessoas descobriram o fascínio de Av pelas coisas que voavam. Foi uma festa! Todos queriam agradar o bebê, chamar sua atenção para as pequeninas coisas que de alguma forma flutuavam no ar: pássaros, folhas ao vento, plumas, insetos...

E Av correspondia plenamente. Encantava-se. Seu sorriso se iluminava ao ver as pequenas sementes de flores dotadas de finíssimos filamentos brancos que boiavam no ar ao sabor de um simples sopro. Ou pedras que eram arremessadas ao céu pelos bodoques das crianças. Ou a pequena pipa vermelha que o Sr. Farfendlerzingerbrod havia fabricado especialmente para seu filho. Cada habitante de Schrömptzl se esforçava à sua própria maneira para carinhosamente retribuir um pouco do reconforto, da confiança, da força, que o sorriso resplandecente do bebê lhes fornecia.



A terra já se preparava para completar seu segundo giro na órbita solar quando os habitantes de Schrömptzl reuniram-se para discutir a melhor maneira de festejar o iminente aniversário de Av. A esta altura Av já não era mais um simples bebê da aldeia e sim um mascote querido de todos, uma espécie de símbolo da esperança, da beleza e vida que brilham no fundo de todo ser humano.

Decidiram levar Av em seu berço para o centro da praça principal e lá cantaram lindas canções diáfanas. Canções aéreas que falavam de vento, de nuvens e estrelas. As moças da aldeia dançaram levíssimas e graciosas danças, mal tocando o solo com a ponta dos pés. E, ao final, diante do olhar maravilhado de Av, soltaram centenas de pássaros que se dispersaram numa revoada multicolorida. Todos aplaudiram extasiados. Foi como uma enorme explosão de asas, de cor, de liberdade e luz, que se espalhou pelo céu.

Mas a multidão mal olhava para o céu. Todos olhavam o sorriso de Av. Um sorriso que traduzia, interpretava e retransmitia a todos a força pura e primitiva, simples e direta, que emanava daquela feérica explosão. Neste momento, contudo, ocorreu algo que pegou a todos de surpresa, algo que se tornaria assunto obrigatório das conversas e sonhos de todos os aldeões durante anos a seguir.

O que aconteceu foi que Av, o menino que sequer engatinhava, simplesmente levantou-se, subiu na beira do berço, parou por um momento de pé, perfeitamente equilibrado na borda, olhou para a multidão aturdida, abriu os braços bem abertos e saltou para a frente, para o alto.

Como se tudo acontecesse muito lentamente, a criança pareceu por um momento surpreendentemente longo ficar suspensa no ar e depois, como se a cena subitamente acelerasse, aquele pequeno ser prosseguiu em sua trajetória descendente até estatelar-se de forma definitiva e brutal com a cara no chão enlameado.

Por instantes a multidão ficou parada, horrorizada. Depois repentinamente correndo, gritando e se acotovelando, todos se apressaram a ajudar o pequeno Av. Seu pai foi o primeiro a chegar. Retirou o filho da lama, virando-o. E o que ele viu quase o fez deixar cair novamente a criança.

Queremos vê-lo! Mostre-o! – gritava a multidão aflita.

O Sr. Farfendlerzingerbrod então lentamente ergueu seu filho e, levantando-o como se fosse um troféu precioso, apresentou-o ao povo de Schrömptzl. A multidão calou-se imediatamente. O que presenciaram jamais abandonaria suas memórias e até os últimos e cansados dias de suas vidas iria fornecer-lhes a energia e o calor necessários para que tivessem sempre a certeza de que tinha valido a pena viver.

A cara do pequeno menino, todos viram, era uma massa informe de sangue e lama. Mas nela reluziam dois lindos olhinhos abertos, vivos e alertas que pareciam contemplar o paraíso. E logo abaixo, o sorriso. O riso. A gargalhada melodiosa que fluía daquela boquinha graciosa de neném.

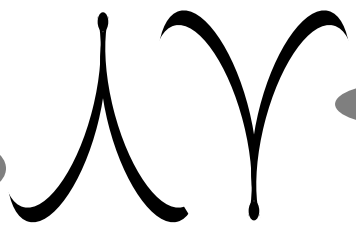
Havia naquele riso algo de vitória, algo de determinação, algo que parecia de fato poder mudar o curso das coisas, ainda que por pouco tempo, ainda que por um instantinho só.

Naquele dia o povo de Schrömptzl acreditou.

Não se sabe em que exatamente.

Mas com certeza naquele dia o povo inteiro...

Acreditou.



Naial Uttega

Em profundidades
Menos e menos rasas
Por entre ondulações
De água muito fria.

Flutuo para longe
Da praia de brasas
Num pequeno colchão
De borracha macia.

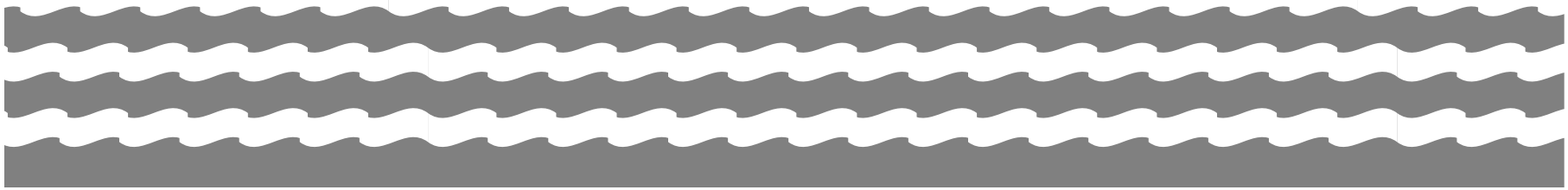
Contra o azul
Nuvens recortadas
No sol cru e brilhante
Sobre as ondas salgadas.

Meu corpo joga
Maleável imprensado
Entre o céu vivo
E o oceano agitado.

Quebro e requebro
Em vai e vem sensual
Pra cima e pra baixo
Neste mar tropical.

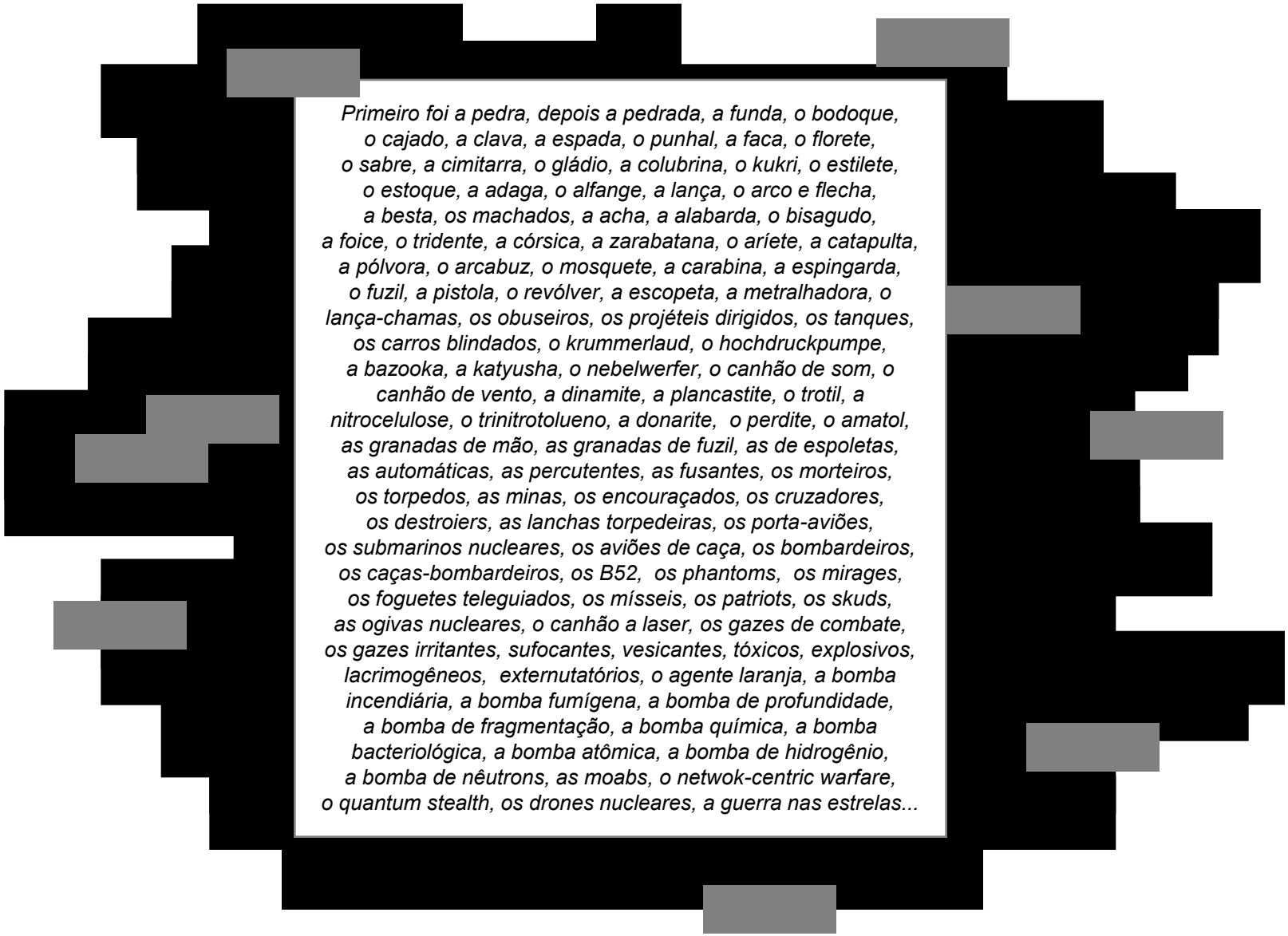
Em direção ao céu
Sobe e desce
Meu sexo rígido
Que cresce, e cresce.

Penetrando nuvens
Violando ventos
Faço amor com o mundo
Em movimentos lentos.



Naial Uttega

Havia uma pedra no meio do caminho...



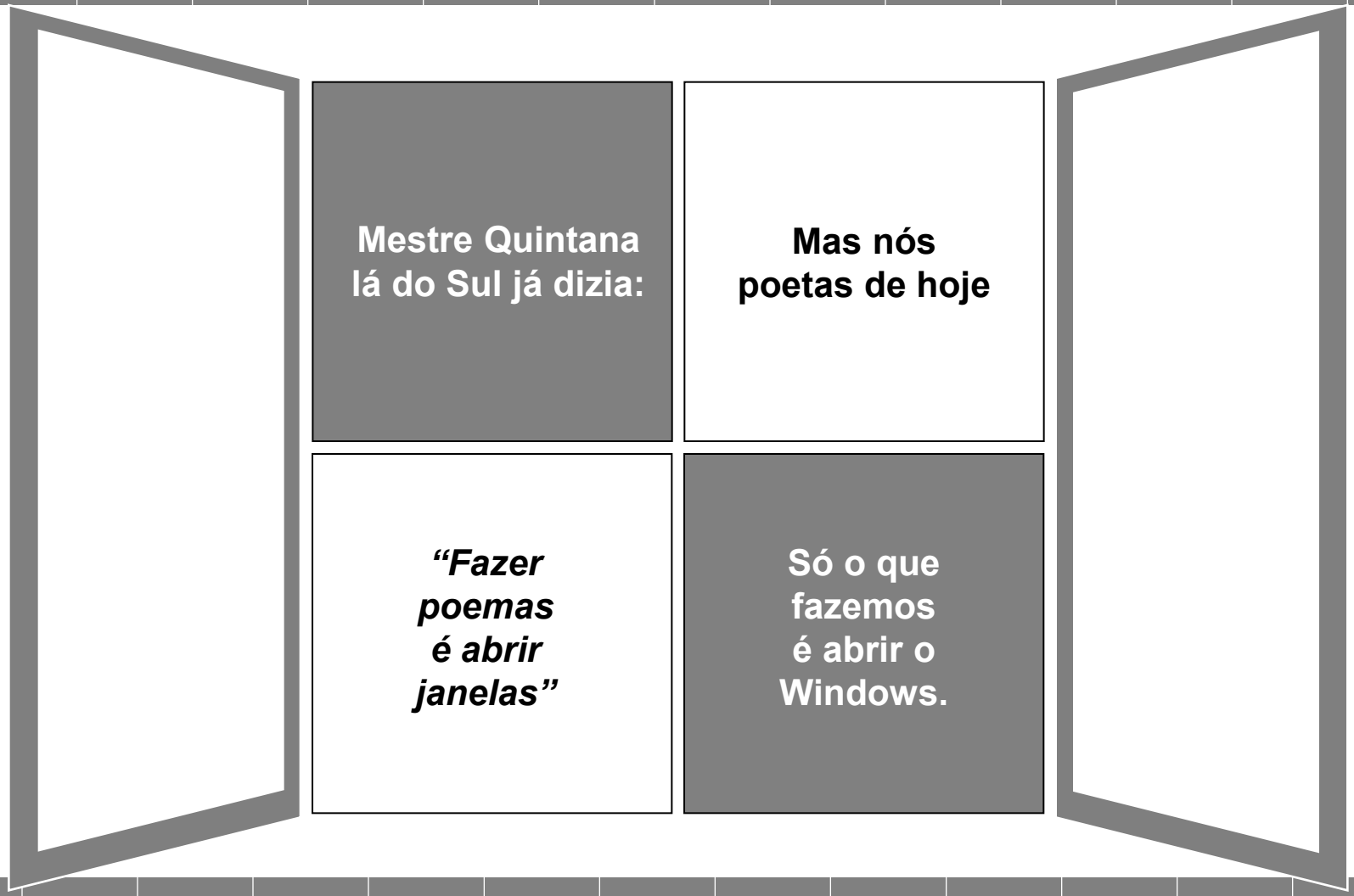
Primeiro foi a pedra, depois a pedrada, a funda, o bodoque,
o cajado, a clava, a espada, o punhal, a faca, o florete,
o sabre, a cimitarra, o gládio, a colubrina, o kukri, o estilete,
o estoque, a adaga, o alfange, a lança, o arco e flecha,
a besta, os machados, a acha, a alabarda, o bisagudo,
a foice, o tridente, a córsica, a zarabatana, o aríete, a catapulta,
a pólvora, o arcabuz, o mosquete, a carabina, a espingarda,
o fuzil, a pistola, o revólver, a escopeta, a metralhadora, o
lança-chamas, os obuseiros, os projéteis dirigidos, os tanques,
os carros blindados, o krummerlaud, o hochdruckpumpe,
a bazooka, a katyusha, o nebelwerfer, o canhão de som, o
canhão de vento, a dinamite, a plancastite, o trotil, a
nitrocelulose, o trinitrotolueno, a donarite, o perdite, o amatol,
as granadas de mão, as granadas de fuzil, as de espoletas,
as automáticas, as percutentes, as fusantes, os morteiros,
os torpedos, as minas, os encouraçados, os cruzadores,
os destroiers, as lanchas torpedeiras, os porta-aviões,
os submarinos nucleares, os aviões de caça, os bombardeiros,
os caças-bombardeiros, os B52, os phantoms, os mirages,
os foguetes teleguiados, os mísseis, os patriots, os skuds,
as ogivas nucleares, o canhão a laser, os gazes de combate,
os gazes irritantes, sufocantes, vesicantes, tóxicos, explosivos,
lacrimogêneos, externutatórios, o agente laranja, a bomba
incendiária, a bomba fumígena, a bomba de profundidade,
a bomba de fragmentação, a bomba química, a bomba
bacteriológica, a bomba atômica, a bomba de hidrogênio,
a bomba de nêutrons, as moabs, o netwok-centric warfare,
o quantum stealth, os drones nucleares, a guerra nas estrelas...

Que continua no meio do caminho.

D'APRÉS DRUMMOND: A PEDRA

Naial Uttega

D'APRÉS QUINTANA : JANELAS



Naial
Uttega

D'APRÉS RILKE : CONSELHOS A UM JOVEM POETA

Escreva só se for
De pronto
E poderosamente
A bico de pena
A ponta de pluma
Ou no PowerPoint.

Que seja teu verso
Surpreendente
Ou frio ou quente
Nunca morno
Nunca ausente
Tudo menos banal.

Que seja tua métrica
Psicogeométrica
Inexata mas reta
Tangente ao curvo
Universo multiverso
Ene-dimensional.

Procure nas palavras
A melodia do meio dia
O açoite da meia noite
Mas rimas deixe pra lá
Não é você que procura
Elas é que vão te achar.

Ritmos e algoritmos
É que são importantes
Corações pulsantes
Em líquido fetal
Cadências decadentes
Da cópula primal.

É preto no branco
Ou branco no preto
O toque de cinza
Use só pra compor
As cores todas da vida
Num arco-íris bicolor.

Mas agora ouça bem
O conselho principal:
Ganhe grana, dinheiro
Money, bufunfa, tutu
E fique rico
Rico pra xuxu.

Pra não ter um dia
Que vender poesia
Trocar vida por comida
Mexa-se, vá à luta
Não faça da poesia
Tua prostituta.

Poesia só é brilhante
Se de amante
De amador, diletante
Por isso não leve a mal
Melhor eterno debutante
Que poeta profissional.

Naial Uttega

AQUELE QUE TEM O FOGO

Aquele que tem o fogo
Temido de homens e feras
Jamais encontrou a paz
Desde as mais remotas eras

Aquele que tem o fogo
Vê em volta olhos à espreita
Que vão chegando mais perto
Toda vez que ele se deita

Solitário em sua sina
A quem o fogo domina
O mundo todo é exílio

Visível por mais que faça
De dia pela fumaça
E de noite pelo brilho.

Naial Uttega

MUTANTES

no gorgeio monótono das cilindradas
no chilrear diário dos guardas de trânsito
no tique-tique mecânico dos teclados
desperta

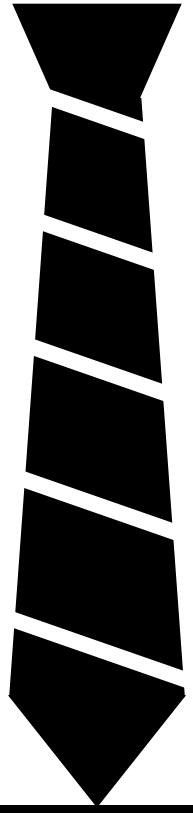
no aconchego numérico das papeladas
na penumbra íntima do neon piscante
no âmago intrínseco da urbe fria
nasce

o ser

completo, adaptado, poderoso

homem-réptil
homem-grupo
homem-massa

que não anda, se esgueira
que não fala, sibila
que nada observa, mas que tudo vê.



sorridente e servil com o patrão
só se manifesta anônimo na multidão
seu habitat são departamentos e escritórios
se expressa também em paredes de mictórios

pela ausência de características
caracterizado

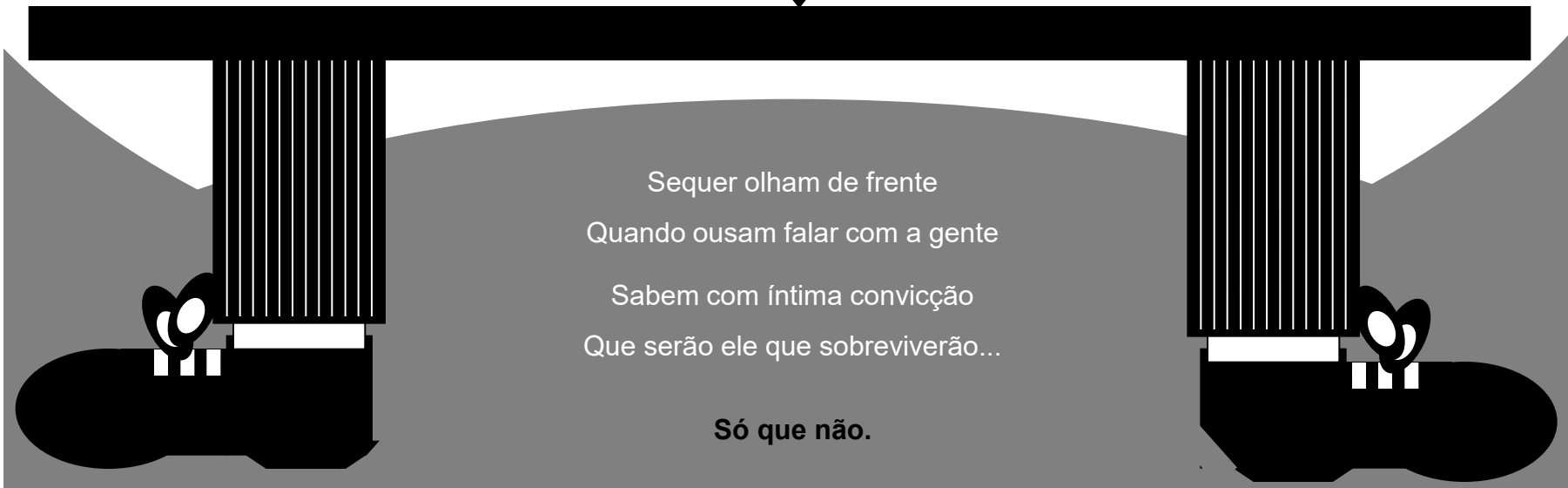
pela falta de imaginação
protegido

pela mediocridade
perpetuado

pulso fino, sangue de barata
cabeça sem recheio

horda amorfa
mas coesa

são mutantes
adaptados ao meio.



Sequer olham de frente

Quando ousam falar com a gente

Sabem com íntima convicção

Que serão ele que sobreviverão...

Só que não.

Naial Uttega

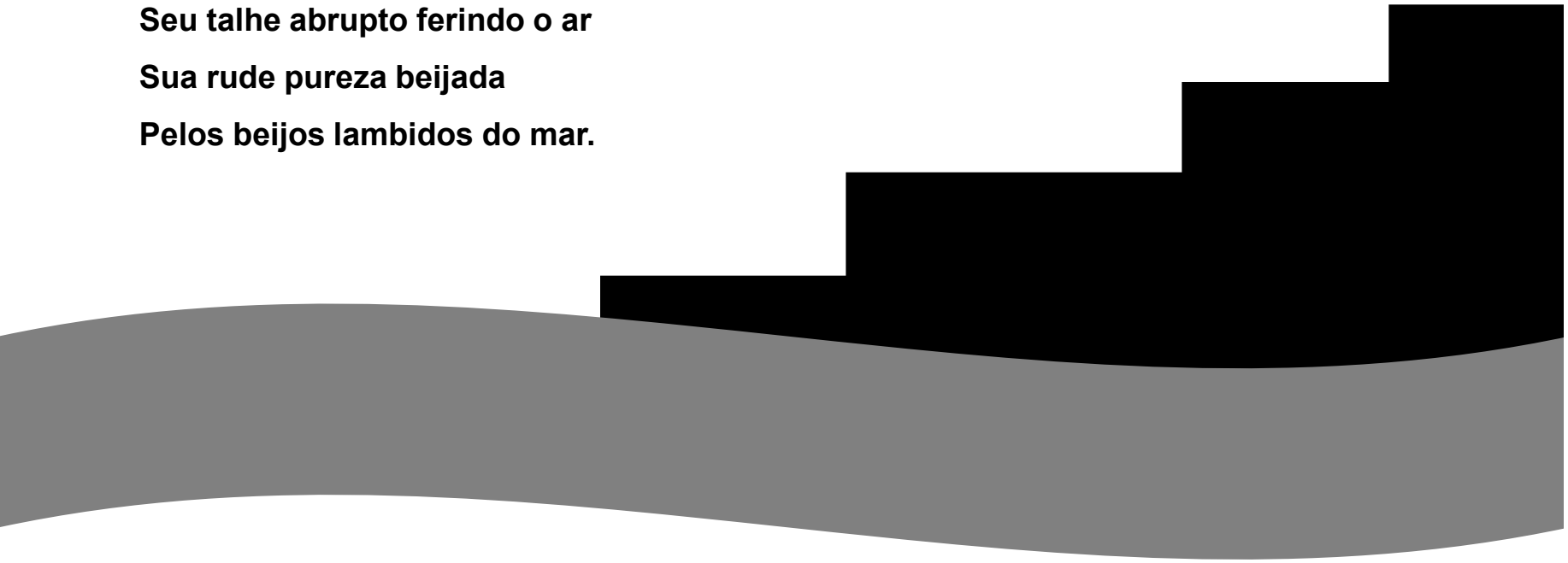
ROCHA:

Sua força cravada na terra

Seu talhe abrupto ferindo o ar

Sua rude pureza beijada

Pelos beijos lambidos do mar.



MAR:

Envolvendo a rocha de carícias

Apalpando a pedra com doçura

Amolda-se ao contorno áspero

Desenhando sua escultura.

UM HOMEM E UMA MULHER - 1

Naial Uttega

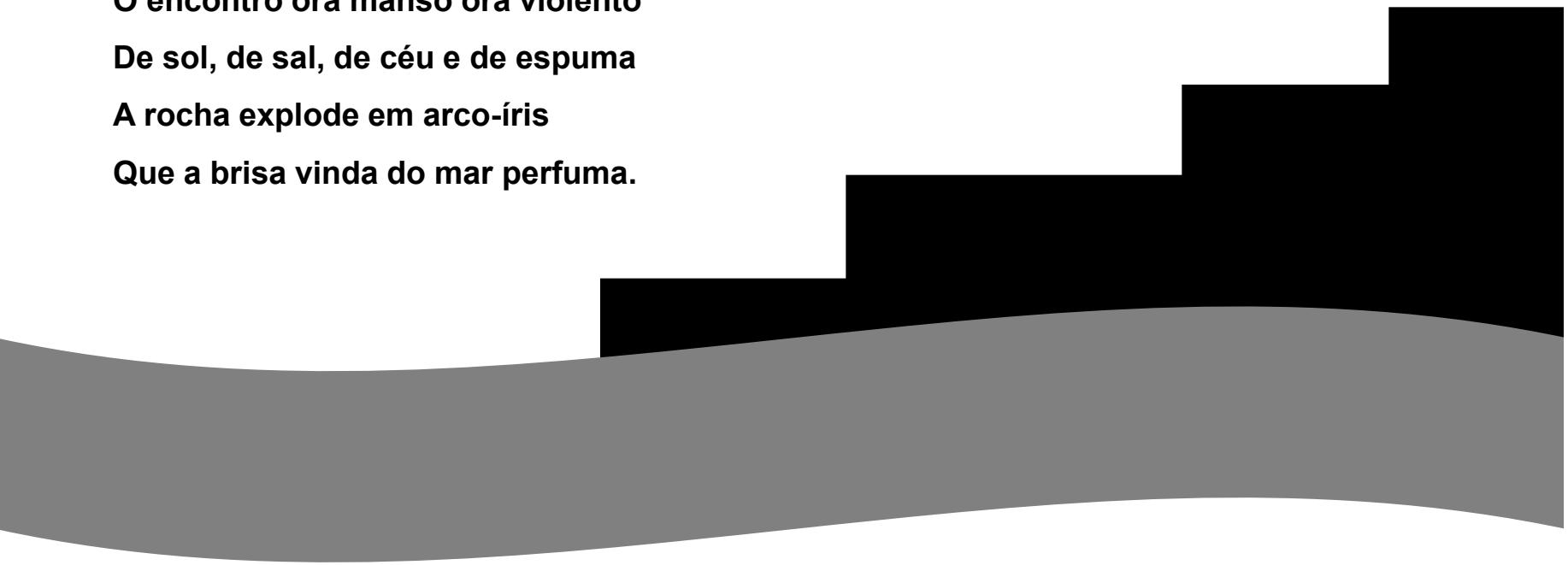
SUPERFÍCIE :

O encontro ora manso ora violento

De sol, de sal, de céu e de espuma

A rocha explode em arco-íris

Que a brisa vinda do mar perfuma.



FUNDO :

Imersas no silêncio ondulante

Escondidas na rocha infinita

Estão as cavernas submarinas

Em lugares que só o mar visita.

Naial Uttega

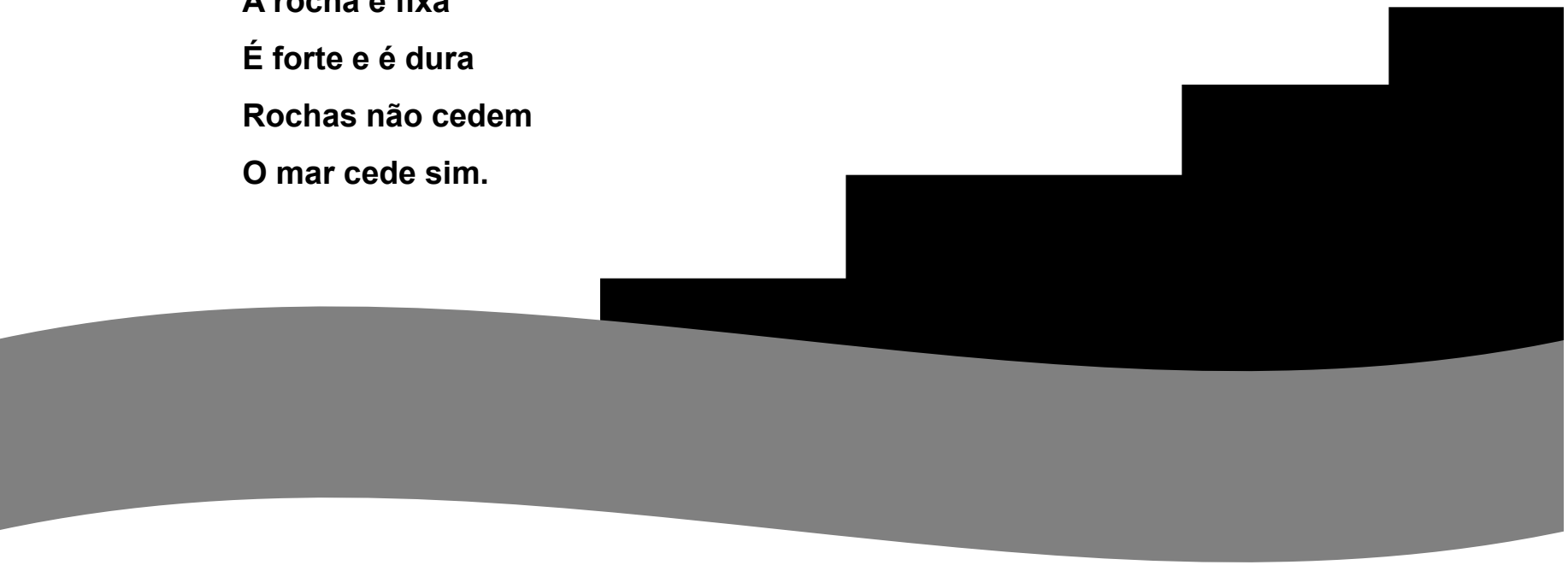
UM HOMEM E UMA MULHER - 3

A rocha é fixa

É forte e é dura

Rochas não cedem

O mar cede sim.



Mas é o mar

Que esculpe a pedra

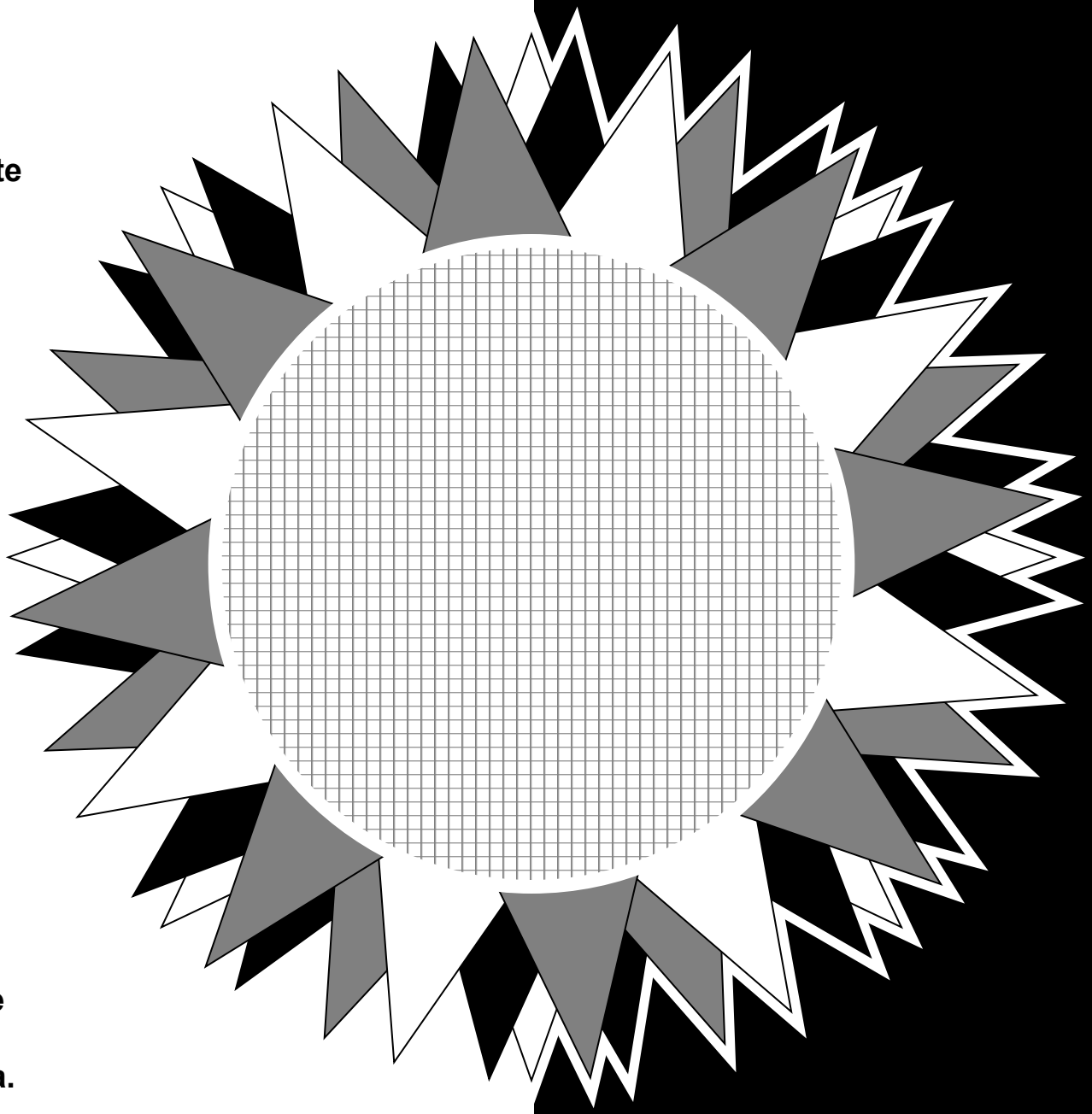
No transcurso

Das eras sem fim...

Naial Uttega

GIRASSOL

Quem
se
volta
somente
para
o
sol

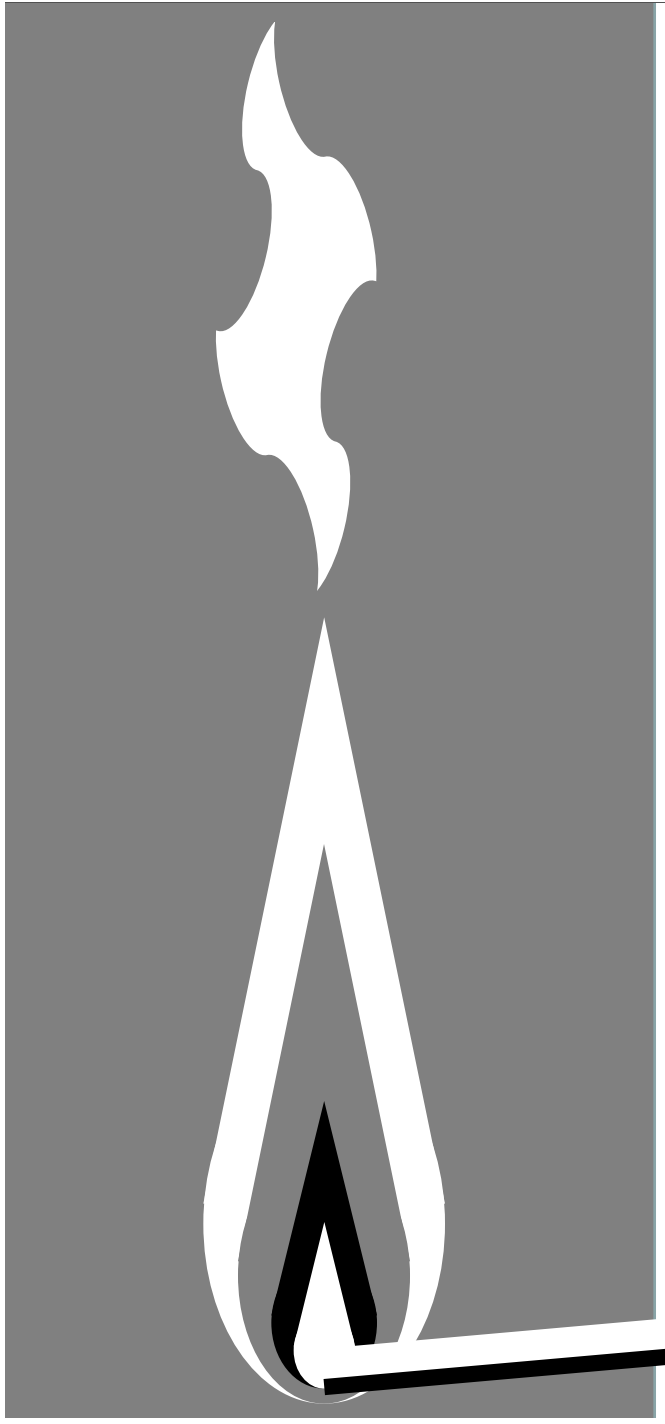


tem
um
lado
sempre
à
sombra.

Só
aquele
que
não
foge
das
trevas

pode
optar
pela
luz.

Naial Uttega



CHACAL

Venho das entranhas
Profundas da terra

Como lobo abutre
Hiena chacal

Senhor absoluto
De homens e feras

Sou bruxo fantasma
Demônio abissal

Respiro os fétidos
Eflúvios do mundo

Bebo o sangue
De auroras boreais

Incendeio corpos
E mentes que domino

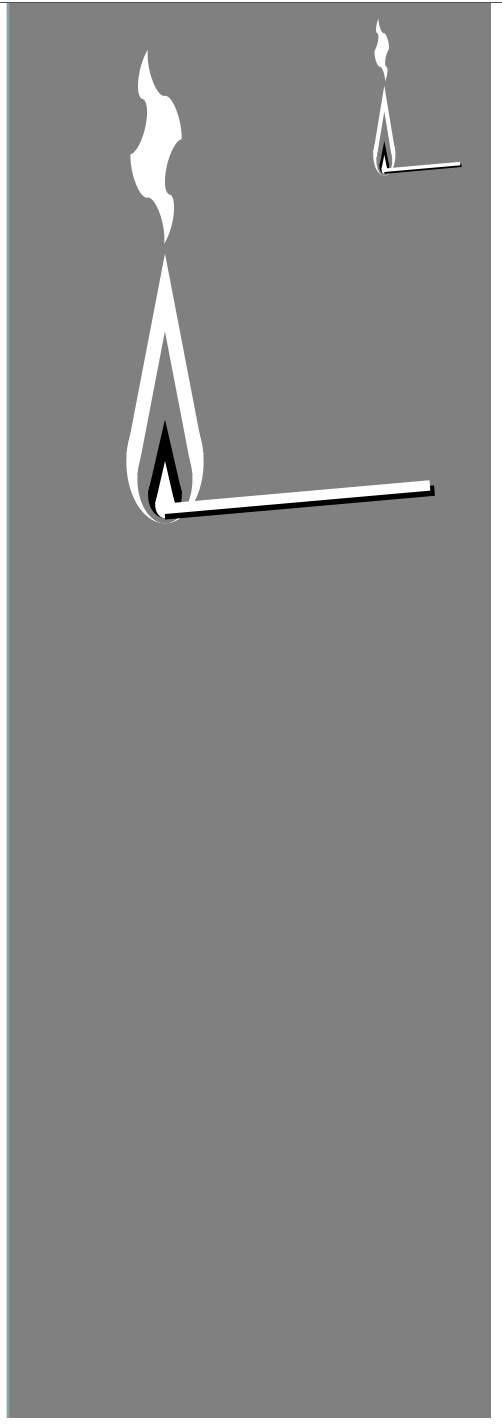
Arranco e devoro
Seus restos mortais

No rastro deixo estrelas
Putas e princesas

Ardendo ardidas
Ardentes acesas

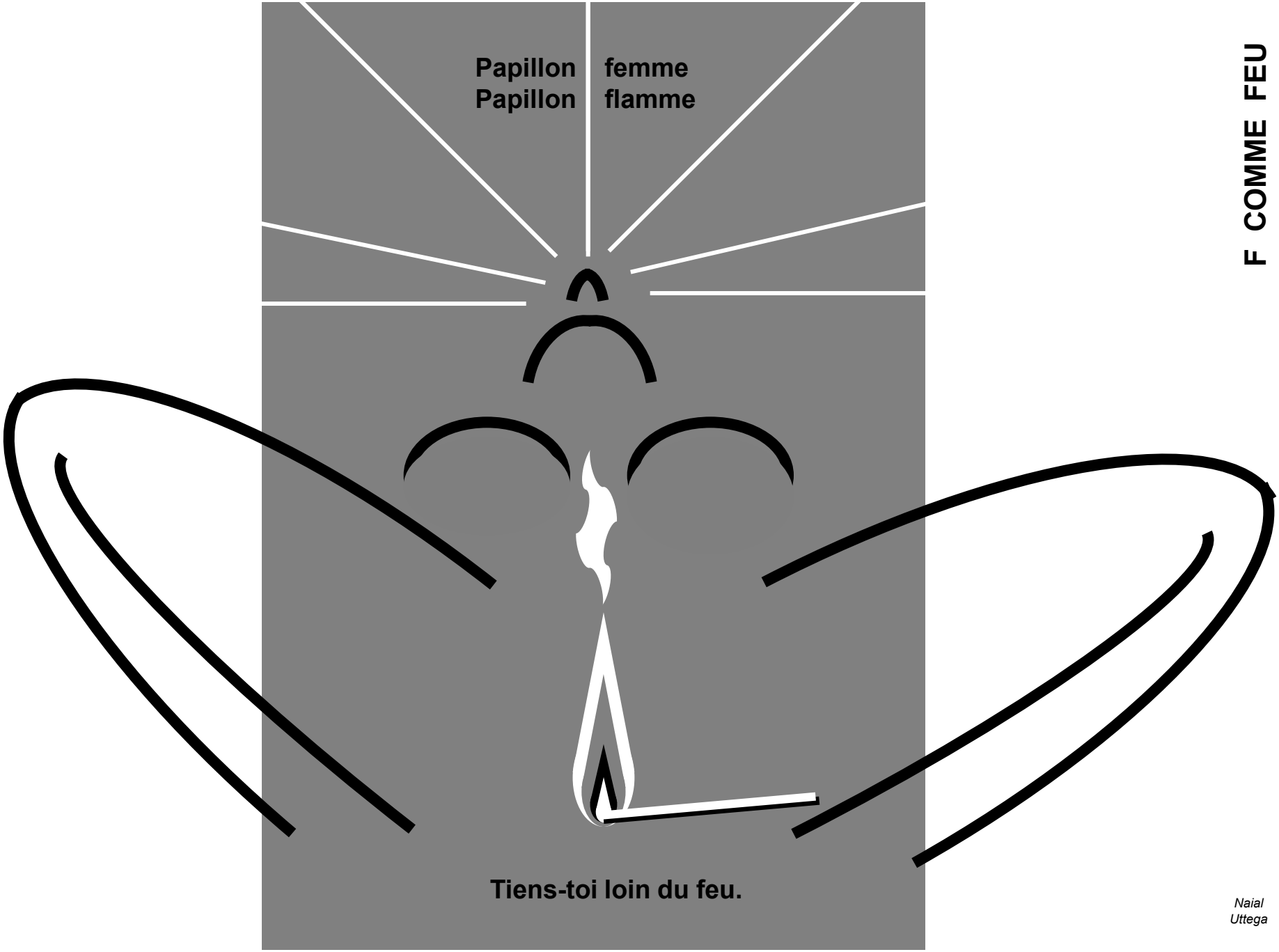
Mestre do caos
Estuprador de certezas

Sou avaro e mesquinho
Colecionador de belezas.



Naial Uttega

F COMME FEU



Naial Uttega

CANTILENA 1 – O GRITO

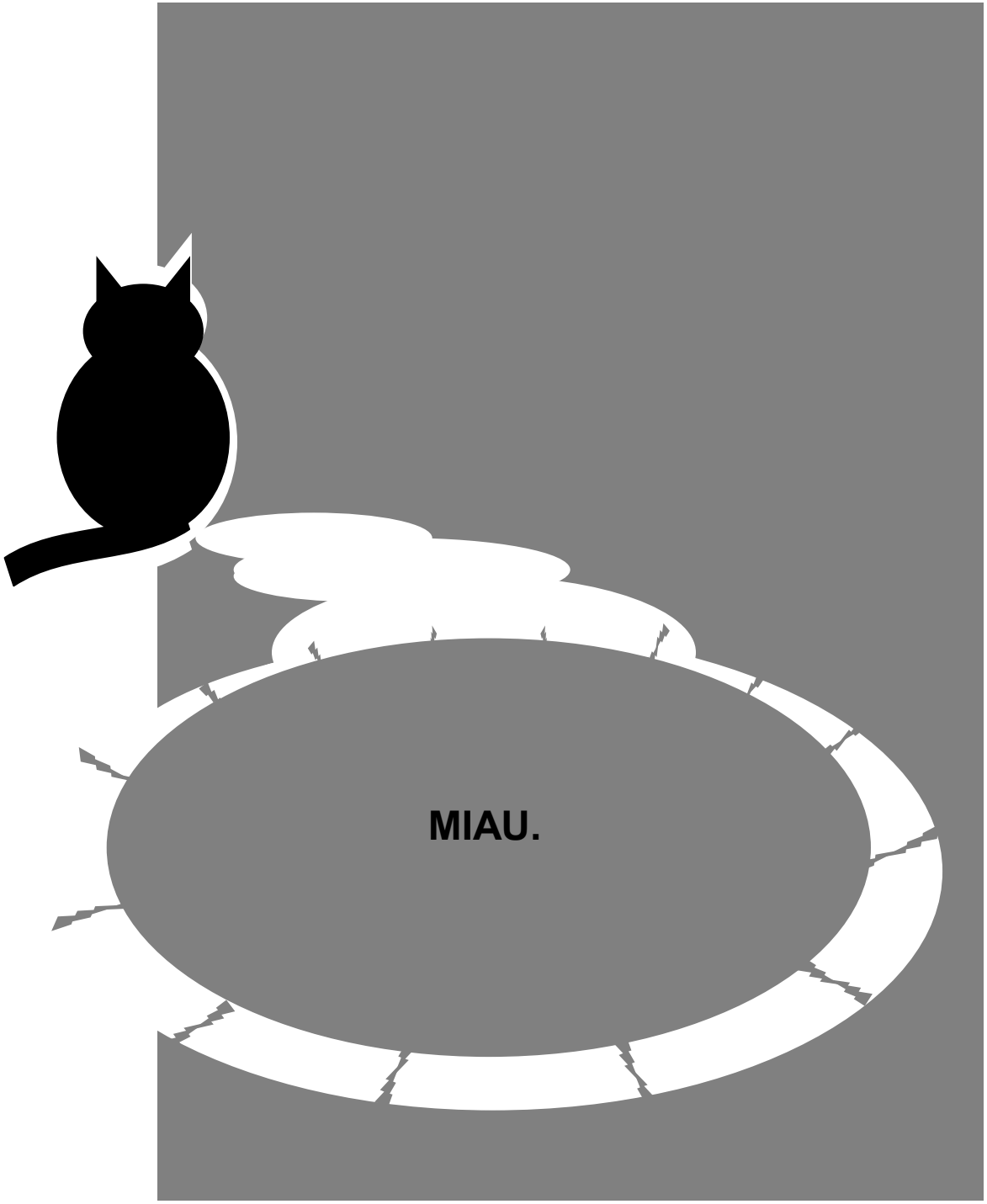
Disposição assassina
Intenção definida
Um pedaço de pau na mão.

Era um gato pequeno
Felino tranquilo
Vivendo ao sol.

Mas o arremesso certeiro
Entre dois olhos brilhantes
Pôs o sangue a jorrar.

Até Chica perturbou-se
Com o gemido rouco
O urro arrepiante.

O berro lancinante
O grito de Munch
Que o gato deu.



Naial Uttega

Pai Francisco boa praça
Francisco pai de todos
Francisco bonachão

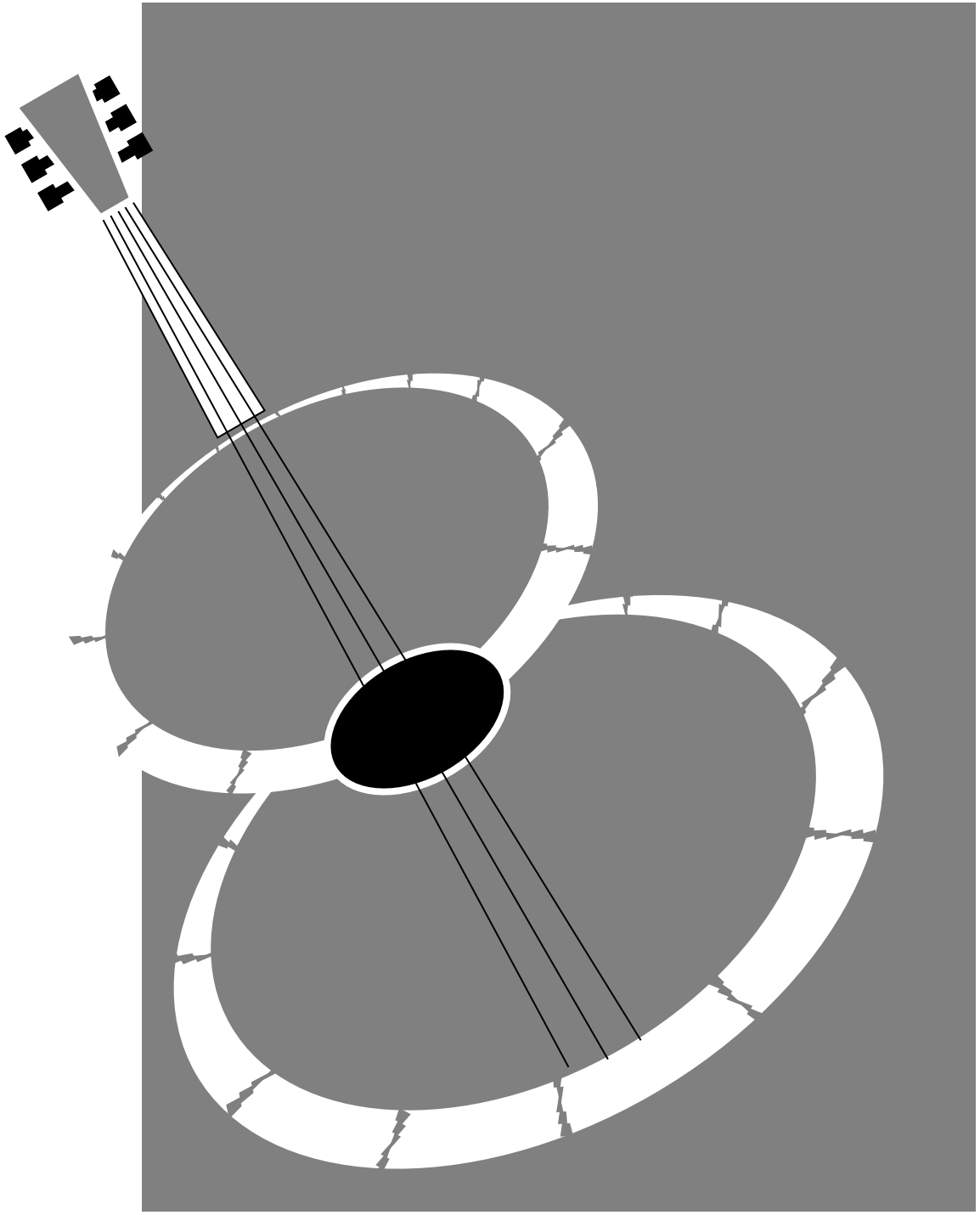
Como Francisco
Ninguém havia
Numa roda de violão

Mas veio de lá
O delegado
E levou-o pra prisão

De lá saindo
Não mais cantava
Não mais tocava o violão

Era pálida sombra
Grotesca desengonçada
Que se arrastava pelo chão.

Pararam Pam Pam.



CANTILENA 2 – VIOLAÇÃO

Naial Uttega

CANTILENA 3 – SAMSARA

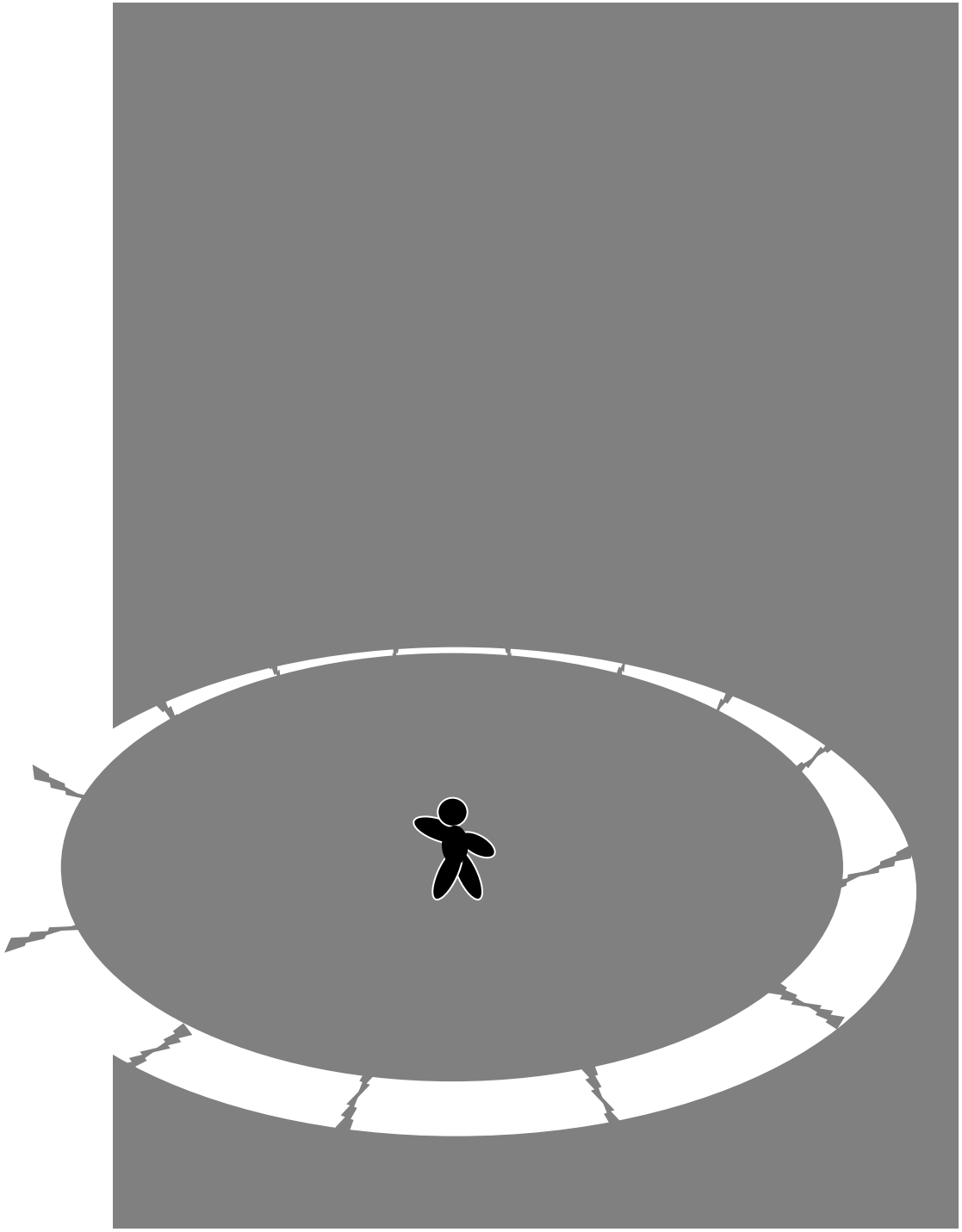
Ciranda
Cirandinha
Cirandão
Giram todos
Na rodinha
Da desilusão.

Anéis toscos
São de vidro
Se estilhaçam
Em caquinhos
Derramados
Pelo chão.

Amor doce
Se derrete
Amor pouco
Se acaba
E não volta
Volta não.

Até poetas
Da rodinha
Jogam lá
Seus versinhos
Dão adeus
E lá se vão.

Pé com pé
Mão com mão
Giram todos
Na ciranda
Da perfeita
Solidão.



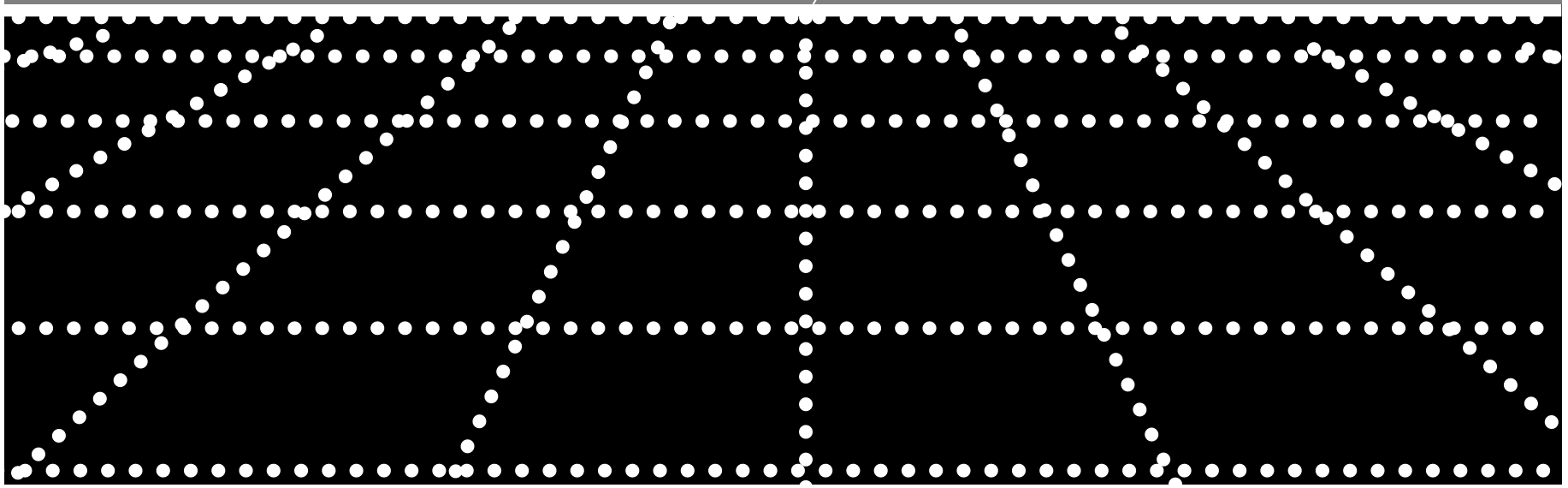
Naial Uttega

Há seres que flutuam no ar
Entidades anacrônicas
Boiando nas noites quentes.

São seres que alçam vôo
E partem turbilhonando
Ao sabor dos ventos
Das brisas suaves
Dos vapores espessos
Do hálito da terra.

São seres que pairam no espaço
Além das pequenas luzes
Que brilham na noite quieta
Muito acima das cidades
Muito além dos pequenos dramas
Muito além das vidas minúsculas.

Liga-os à terra apenas
Um quase imperceptível
Cordão umbilical.



ATMOSFERA

Naial Uttega

ALQUIMIA

Líquido viscoso
Pingo a pingo pingando
Cozido em fogo brando

pingo...

Chamas dançantes
Da lareira num canto
À espera do encanto

pingo...

No íntimo da matéria
Nas gotas em ebulição
A iminente a reação

Pulso a pulso pulsa
Ainda inexistente
A reação latente

pingo...

Elementos se fundem
No calor a pingar
Terra, fogo, água e ar

pingo...

E assim o próprio tempo
Em cada gota quente
Vai pingando lentamente.

pingo.

Naial Uttega

Saúdam-te os tigres
Também na neve marcadas
Tuas pegadas
Também teus dentes de leite
Serão dentes de sabre
FORÇA CONTIGO.

Saúdam-te pulsares e supernovas
Latejantes de espaço-tempo
Pulsantes com teu coração pequeno
Brilhantes galáxias em teus olhos
Vias lácteas na tua mamadeira
LUZ CONTIGO.

Saúdam-te os mares profundos
Ocultas cavernas ondulantes
Iluminadas por estrelas vivas
Tempestades terríveis na superfície
Tranquilidade amniótica logo abaixo
SERENIDADE CONTIGO.

Naial Uttega

Saúdam-te os povos da Terra
Multi-homens, polipovos, pluriculturas
Emoção e técnica, ciência e arte, paz e guerra
Civilizações inteiras, ouça e aprenda
Em cada fato, de cada pessoa
SABEDORIA CONTIGO.

Saúdam-te as estrelas
Pule e pegue uma delas
Aquela que em teus olhos brilhar
E se neste pulo te faltarem pernas
Tuas muletas serão asas que te farão voar
DETERMINAÇÃO CONTIGO.

Saúdam-te os dias ensolarados
Pelo sol interior que em ti nascerá
Que fará da tua noite um dia
E do teu dia um dia
Com dois sóis a brilhar
BELEZA CONTIGO.

Naial Uttega

E liberdade, originalidade, curiosidade

E profundidade, generalidade, criatividade

Amar e vencer, contemplar e agir

E domínio

Interior sempre, exterior se necessário

SENSIBILIDADE CONTIGO.

Aprenda também a ser feliz

Não somente ao final das etapas cumpridas

Mas em todos os momentos do percurso

Uma felicidade básica, indelével e fundamental

Nascida com a vida, independente do processo

FELICIDADE CONTIGO.

Saúda-te a Mamãe, o Papai e toda tua família

Saúda-te o teu futuro amor

E saúda-te o teu futuro bebê

Ao qual você também um dia

Escreverá uma poesia

TODOS NÓS CONTIGO.

BEM-VINDO BEBÊ - 3

Naial Uttega

BOLERO

Como irei morrer não sei
Se novo, se bem velhinho
Se na terra ou no céu

Sei apenas que estarei
Cantarolando baixinho
O Bolero de Ravel

Um ritmo a pulsar
Como as últimas batidas
De um cansado coração

Melodia a derramar-se
Como o sangue das feridas
Que se espalha pelo chão

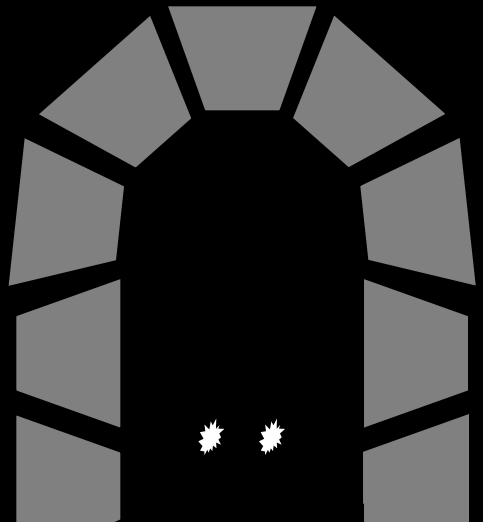
Eu irei deixar a vida
Ao som vivo do bolero
Derradeira sensação

E dançarei pela morte
No compasso do bolero
A primeira impressão

Ponte entre mundos
É a força do bolero
Que fará a transição.

Naial Uttega

A TOCA DO MONSTRO



Tudo tranquilo
Inicialmente...
O silêncio, o ar parado
Tudo tranquilo
No portal de entrada
Da caverna escura.

Mas no âmago da gruta
Lá do fundo me vem
Um vago pressentimento
Uma estranha sensação
Como se algo se movesse
No seu negro coração.

Será movimento mesmo
Ou apenas impressão?
Por que sinto nos ossos
Esta surda vibração?
Que escura coisa é essa
Que agita este chão?

Farejo vagamente
Um cheiro de animal
Um vento quente e enjoativo
Empurrado por algo imenso
Que se move rápido
Nas entranhas da terra.

Olho para o antro profundo
E nada vejo, nada...
Mas nas trevas adivinho
Coisas que deslizam
E rosnam subterrâneas
Ocultas na escuridão.

Sim, agora vejo!
Pálido fulgor, diminuto brilho
Lá no fundo da caverna vejo
Dois pontinhos de luz
Bem pequenos, pequeninos
Mas que aumentam...

São dois olhos chamejantes
Que se aproximam velozes
O rouco rugido do monstro
Faz tremer o mundo
Sinto o bafo quente da besta
Já quase em cima de mim.

Com rapidez estonteante
A serpente gigantesca
Projeta-se da toca
E mostra finalmente
Suas escamas de prata
Seu enorme corpo de lata.

Será este o meu fim?
Não! O monstro erra o bote
E passa rente a mim
Estarei salvo? Quem dera!
A coisa maligna abre seu flanco
E me engole por inteiro.

No bucho quente da fera
Sinto-a mergulhar de volta
Nos abismos sombrios...
Leva-me consigo
O Monstro-Metrô
Para o centro da Terra.

Naial Uttega

FOTOPOEMA

Olhiôlho redondôlho
Clic na feira o repolho
Olhiôlho grandiolhão
Clic gatinhas sensação

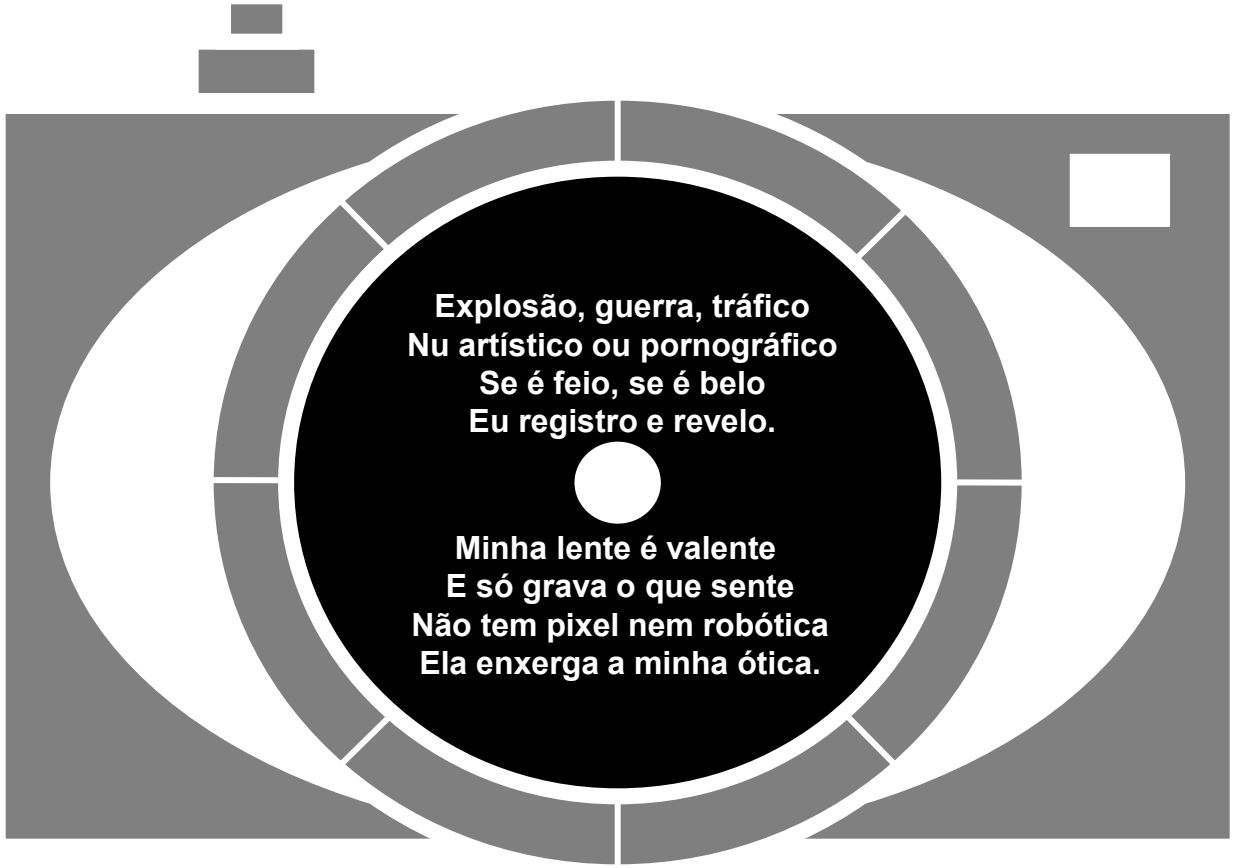
Vai com data e sem data
Paletó e de gravata
Não se mexa 1, 2, 3
Olhiôlho outra vez

Olhifato olhisonho
Olhideus olhidemônio
Olhiôlho ja que vês
No formato 6 x 6

Clic top model clic-clic-clic
À vontade e muito chic
Clic relógio big ben clic
Tique, taque, taque, tic

Objetiva subjetiva
Lente filtro de luz viva
Luz que lança a semente
No adubo da tua mente

Olhiôlho redondôlho
Para não ficar de molho
Capte a luz em sua viagem
E esculpa-lhe a imagem



Naial Uttega

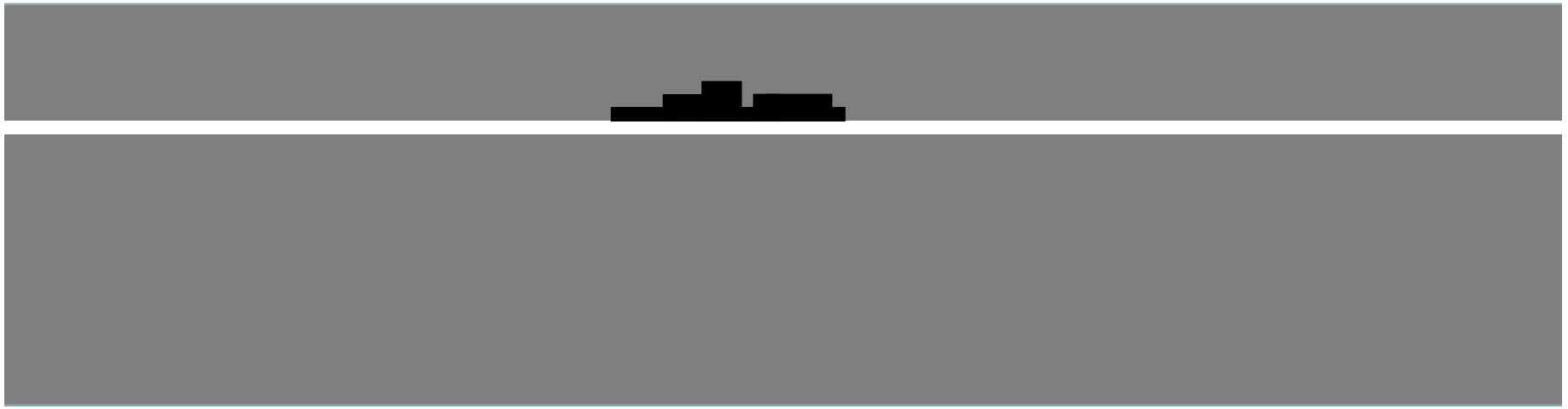
A montanha tinha boca. Boca grande e escancarada, dentes gigantescos, lábios vermelhos e hálito de sangue.

Mesmo aberta, percebi que a boca sorria, encravada na pedra da montanha.

Entrei...

Passei por cima dos dentes e pisei numa língua viscosa, tão mole que me subia até os joelhos dificultando o andar.

Do alto, do céu da boca, pendiam enormes estalactites de carne que de vez em quando gotejavam soltando grandes bifes vermelhos que se esparramavam em pilhas volumosas.



De súbito, numa torrente de saliva, carne e sangue, a boca se fechou e me engoliu.

Desci por canais infindos até as entranhas do mundo. Fui parar no meio de um mar gosmento e profundo no qual nadei até atingir a ilha.

A ilha...

Na praia da ilha eu vi, sob a luminosidade fraca de um crepúsculo vermelho, corpos de homens e mulheres incrustados na areia da cintura para baixo, a oscilarem todos juntos, balançando ritmicamente a metade exposta de seus corpos como que agitados por uma brisa que eu não sentia. Quando me viram, pararam de oscilar e, fixos onde estavam incrustados, começaram a murmurar em coro cada vez mais alto, cada vez mais forte. À medida que o murmúrio aumentava, o sol ia desaparecendo e uma noite vermelho escuro começou a descer. Os olhos dos homens e mulheres começaram a brilhar no escuro como tochas acesas e seu murmúrio tornou-se um cântico cada vez mais selvagem até que, rindo ferozmente, as cabeças de olhos faiscantes soltaram-se dos corpos enterrados e voaram todas juntas enchendo o ar da noite com o som de seus risos, de seus dentes batendo, com as luzes girantes de seus olhos imensos. As cabeças voaram em bando para longe deixando atrás de si na areia os seus semicorpos sem vida. Aproximei-me desta floresta de troncos e braços inertes e, quando me encontrava bem no meio deles, repentinamente um corpo de mulher agitou-se e com seus longos dedos em garras segurou meu tornozelo. Com a mão livre o corpo apalpava e mostrava o lugar vazio onde havia estado a sua cabeça. Virava então para cima a palma de sua mão como que a indagar o que havia acontecido com a cabeça. Todos os corpos em volta também começaram a se contorcer clamando frenética e silenciosamente por suas cabeças. Nesse instante passou uma cabeça voando sozinha, desgarrada do bando. Era uma cabeça masculina, barbada e de olhos brilhantes. Passou voando baixo e todos os corpos ergueram os braços querendo pegá-la. O corpo de mulher que segurava meu tornozelo largou-me e, enquanto todos os corpos tentavam pegar a cabeça, pude seguir meu caminho. De longe voltei-me e vi que um dos corpos havia conseguido segurar a cabeça pelos cabelos mas como todos os corpos a queriam e disputavam, ela foi sendo arrancada de mão em mão até ficar comple[redacted]esfacelada. Prossegui andando pelos caminhos da Ilha.

Passei muito tempo na ilha, aprendi a conhecê-la. Descobri que quando amanhecia as cabeças voltavam para seus corpos após terem se alimentado durante a noite, comendo a carne e bebendo o sangue de pequenos animais semelhantes a geleias vermelhas que abundavam na ilha. Enquanto comiam, era comum que as cabeças fossem atacadas por mãos que caminhavam sorrateiramente na areia como caranguejos. Estas mãos pulavam subitamente nas cabeças tentando arrancar-lhes os olhos com as unhas. Se por acaso não conseguissem eram imediatamente devoradas. O céu sempre avermelhado da ilha às vezes formava nuvens pesadas e baixas que se desmanchavam em chuvas de placenta na qual pululavam inúmeros fetos humanos e de animais. Os fetos não se debatiam por muito tempo no chão pois as árvores da ilha estendiam suas raízes como tentáculos sugando-lhes até a última gota de material orgânico. Quando os frutos gerados por estas árvores ficavam maduros, desprendiam-se dos galhos e se espatifavam no chão formando poças rosadas de sangue e pus que coagulavam e apodreciam fertilizando o solo da ilha, assim originando novas árvores carnívoras. Cerca de uma vez a cada ano, surgia do mar escuro e viscoso, uma serpente de escamas reluzentes de gosma vermelha. Cada uma destas escamas era maior do que duas árvores juntas. A serpente gigantesca rastejava até o centro da ilha e, lá chegando, cavava um buraco profundíssimo onde ficava completamente enterrada durante vários dias. Durante esses dias a serpente se contorcia ritmicamente dentro do buraco, pulsando como um coração imenso, causando contínuos tremores de terra que eram sentidos por toda a ilha. Depois de esfregar-se por dias e dias contra as paredes do buraco, a serpente voltava ao mar e desaparecia. Gradualmente o local onde ela estivera inchava como um grande furúnculo roxo encravado na terra. Meses depois o novo vulcão, numa explosão de gosma esbranquiçada, liberava, recém nascidos, todos os seres que habitavam a ilha.

Naial Uttega

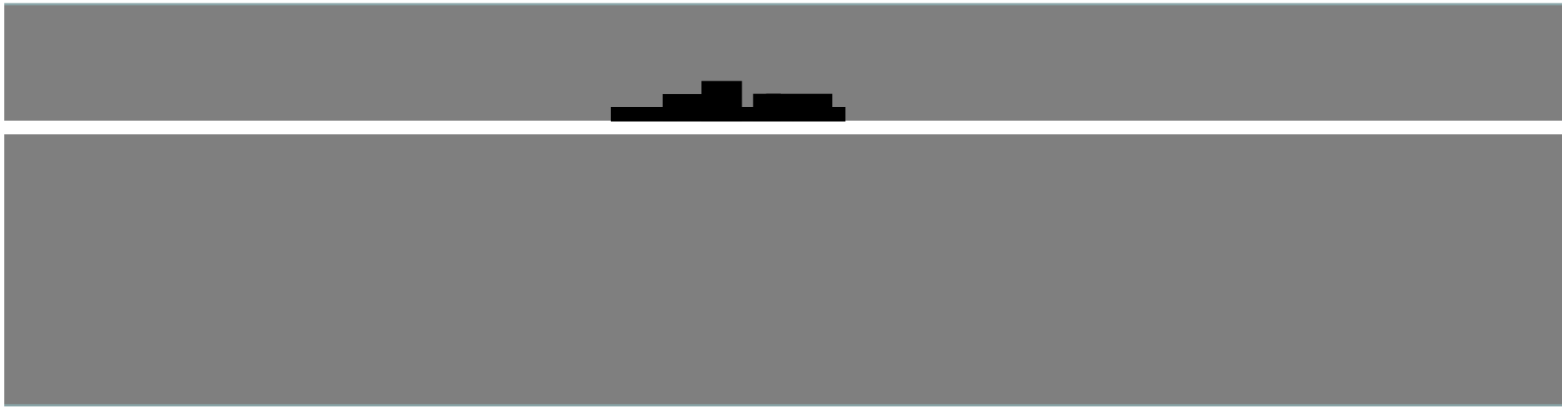
Hoje em dia estou acostumado às particularidades da Ilha.

Tomando alguns cuidados básicos, não sou perturbado por nenhum de seus ocupantes.

Fiz uma casa deveras confortável com instalações próprias para churrascos de carnes que por aqui não faltam.

Na verdade, para um bem-estar completo, só me falta mesmo uma companheira.

Mas não me preocupo muito com isso pois sei que mais cedo ou mais tarde a boca encravada na montanha engolirá uma bela mulher e que nossos descendentes irão um dia povoar esta ilha.



Só espero que eles não perturbem em demasia o delicado equilíbrio ecológico deste local...

ENTRE DUAS ETERNIDADES

Nasceu o homem
Ínfimo espaço
No centro das direções infinitas
Matéria escassa perdida
Na substância cósmica
Minúsculo parênteses
Entre duas eternidades.

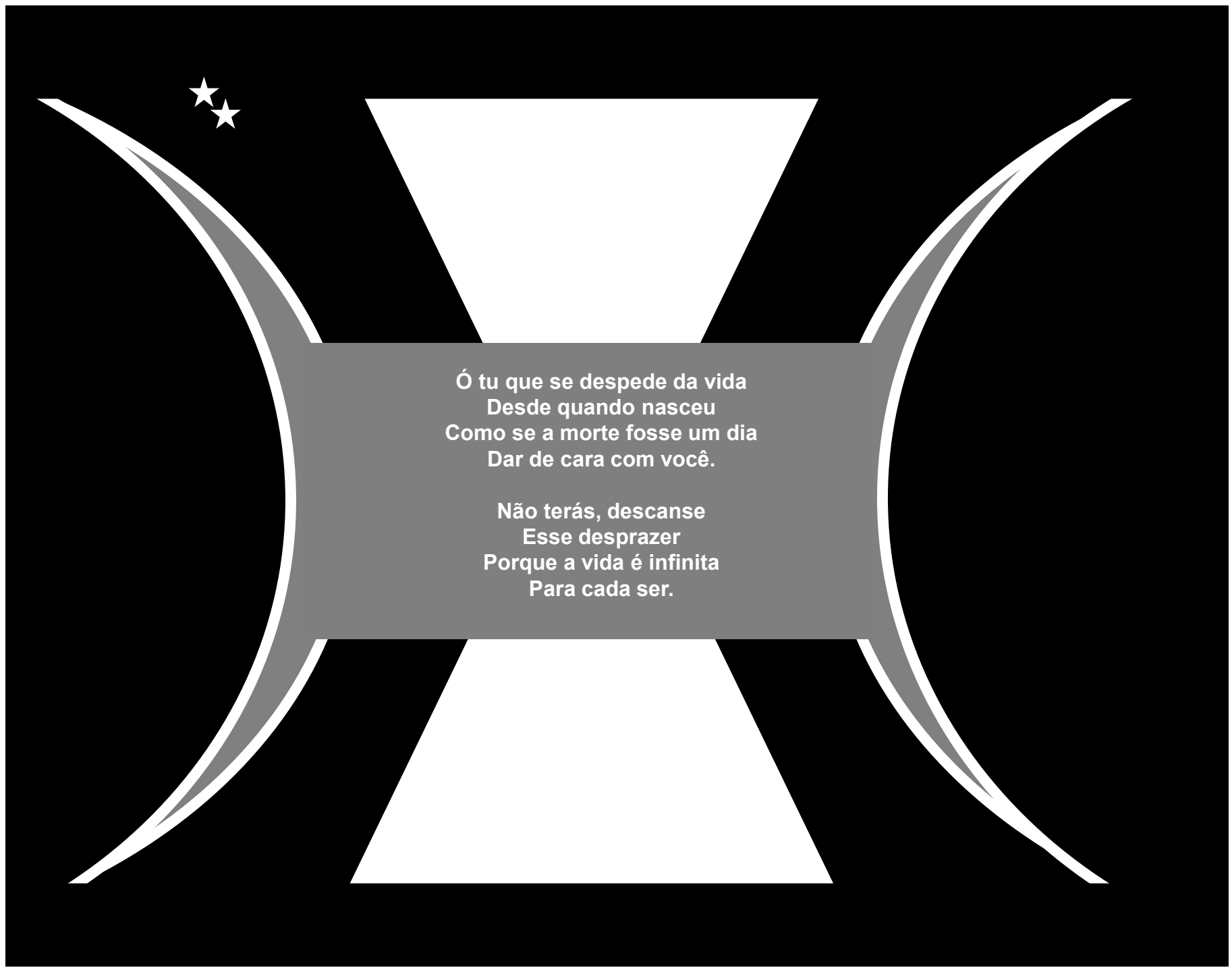
Nasceu e já morreu
Viveu num átimo
De pretensa individualidade
Num lampejo
De falso isolamento
Num infinitésimo
De ilusão dicotômica.

Buscou a verdade
Não a verdade real
A verdade tranquila das pedras
Não a verdade única
Da intimidade da matéria
Não a verdade eterna
Daquilo que é, foi e será.

Buscou sim a verdade faiscante
A que aparece e desaparece
Com seus próprios delírios verbais
A tosca verdade que aglutina
Distorcidas percepções parciais
A verdade fugidia que oscila
Ao sabor de esdrúxulos referenciais.

Morreu o homem
E por fim descansou
Diluiu-se no mundo
Fundiu-se com o universo
Fez parte da verdade
Da verdade única
Da verdade completa
Da verdade sem fim.

Naial Uttega



FORA DAS ETERNIDADES

Ó tu que se despede da vida
Desde quando nasceu
Como se a morte fosse um dia
Dar de cara com você.

Não terás, descanse
Esse desprazer
Porque a vida é infinita
Para cada ser.

Naial Uttega

SONETINHO TEIMOSO

Existem coisas que insistem
No desejo mais secreto
Como a gramínea que nasce
No descuido do concreto

É mania dos pernetas
Querer pernas e não tê-las
Bater asas com as muletas
E voar para as estrelas

Mania que a lua tem
De se refletir tão bem
Sobre a lama do esgoto

E do poeta a mania
De desenhar poesia
Embora eterno canhoto.

Naial Uttega

TERRA, TERRINHA

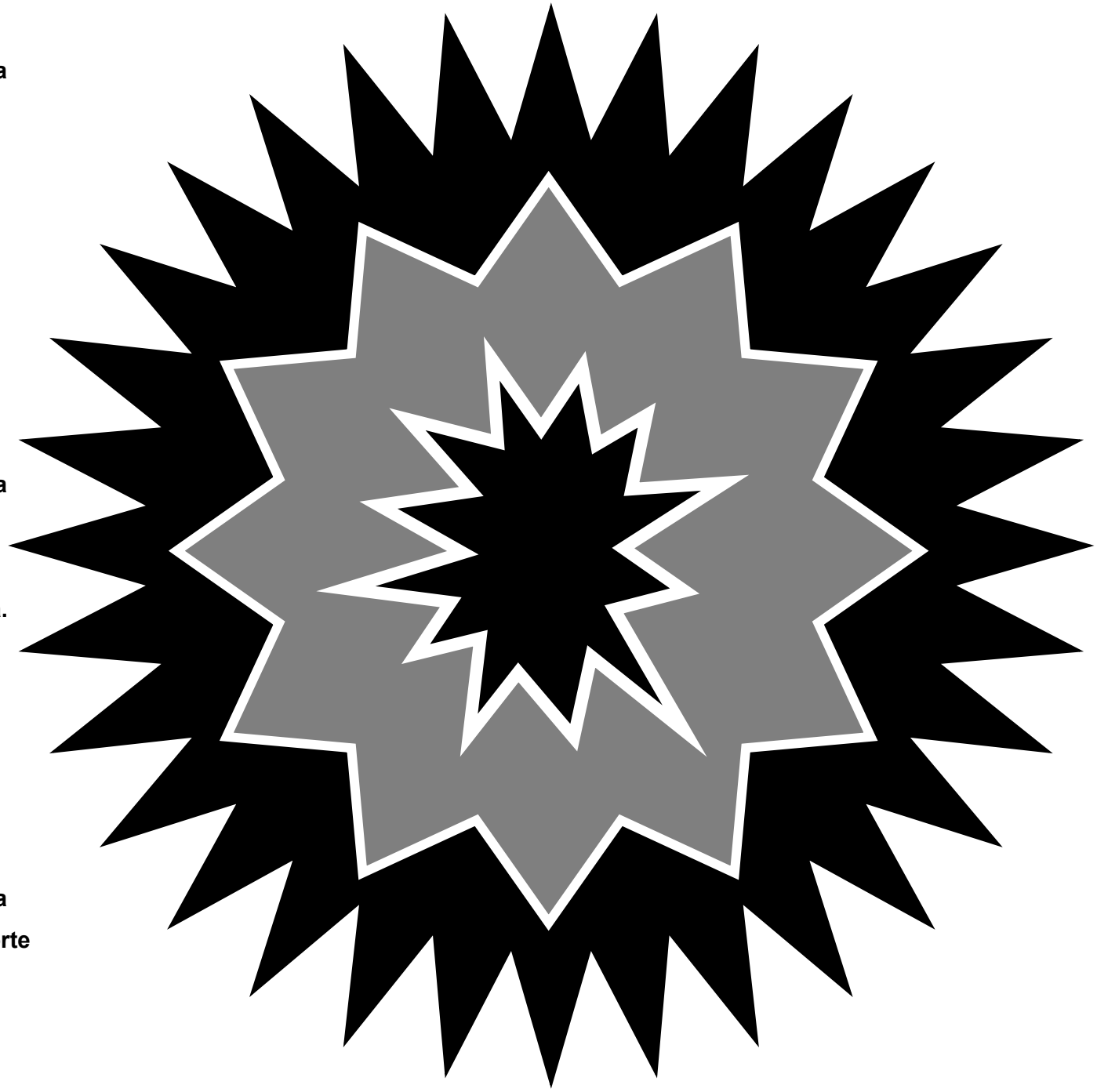
Terra, Terra, minha Terrinha
Minha amante, meu amor
Amo teus dias gelados
E teus dias de calor.

Quero lamber tua chuva
Me enterrar nas tuas areias
Sondar abismos vazios
Devorar montanhas cheias.

Terra, Terra, minha Terrinha
Minha musa, minha puta
Abra teus mares e mostre
Teu núcleo ígneo, tua gruta.

Explodiremos vulcânicos
Com a força de mil sóis
Enquanto morro e renasço
Atolado em teus atóis.

Terra, Terra, minha Terrinha
Minha amada, minha consorte
Se somos um só na vida
Um só seremos na morte.



Naial Uttega

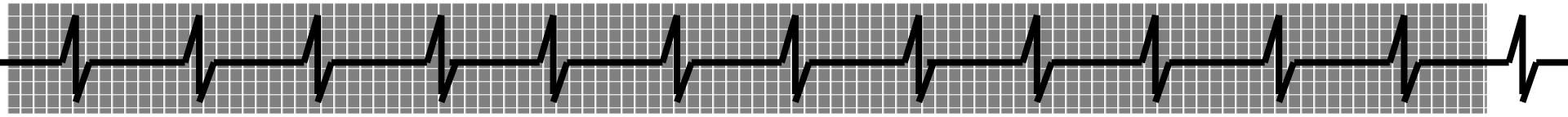
CACO BATRÁQUIO

Boa noite. Deixem que eu me apresente: sou... bem, quem eu sou não importa, mas podem me chamar de Caco. Caco Batráquio, ao seu dispor, zelador noturno daqui do Museu. Noturno, é claro. Os diretores nunca me deixariam ser visto de dia. Dizem que não fica bem para a imagem do Museu. Vocês sabem... minha aparência... Bem vocês entendem, não é mesmo ? É por isso que eu concordo, sempre concordo com eles. Não são más pessoas. Alugo deles o quartinho do sótão onde durmo durante o dia. Às vezes até ganho alguns trocados. E assim tem sido nos últimos... Quantos anos mesmo? Muitos, muitos anos... Sinto-me bem. Talvez seja exagero dizer bem, mas ao menos indiferente eu me sinto. Hoje, como sempre, passei o dia no meu sono pesado e sem sonhos. Desci com meu espanador para as salas. O expediente do Museu encerrou há pouco e esta é a hora mais desagradável do meu dia. Meu dia que é noite, não é dia. Ainda ecoam nas paredes os ruídos e vozes da visitação agitada. Ainda palpita no ar a indignação dessas peças milenares profanadas por olhares casuais. Ainda sinto na carne a tensão e o calor provocados pela revoada de passeadores alheios e ocasionais. É só mais tarde, nas horas mortas e inelásticas da noite, que a poeira vai assentando, que as coisas readquirem imobilidade, constância, essência. É só então que as borboletas espetadas, os ossos fossilizados, as múmias, os esqueletos dos grandes animais retomam a eternidade obsessiva, a autossuficiência, aquela ampla e solene independência para com o passar do tempo. Sim, conheço completamente cada detalhe, cada trecho, cada reentrância deste lugar e, por isso, a penumbra não me incomoda. Não, meu mundo não é macabro, não é sinistro. É somente um mundo controlado, fechado, previsível. Tudo aqui é igual. Sempre igual. Total e apavorantemente igual, parado, constante, fixo, como as fotos sorridentes de uma vida vivida. Venha passear aqui dentro comigo. Veja este índio que sempre esteve aqui, com a mesma mão levantada tentando segurar o nada, com a mesma expressão que já não expressa nada de tanto ser a mesma. Veja essa jiboia para sempre enrolada no mesmo nó. Veja este crânio rachado, eternamente pousado sobre seu sorriso rígido. E veja a mim. Observe que aqui também estou eu. Eu que sou parte deste mundo, que sou o mesmo, que nunca mudei. Eu que sou inerte, frio e perpétuo. Eu que sou o contraponto de viver. Fico à disposição para perguntas. Se já estive fora do Museu? Sim, uma vez. Se estranhei muito o lado de fora? Sim, um pouco. Se gostaria de voltar ? Para mim tanto faz. Tanto faz? Sim, tanto faz. Por quê? Porque vocês, as sociedades de vocês, o íntimo de vocês... *são como um grande museu à noite*.

Naial Uttega

Cada vez mais distante o bip compassado
Dos aparelhos grudados em meu tórax
Por pequenas medalhas cor de pele
Que honram o mérito de uma vida longa.

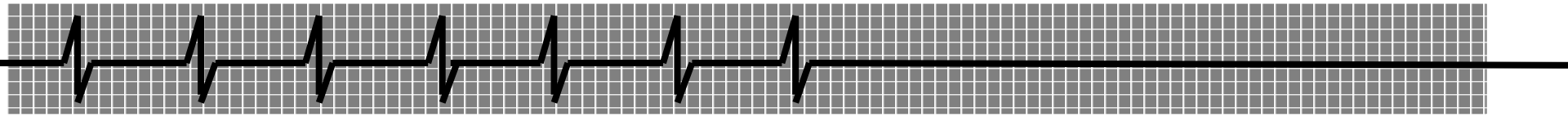
BIP



Sou de novo menino deitado na grama
Sentindo o chão, o sol e a brisa quieta
Com os olhos estreitados pelo sono
A observar o movimento das nuvens do céu.

Uma imensa sensação de que tudo vale a pena
Que tudo faz sentido, tem motivo e é bom
Que Deus existe, é grande, bonito, risonho
E que brinca de soprar as nuvens do céu.

Sensação de que o mundo não tem limites
Nem o tempo, nem o céu, nem a vida
Sensação de um momento presente contínuo
Sem transição entre passado eterno e futuro infinito.



Meus olhos se abrem no quarto antisséptico
E sorrio ainda uma última vez
Vejo que no fundo eu sempre soube
De tudo aquilo que havia para saber.

Naial Uttega

I - DO SENTIMENTO DO ARQUEIRO PELO SEU ARCO

O bom arqueiro primeiramente admira o seu arco, sua flexibilidade, sua forma, seu desenho. Avalia seu peso, sua compacidade, a força contida na corda retesada.

II - DO ATO DE EMPUNHAR O ARCO

A mão esquerda do bom arqueiro empunha o arco com familiaridade e segurança, mas também com o respeito daquele que segura pela coleira um animal selvagem ainda não completamente domesticado.

III - DA ESCOLHA DA FLECHA

O bom arqueiro escolhe lenta e cuidadosamente sua melhor flecha. Olha-as todas sob todos os ângulos. Elege a mais perfeitamente reta, a mais agressiva, a mais cortante, a que for imagem da velocidade mais aguda.

IV - DO SILÊNCIO QUE ENVOLVE O ARQUEIRO

Apontando para baixo, o arqueiro coloca a flecha no arco e a encosta na corda. A partir deste momento, o arqueiro envolve-se de um grande e profundo silêncio. Nada mais existe a não ser ele mesmo, o arco, a flecha e o alvo. Seus olhos estão fixos no menor dos círculos concêntricos e lentamente, à medida que levanta o arco, ele puxa a flecha para trás.

V - DAS SENSAÇÕES DO ARQUEIRO AO PUXAR A CORDA

O bom arqueiro não olha seus próprios movimentos. Seus olhos fixam apenas o alvo. Mesmo sem ver, entretanto, ele sente as tensões nas fibras do arco, sente a corda pressionando seus dedos, sente a flecha livre, solta, querendo partir. Seu braço esquerdo levanta o arco, seu braço direito estica a corda mais e mais.

VI - DA DECISÃO TOMADA PELO ARQUEIRO

Quando a ponta afiada da flecha interpõe-se entre seus olhos e o alvo, com o braço esquerdo já firme em nível, com a corda tensionada ao máximo, o bom arqueiro toma uma decisão tranquila, porém definitiva e fundamental: a flecha atingirá o alvo.

VII - DO EQUILÍBRIO ENTRE O ARQUEIRO, O ARCO E A FLECHA

O bom arqueiro sabe imprimir com os dedos a força exata para somente compensar a força da corda. Se ele fizer menos força do que a corda, a flecha partirá desgovernada de sua mão. Se fizer mais força do que a corda, ele sufocará a liberdade da flecha e ela não se sentirá à vontade para atingir o alvo. O arqueiro, o arco e a flecha formam um estado de equilíbrio tão delicado, tão perfeito, que poderia ser desfeito até pelo toque da mais leve das plumas.

VIII - DA RESPIRAÇÃO DO ARQUEIRO

O bom arqueiro respira calma e profundamente. Quando inspira traz para dentro de si pedaços da brisa, da luz, da terra que estão entre ele e o alvo. Quando expira impregna a natureza ao seu redor com bocados de si próprio. Ele torna a natureza uma extensão de seu corpo e manda o vento e as diferentes densidades atmosféricas entre ele e o alvo não interferirem no rumo da flecha.

IX - DA PROTEÇÃO DO GRANDE DEUS DOS ARQUEIROS

Sentindo o ar, as nuvens, o céu, o sol, o bom arqueiro, em harmonia com seu ambiente, deixa-se embalar pelo silêncio e pela paz serena que traz dentro de si. Sente a impaciência masculina da flecha, pronta para voar até o alvo. Sente o âmago feminino do alvo aberto, pronto para receber a flecha. Sente o arco tenso como prolongamento de seu corpo e sente seu corpo como prolongamento das forças maiores que estão à sua volta. Abandona-se então ao sabor dessas forças tão maiores do que ele e pede a proteção do Grande Deus dos Arqueiros.

X - DO MOMENTO PERFEITO

O bom arqueiro sente, num único momento, tudo convergir para um ponto só. Sente o acúmulo súbito, instantâneo, de todas as chances favoráveis.

Ouve então, claramente, uma voz imensa e profunda ordenando-lhe que solte a flecha. O bom arqueiro não hesita pois sabe que nunca receberá duas vezes a mesma ordem.

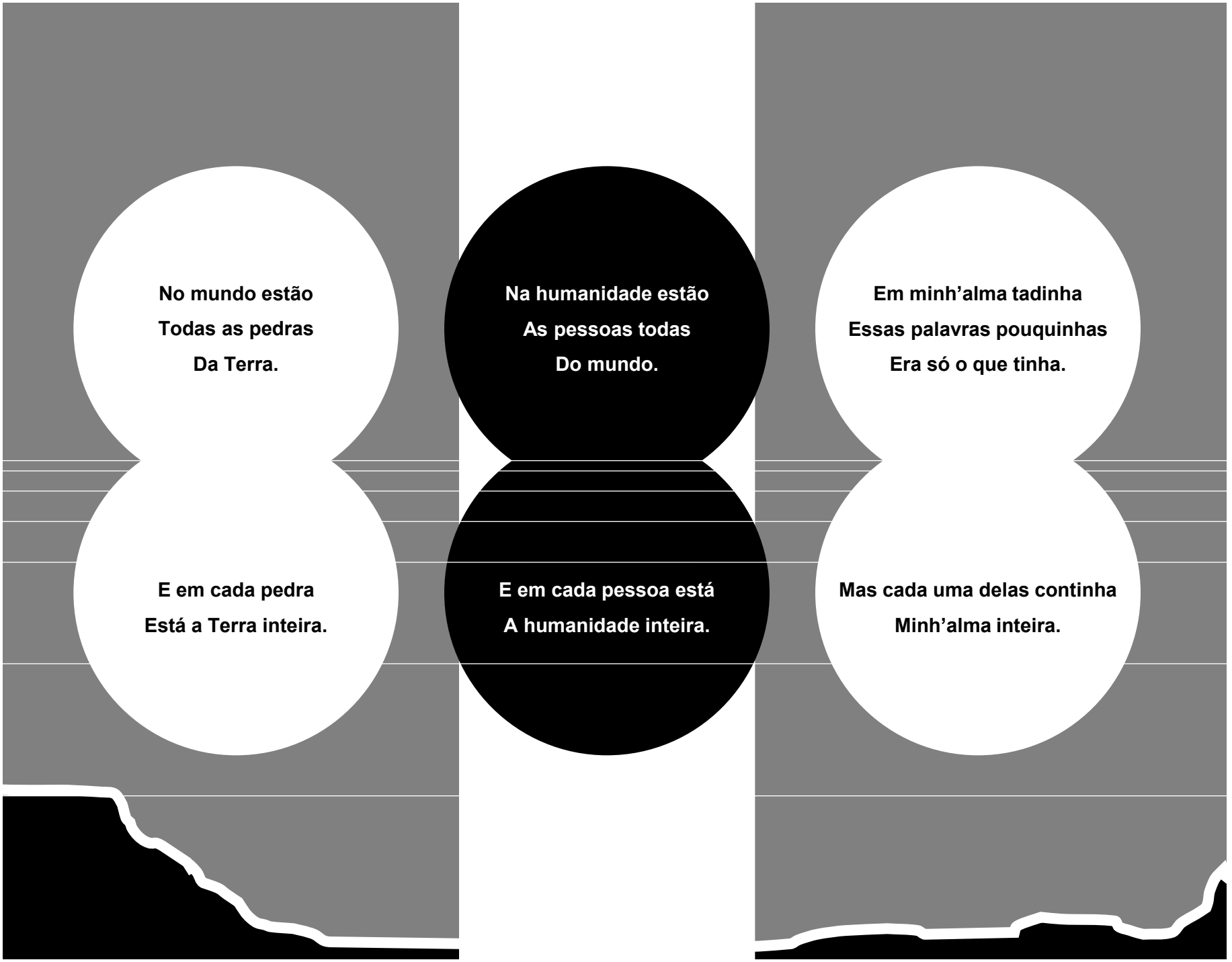
Só há um momento perfeito para o tiro e só o Grande Deus dos Arqueiros conhece todos os fatores, todas as imperceptíveis e imponderáveis circunstâncias que favorecerão o rumo da flecha.

XI - O VÔO DA FLECHA

Mesmo no ar a flecha ainda é guiada, amparada, dirigida pelo olhar do arqueiro até que se crava no alvo com violência e precisão - vibrante, energética, satisfeita - exatamente...

No ponto escolhido.

ALMA PEQUENA



Naial Uttega

Sobre o filme

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE

de Peter Greenaway:

"C´est ici que tombent em ruines
Les chefs d´oeuvres de la Cuisine".

É aqui que caem em ruínas
As obras primas da Cozinha.

Assim dizia a inscrição cunhada por anônimo poeta de latrina, triste sina, na discreta *toilette* de um renomado restaurante parisiense.

Mas que somos nós, caro leitor, fino gourmet, você e eu, companheiros de infortúnio, senão ladrões que retiram das mais requintadas iguarias a essência íntima, o sabor efêmero, a beleza fugaz, para transformá-los naquilo que cai em ruínas esgoto abaixo...

Como nós é também o gigantesco metabolismo do Universo: um ladrão que rouba a coesão das estruturas, transforma vida em morte, carne em podridão, podridão em pó e pó em nada.

E também assim é Albert Spica, o Ladrão barbudo deste filme alegórico, que rouba a dignidade, a poesia, a pureza, a decência e o que há de melhor em cada pessoa.

Enquanto o Cozinheiro transforma insumos crus em pratos de arte e beleza, sempre no sentido da construção crescente de vida e sofisticação, o Ladrão devora pratos e pessoas reduzindo-os a suas mais degradadas expressões.

Em seu restaurante-covil, todo em vermelho e preto, o Ladrão reina absoluto. Corrompendo, emporcalhando, humilhando, rebaixando, como vampiro que suga o vermelho da vida e defeca o negror da morte.

Mas alegre-se, amigo leitor! A vida é mais forte do que aparenta. A vida resiste valente e brota teimosa onde houver chance, até no seio da própria morte.

O vermelho surge de dentro do preto. Amantes fazem amor nas latrinas do restaurante e fogem para a vida num caminhão de dejetos. Como a pequena flor vermelha que lança suas raízes no olho negro de um crânio há muito enterrado e apodrecido.

A Mulher do Ladrão, aparentemente passiva, resiste ao Ladrão. Mantém dentro de si uma reserva imaculada de prazer, de dignidade, de civilização. Aprecia as delicadas construções gastronômicas do Cozinheiro. Ousa desfrutar da gentileza e sensibilidade do Amante. E não se deixa sujar por dentro.

Por fim o Ladrão engasga e vomita, incapaz de digerir o mais elaborado dos pratos: a carne do Amante morto, devidamente ressuscitado pelos méritos da *Haute Cuisine*.

É a vida forçada goela abaixo da morte. A vitória da estruturação requintada sobre a deterioração final. A supremacia de Eros sobre Tanatos. De Brahma sobre Siva. Da ordem sobre o caos. É a morte da morte. Desentropia, contrafluxo, antidigestão.

Para os amantes da vida, trata-se de um final feliz.

HAPPY END

Naial Uttega

HISTORINHA SIMPLES

Há duas simplicidades:

Uma a simplicidade
simples dos simplórios.

Outra a que se chega
depois de percorridos os
caminhos da imaginação.

Esta é a história de dois indivíduos simples.

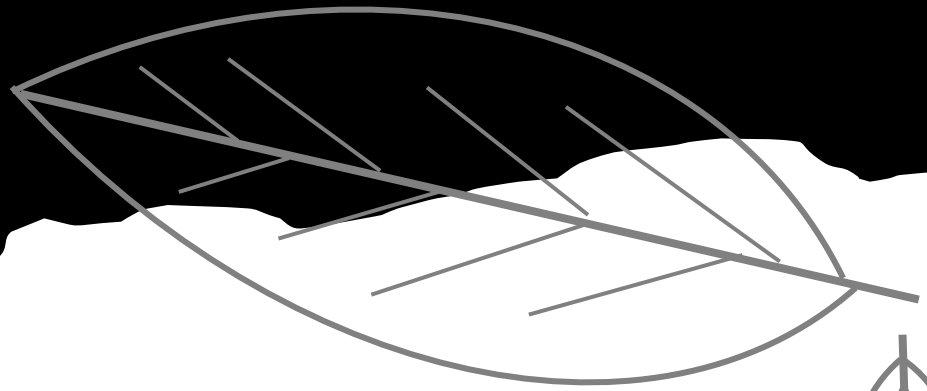
Um simples
porque era
simples.

Outro simples
por conclusão.

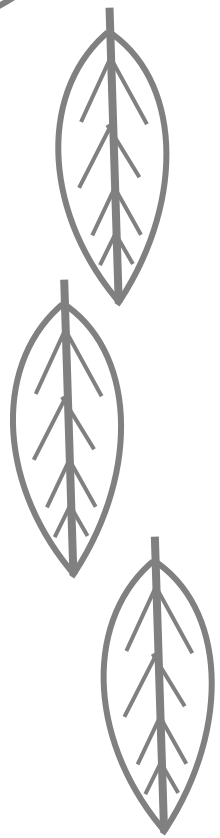
Assim termina esta historinha simples
já que para continuá-la não há mais razão.

Naial
Uttega

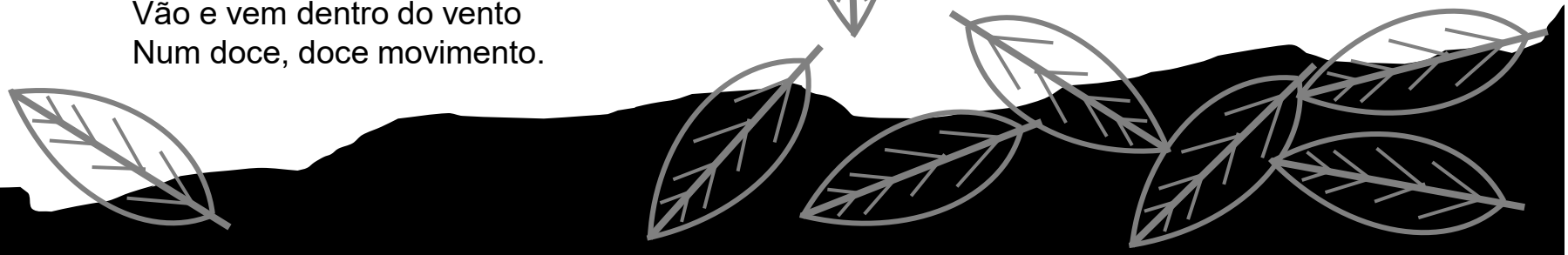
FOLHAS



Foram folhas que vi
Folhas no chão farfalhando
Em final de tarde morna
Movimento doce
Folhas e flores
Feitas de sopros de sonhos
Subindo soltas incertas
No silvo suave do vento
Folhas de fada
Flores sem face
Em voo calmo
No fim de uma tarde quieta
Folhas no chão farfalhando
Movimento doce
Doce movimento
Folhas, flores sem conta
Vão e vem dentro do vento
Num doce, doce movimento.



Lá no fundo
Uma felicidade estampada
Em tintas desbotadas
Em cores fugidias
Uma ponta de frio
E a sensação
Suave mas forte
Da felicidade possível
Porque o terrível passou
Nas folhas voando
O reconforto, o consolo
Não faz mal, já acabou
O olho úmido de lágrima
Ainda não ousa sorrir
Mas as folhas no sopro da tarde
Fazem tudo redondo
Num sonho sem fim.



Naial Uttega

OS GLRS

Os GLRS habitam
O núcleo ígneo da terra

CHAFURDAM

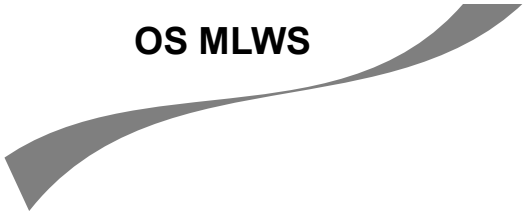
Na lava efervescente
Na pedra fundida

COMPRIMIDOS

Racham a terra
Afloram e explodem

PARIDOS

Nas contrações sísmicas
Do útero do planeta.



OS MLWS

Os MLWS habitam
A água doce do mundo

NASCEM

Na intimidade subterrânea
Das águas adormecidas

BROTAM

De nascentes limpas
Aquáticas cristalinas

FLUEM

Por riachos serenos
Mananciais tranquilos.

OS SFVS

Os SFVS habitam
Os ares, as nuvens, os ventos

RAREFEITOS

Como pressentimentos
Como soltos pensamentos

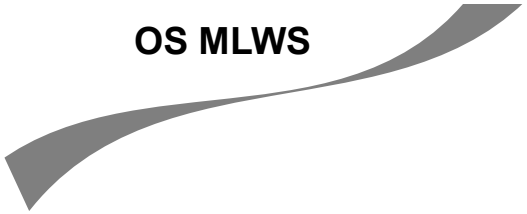
IRISADOS

Como a luz refratada
Nas montanhas gasosas

LEVES

Como as risadas longínquas
De um passado inocente.

Naial Uttega



OS GLRS | **OS MLWS** | **OS SFVS**

Os GLRS expelem
Gazes flamejantes

Os MLWS abraçam o mundo
Com seus braços hídricos

Os SFVS cavalgam o tempo
Brincam no espaço aberto

SULFÍDRICOS | **INTERCOMUNICANTES** | **VOAM**

Arrotam vapores quentes
Vomitam cinzas ardentes

Acariciam a terra
Com lambidas molhadas

Por dentro da essência
Das dimensões contínuas

DANÇAM | **GOSTOSOS** | **RODOPIAM**

Ritmos pélvicos
Grunhidos obscenos

São sorvidos pelo solo
Chupados pelas árvores

Piruetas impulsionadas
Pela luz do luar

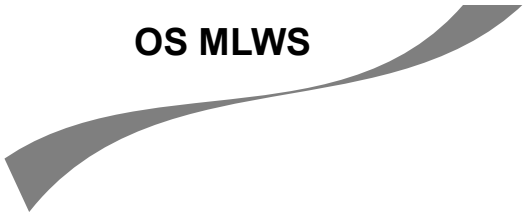
E COPULAM | **E GOZAM** | **E FERTILIZAM**

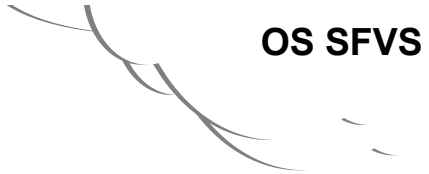
Copulam sem parar
Com as salamandras vulcânicas

O gozo molhado
Das ninfas vegetais.

Com pólen de estrelas
As imaginações perdidas.

Naial Uttega





OS GLRS

Os GLRS são guerreiros ferozes
Possuidores de longos dentes

OS MLWS

Os MLWS são seres plenos
Delicadamente sensuais

OS SFVS

Os SFVS são crianças etéreas
Ecos de lembranças antigas

INCANDESCENTES **PROFUNDOS** **BRINCAM**

São energéticos, intensos
Destemidos e densos

Entes maleáveis
Flexíveis e suaves

Em castelos de nuvens
Na abóbada celeste

ANIMALESCOS **LÂNGUIDOS** **LIVRES**

Taurinos suínos
Que forçam seu caminho

Sem pressa escorrem
Se derretem e se desfazem

Seres invisíveis
Pequeninos e imponderáveis

BUFANDO **RETORNAM** **APENAS**

Até o rompimento definitivo
Da crosta terrestre.

Eternamente recompostos
Em aquáticos megafluxos.

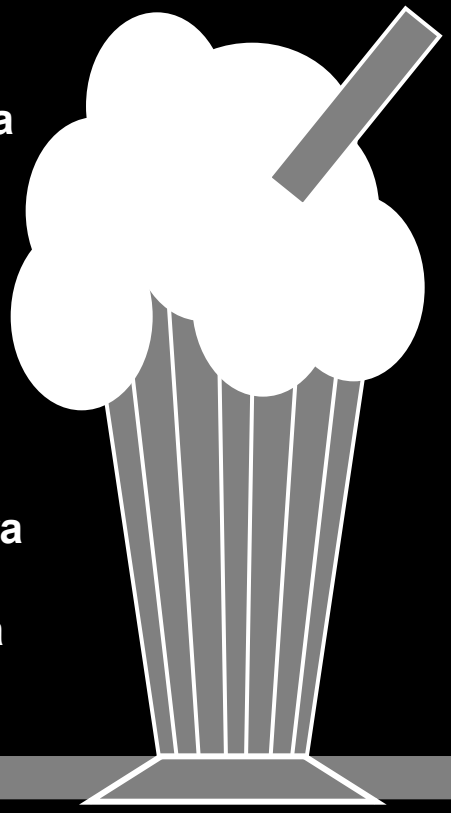
Vagamente pressentidos
Pelos anjos do céu.

Naial Uttega

SHAKE

Em tua epiderme agito
A cada vez um pouco mais
Tuas quatro bilhões
De células sensoriais

A dopamina liberada
No teu córtex cerebral
Tentará rebalançar
O equilíbrio hormonal



Com cortisona e adrenalina
Farei você tomar
Batido com teus açúcares
Um milk shake glandular

Mas insistirei no teu corpo
Até chegar o ponto
Em que só a acetilcolina
Poderá te libertar

Dilatarei tuas artérias
Aumentarei tua temperatura
Acabarei levando
Teu metabolismo à loucura

Ah! a acetilcolina ...
Como água na fervura
Um espasmo de alívio
A aplacar tua loucura

Farei então você dormir
Serena nas mãos amadas
Com a discreta ajuda
Das endorfinas liberadas.

Naial Uttega

O MENINO INVISÍVEL
Centro da cidade, Rio
Mar de pernas
Pernas apressadas
Gigantes céleres
Que não olham para baixo.
E o menino lá encolhido
O menino invisível
O menino transparente
O menino ar
O menino vento.
Três coisas ele tinha
Três coisas só na vida:
Tinha dez anos
Tinha um revólver
E tinha fome.
E lá sozinho, quieto
O menino que fala
E ninguém ouve
O menino que chora
E ninguém vê.
Ele tira a arma e dispara
Vozes, ruídos, confusão
Sorri enfim o menino
Que agora todo mundo olha
Que agora todo mundo vê.
Naial
Uttega

TOURO SENTADO

Touro Sentado é o nome de um índio velho que mora perto de mim. Touro Sentado é imenso, é pesado, é inerte. Por isso chama-se Touro Sentado. Quando eu rio, ele nem sorri. Quando choro, seus olhos permanecem secos. É gelado quando morro de raiva. É calmo quando me desespero de dor. Ele desdenha minhas vitórias. Pouco lhe importam minhas derrotas.

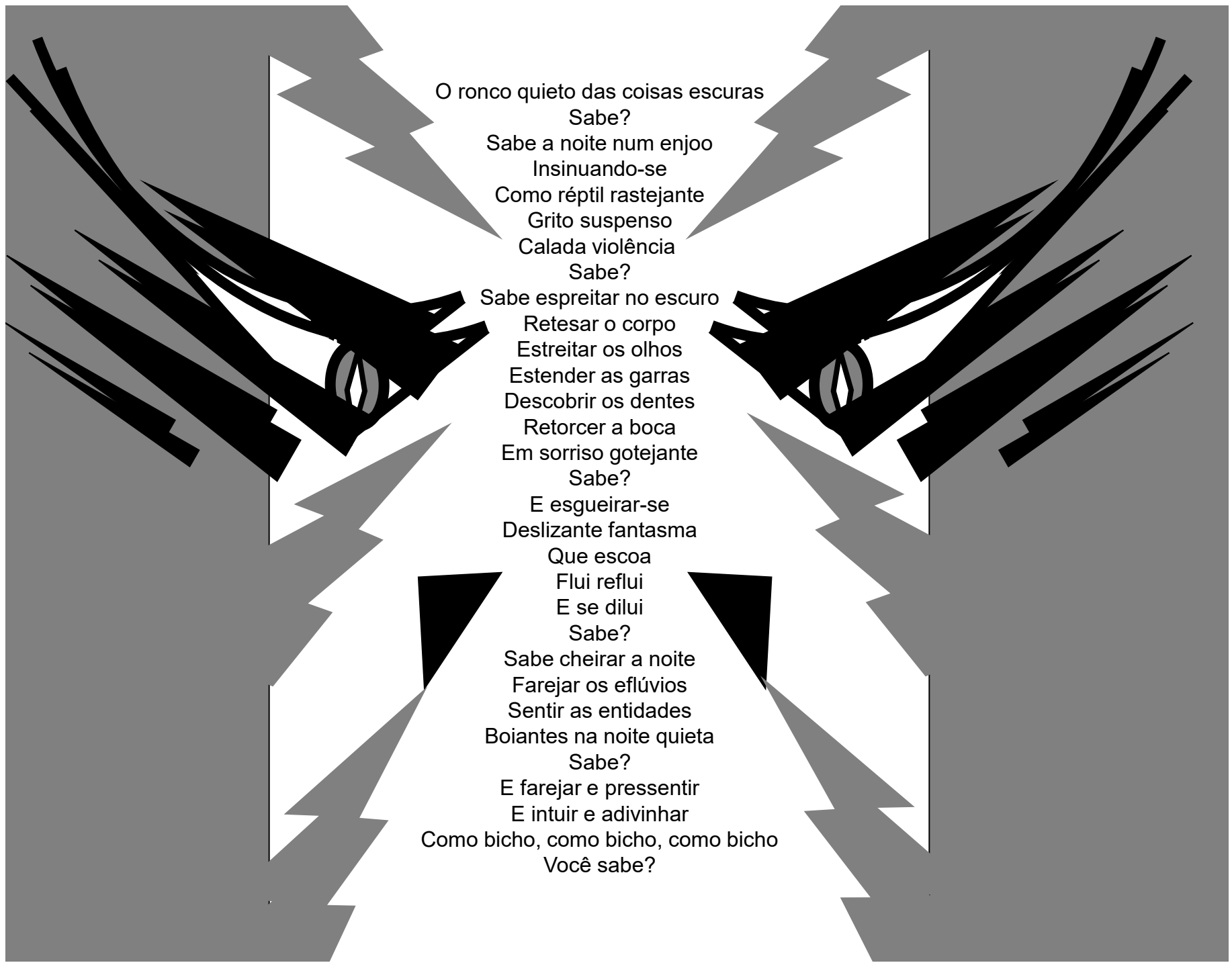
Touro Sentado tem a irritante mania de ficar me observando, calado, sem se envolver com nada, só olhando, impassível, estático, olhando-me fixamente com seus olhos abissais. Às vezes, no epicentro das minhas mais intensas atividades, sinto seu olhar cravado em mim como um lastro, um contrapeso, uma força poderosa a me desafiar.

Ele me incomoda. Para ele todas as coisas que faço não passam de jogos infantis sem qualquer importância. O jogo de amar, o jogo de trabalhar, o jogo de se relacionar, o jogo de ganhar dinheiro, o jogo de se aventurar, o jogo de se emocionar, o jogo de pensar, o jogo de viver, o jogo de morrer, o jogo de escrever sobre jogos.

Touro Sentado não é irônico, não é sarcástico. Ele não critica, não julga, não conclui. Ele apenas observa. E existe. Existe como existem as grandes massas da natureza, como as grandes forças latentes. Soberanas, independentes, autossuficientes. Faz muito tempo que conheço Touro Sentado. Ele é imenso, é pesado, é inerte...

Mas acho que as montanhas vão mudar de lugar, no dia em que ele começar a se mexer.

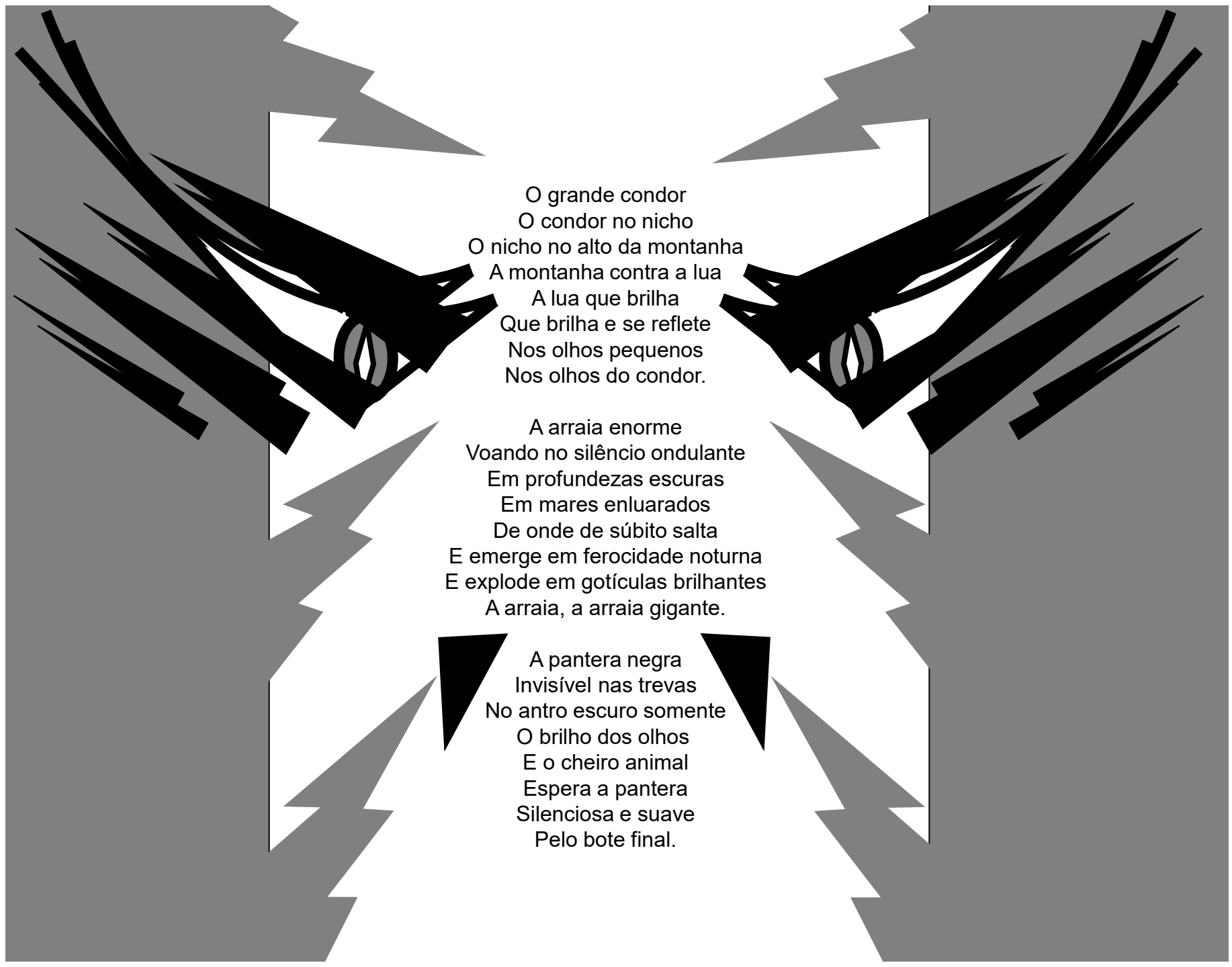
Naial Uttega



O ronco quieto das coisas escuras
Sabe?
Sabe a noite num enjoo
Insinuando-se
Como réptil rastejante
Grito suspenso
Calada violência
Sabe?
Sabe espreitar no escuro
Retesar o corpo
Estreitar os olhos
Estender as garras
Descobrir os dentes
Retorcer a boca
Em sorriso gotejante
Sabe?
E esgueirar-se
Deslizante fantasma
Que escoa
Flui reflui
E se dilui
Sabe?
Sabe cheirar a noite
Farejar os eflúvios
Sentir as entidades
Boiantes na noite quieta
Sabe?
E farejar e pressentir
E intuir e adivinhar
Como bicho, como bicho, como bicho
Você sabe?

NOTURNO - 1

Naial Uttega



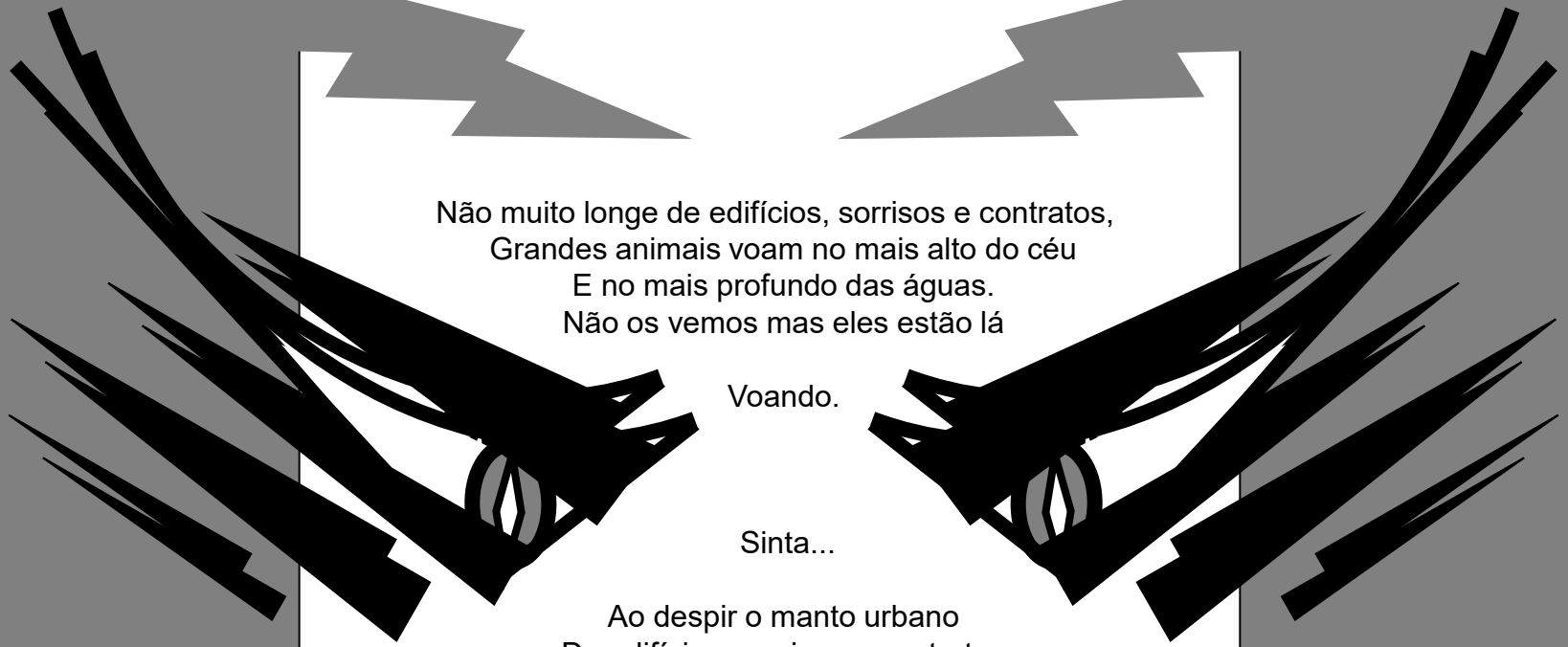
NOTURNO - 2

O grande condor
O condor no nicho
O nicho no alto da montanha
A montanha contra a lua
A lua que brilha
Que brilha e se reflete
Nos olhos pequenos
Nos olhos do condor.

A arraia enorme
Voando no silêncio ondulante
Em profundezas escuras
Em mares enluarados
De onde de súbito salta
E emerge em ferocidade noturna
E explode em gotículas brilhantes
A arraia, a arraia gigante.

A pantera negra
Invisível nas trevas
No antro escuro somente
O brilho dos olhos
E o cheiro animal
Espera a pantera
Silenciosa e suave
Pelo bote final.

Naial Uttega



Não muito longe de edifícios, sorrisos e contratos,
Grandes animais voam no mais alto do céu
E no mais profundo das águas.
Não os vemos mas eles estão lá

Voando.

Sinta...

Ao despir o manto urbano
De edifícios, sorrisos e contratos

Seu olho se torna agudo
Seu gesto felino
Seu corpo elástico

És bicho, bicho, bicho
como a mais selvagem criatura

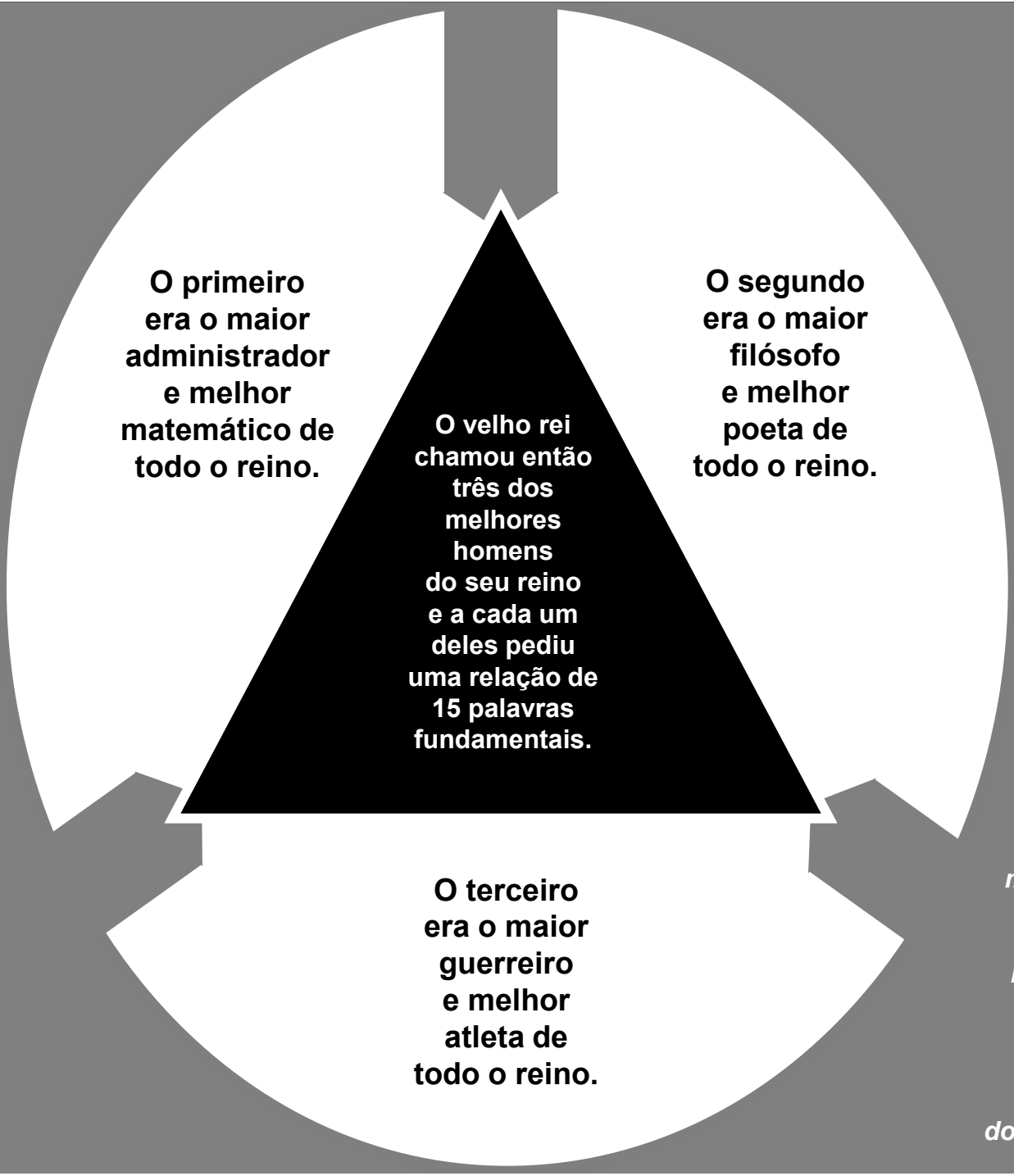
Predador das profundezas
Noturna fera carnívora
Grande animal voador.

NOTURNO - 3

Naial Uttega

OS TRÊS OBELISCOS - 1

Certa vez um velho rei, querendo deixar uma eterna mensagem ao seu povo, mandou construir uma praça circular sobre a qual fez erguer três grandes obeliscos, simetricamente talhados de uma pedra só e dispostos nas pontas de um lindo jardim triangular central .



Mas atenção! - disse o rei - *Que sejam estas as 15 palavras mais importantes de suas vidas, palavras que inspirarão nosso povo e que para sempre ficarão gravadas nas faces de pedra dos três obeliscos.*

Naial Uttega

LÓGICA
RAZÃO
ABRANGÊNCIA
ANÁLISE
SÍNTESE
MATEMÁTICA
GESTÃO
ADAPTAÇÃO
ESSÊNCIA
MENTE
OBJETIVIDADE
META
RELAÇÃO
INTELIGÊNCIA
EQUILÍBRIO
SENTIMENTO
EMOÇÃO
PROFUNDIDADE
CONTEMPLAÇÃO
CRIAÇÃO
ARTE
POESIA
EVOLUÇÃO
ÂMAGO
ALMA
SUBJETIVIDADE
IDEAL
AMOR
SENSIBILIDADE
BELEZA
FORÇA
SENSAÇÃO
SIMPLICIDADE
DETERMINAÇÃO
AÇÃO
ESPORTE
LUTA
SOBREVIVÊNCIA
JUGULAR
CORPO
REALIDADE
ALVO
SEXO
INSTINTO
PODER
O povo reuniu-se então na praça para assistir ao lento trabalho de entalhamento que teve início.
Linha a linha, ao mesmo tempo nos três obeliscos, de cima para baixo, iam surgindo as inscrições...
OS TRÊS OBELISCOS - 2
Naial Uttega

OS TRÊS OBELISCOS - 3

O velho rei ordenou então que os três obeliscos fossem inclinados de sorte a apoiarem-se um sobre o outro, convergindo para o centro da praça como que formando uma espécie de pirâmide cujo ponto mais alto era constituído pelos topos reunidos dos três obeliscos.

O velho rei disse então:

Meu povo:

Leiam com atenção cada linha gravada nestes obeliscos.

Meditem acerca de cada uma destas palavras.

Estas palavras são sementes. Elas florescerão em suas vidas.

Mas os três obeliscos devem ficar eternizados nesta exata posição:

Cada um deles apoiando o outro.

Entendam que:

Cada um dos três obeliscos equilibra e estabiliza os demais.

Eles se sustentam mutuamente porque estão unidos e fazem parte de um corpo só.

Pouco depois o velho rei morreu.

Mas seu reinado cresceu e continua crescendo até hoje.

Próspero, independente e feliz.

Naial Uttega

CARDIÓIDE

São aulas noturnas. A universidade algo afastada, nos limites da cidade. Em volta, somente a mata.

"...porque se construirmos um cículo de diâmetro 2a e, de um ponto 0 qualquer da circunferência, traçarmos retas nas quais consideramos uma distância fixa h unindo os pontos M e D, o lugar geométrico dos pontos assim formados é ..."

A brisa da noite insinua-se na sala de aula com cheiro vegetal. Ao longe o pio de alguma ave noturna, de início grave, quase imperceptível, depois tornando-se mais e mais agudo como uma gargalhada animal.

"... justamente a chamada curva de Pascal na qual observa-se que por ser OD = r = 2a cos x temos que o segmento OM nada mais é do que 2a cos x + h. Tomando agora a primeira e a segunda derivada da função r em relação a x para definirmos o comportamento da ..."

Da janela percebe-se a lua desenhando os contornos de imensas copas de árvores que oscilam num ritmo intenso. Ritmo de insetos que zumbem e gritam dentro da noite. Rangem troncos e galhos, farfalham cipós e folhagens, agita-se a mata viva sacudida pelo vento.

"... no caso particular h = 2a, a expressão reduz-se a 2a (1 + cos x) configurando assim uma curva especial que pode ser descrita por um ponto fixo da circunferência de um círculo que rola em volta de outro círculo fixo de mesmo raio. Tal curva é denominada cardióide, pois, como os senhores podem observar, seu traçado lembra a forma de um coração humano."

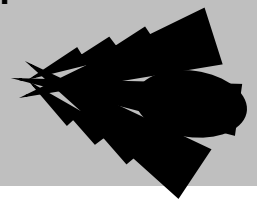
Novamente o pio do pássaro da noite, desta vez soando como um grito tenso e urgente. O vento faz bater uma das janelas e, antes que alguém se levante para fechá-la, dois raios de fúria felina irrompem classe a dentro através da janela aberta.

São duas onças malhadas de elásticos músculos vibrantes, garras e dentes mortais.

Na sala de aula agora silenciosa, o cheiro de sangue ainda morno mistura-se ao odor acre e forte das feras que lá estiveram. Os insetos, atraídos, começam a pousar sobre os corpos dilacerados. Em volta, somente a mata.

Cercando as cidades frágeis, espreitando o concreto efêmero, tocaiando as vidas fugazes ... a força da mata.

A força da mata.



Naial Uttega

O tilintar das estrelas
Como subaquático retinir
De miríades de conchas
Seixos e coisinhas
Roladas e reviradas
Pelo fluxo das marés.

O troar surdo do planeta
Navegando veloz
Pela abóbada celeste
Por contrações do tempo
Remoinhos cósmicos
Vórtices de luz.

Adormeço em teus braços
Com estrelas nos olhos
Levemente mareado, confesso
Pelo teu ninar compassado
E um bocadinho tonto
Com essa rotação toda da Terra.

Naial Uttega

Famosas eram as marionetes
Muito famosas, sim senhor.
As marionetes de Hamburgo
De Hamburgo, sim senhor.

Elas mexiam as mãozinhas
As mãozinhas, sim senhor.
E balançavam os pezinhos
Os pezinhos, sim senhor.

Como não ? Como não ?
Sorriam sempre as marionetes.
Como não ? Como não ?
As marionetes que amor.

Sempre cantavam as marionetes
TRÁLA LÁLA TRALALÁ.
E batiam os sapatinhos
CLACLAC CLACLAC CLACLACLAC

Até que um dia, um belo dia
Belo dia , sim senhor.
Diante das crianças todas
Das crianças, sim senhor.

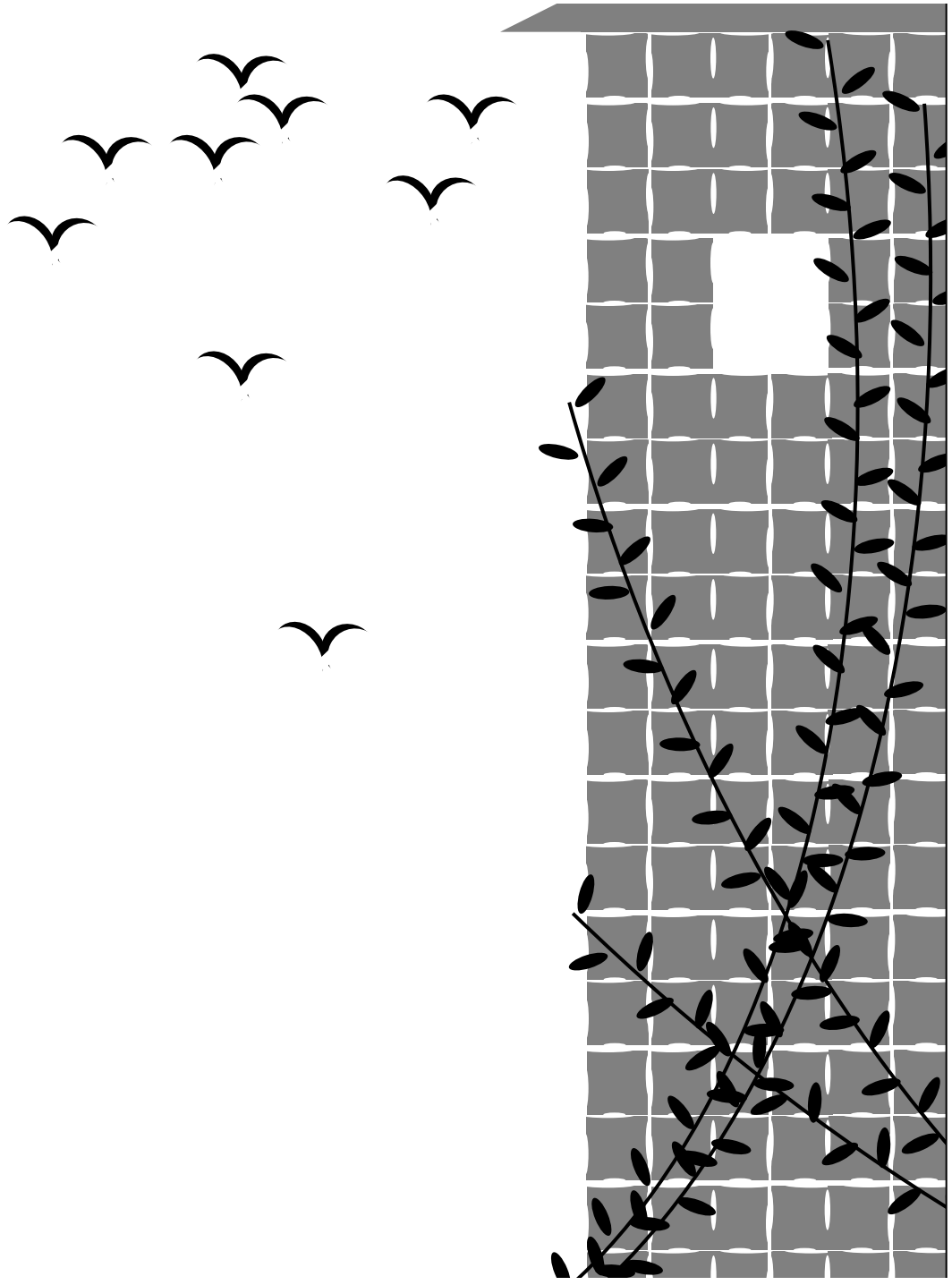
Elas olharam para cima
Para cima, sim senhor.
E subiram pelo fio
Pelo fio, sim senhor.

Naial Uttega

A CANTIGA SINISTRA DAS MARIONETES DE HAMBURGO

AFLUXO:

Deixo o tempo fluir
E o tempo flui
Manso
Flui sem pressa
Em manhã luminosa
O tempo
Solto escorre livre
Se derrama no azul
Tempo calmo
Tempo lento
Tempo, tempo
Muito tempo
Da janela vejo
Nuvens macias
Que flutuam e passam
Ao sabor do vento
E pássaros minúsculos
Que deslizam
Lá no alto, ao longe
E planam
Sem pressa
Nas correntes do tempo
É só, tão somente
A janela pequena
O ramo da mangueira
O ângulo do telhado
E o céu
E o tempo.

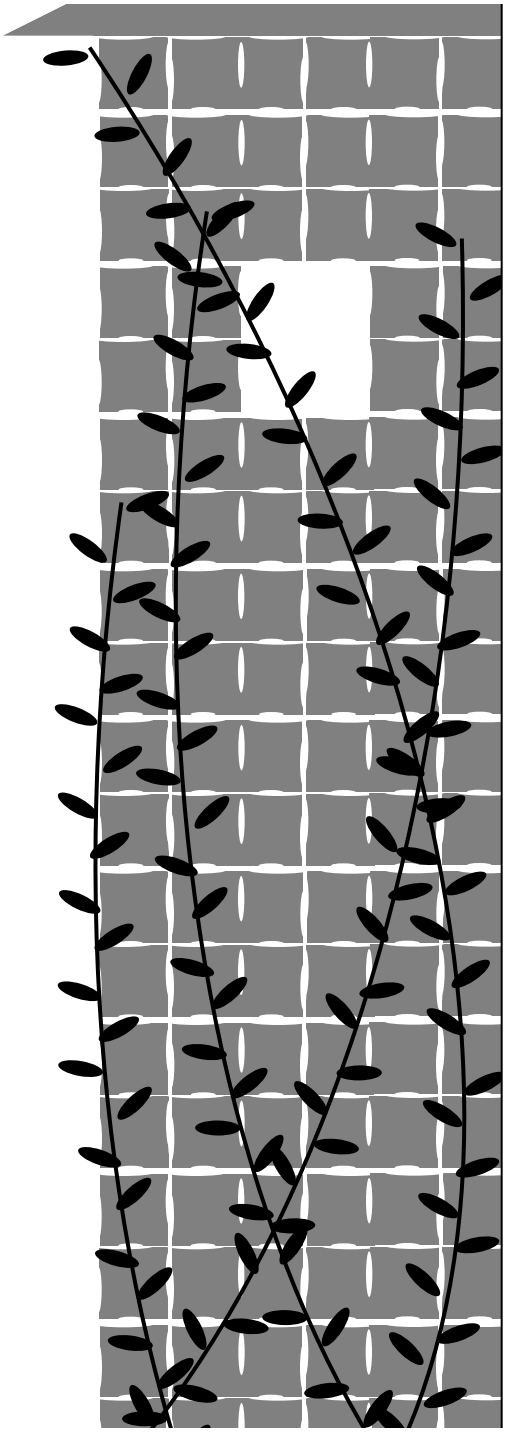


VIVA VIDA - 1

Naial Uttega

FLUXO:

Dias de sol
Dias de chuva
Noites quentes
Noites frias
Planta subindo pedra
Terra que molha
Terra que seca
E o cheiro de vida
Que entra
Pela janela do quarto
Antisséptico
Pios de aves
Zunidos de insetos
Mil coisinhas que vivem
E morrem
Mas não passam
Resistem e persistem
Zumbindo no tempo
Ao som das folhas
Que oscilam
Que farfalham e sibilam
Ao sopro do tempo
E na brisa e no vento
Que sopra forte
Ou sopra lento
Mas que pulsa
No compasso da vida
No compasso do tempo.

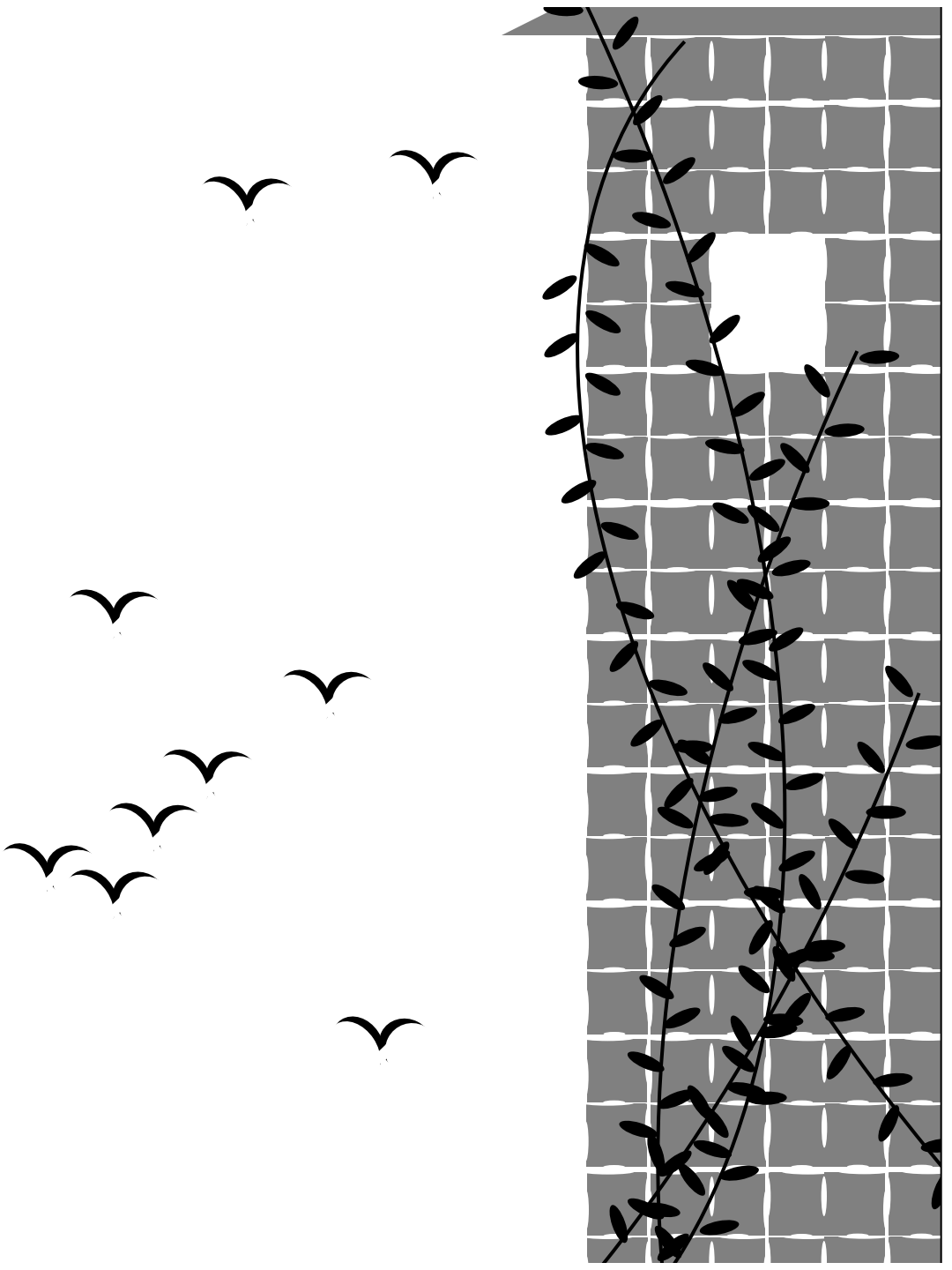


VIVA A VIDA - 2

Naial Uttega

REFLUXO:

Deixando o tempo fluir
O tempo flui
Mas não se esvai
Volta
Em ciclos imensos
Em vagas gigantes
Absorvendo constantes
No poder do refluxo
Mas o tempo
Que absorve a pedra
O telhado e o quarto
Não absorve a mim
Que o vê da janela
Não absorve os insetos
Nem as plantas
Nem os pássaros
Não absorve a si mesmo
Nem a vida que vejo
Dentro e fora do quarto
Porque
A vida que vejo
Não se opõe ao tempo
A vida que vejo
Se funde com o tempo
E existe
Porque se renova
Junto com o tempo.



Naial Uttega

BEACHES

Era uma praia
De dunas
E dunas
E dunas
Noturnas...

Orvalhada
De estrelas
E estrelas
E estrelas
Níveas...

Alisada
Por ventos
E ventos
E ventos
Alíseos...

Lambida
Por vagas
E vagas
E vagas
Vagabundas...

A noite passa
E nem se sente
Que de repente
Quente, quente
Realmente
Muy caliente...

Surge o sol...

Chega agora de brincar
Tenho logo que achar
Um cantinho pra fincar...

Meu parassol.

Naial Uttega

Tao Lin era um menino-cão.

Seu senhor era um dos príncipes da velha e desgastada dinastia de Han.

As invasões tártaras haviam finalmente dissolvido a unidade chinesa dando origem aos chamados Três Reinos, às margens do sinuoso Yang-Tsé-Kiang.

Tao Lin pouco sabia a respeito de tudo isto. Tao Lin era um menino-cão sendo portanto sua única função a de divertir o seu senhor.

Os meninos-cães eram assim chamados por só conseguirem andar rastejando. Era velho costume na China quebrar as pernas de alguns meninos de sorte a seu rastejar grotesco divertir os nobres da corte e arrancar sonoras gargalhadas do príncipe.

Um dia Tao Lin viu uma porta esquecida aberta por algum vassalo.

Ficou parado na soleira respirando o perfume doce da brisa chinesa impregnada de *loess*, as finíssimas partículas da terra amarela vinda das estepes e carregadas para o leste ao sabor do vento.

O *loess* que, com as inundações do Rio Amarelo, fertilizou o solo da China durante milênios, fertilizou também a imaginação de Tao Lin.

Ele pensou em quão belo devia ser o seu país fora das paredes do palácio e, sem muito perceber o que estava fazendo, deixou-se ninar pela brisa suave, transpôs a soleira e saiu para a grama verde do lado de fora.

Por casualidade, no entanto, o príncipe avistou Tao Lin de seus aposentos e denunciou-o aos guardas.

O menino-cão foi imediatamente pego e, por ordem do príncipe, conduzido ao terrível Jardim dos Suplícios.

Era também antigo costume o de torturar sentenciados ao ar livre, num belíssimo jardim, para tornar os sofrimentos mais intensos em razão do contraste com a beleza da relva e das flores resplandescentes ao Sol.

Neste dia, porém, um estranho acontecimento agitou o palácio: Tao Lin, depois de longamente torturado, ficou subitamente seco e imóvel, sua pele enrugou-se e endureceu por completo, o que muito intrigou os carrascos que jamais haviam presenciado tal fenômeno.

Alguns momentos depois eles sentiram que algo se movia dentro daquela casca ressecada. Era possível perceber vibrações rítmicas e pulsantes vindas do seu interior.

Surgiu então uma pequena fenda que, diante do olhar aturdido dos carrascos, começou a se alargar cada vez mais até que dela saiu um ser alado de indescritível beleza.

Todos reconheceram Tao Lin apesar da serena e profunda beleza que aquele ser emanava, apesar das grandes e multicoloridas asas de borboleta que se abriam e fechavam em suas costas.

O ser olhou com grande ternura e imenso amor para os carrascos em volta e, deixando no chão o casulo seco e rachado que fora o menino-cão, alçou voo em suaves e graciosos movimentos, até tornar-se um ponto muito pequeno, perdido entre as nuvens do céu...

UMA ROSA PRA VOCÊ - 1

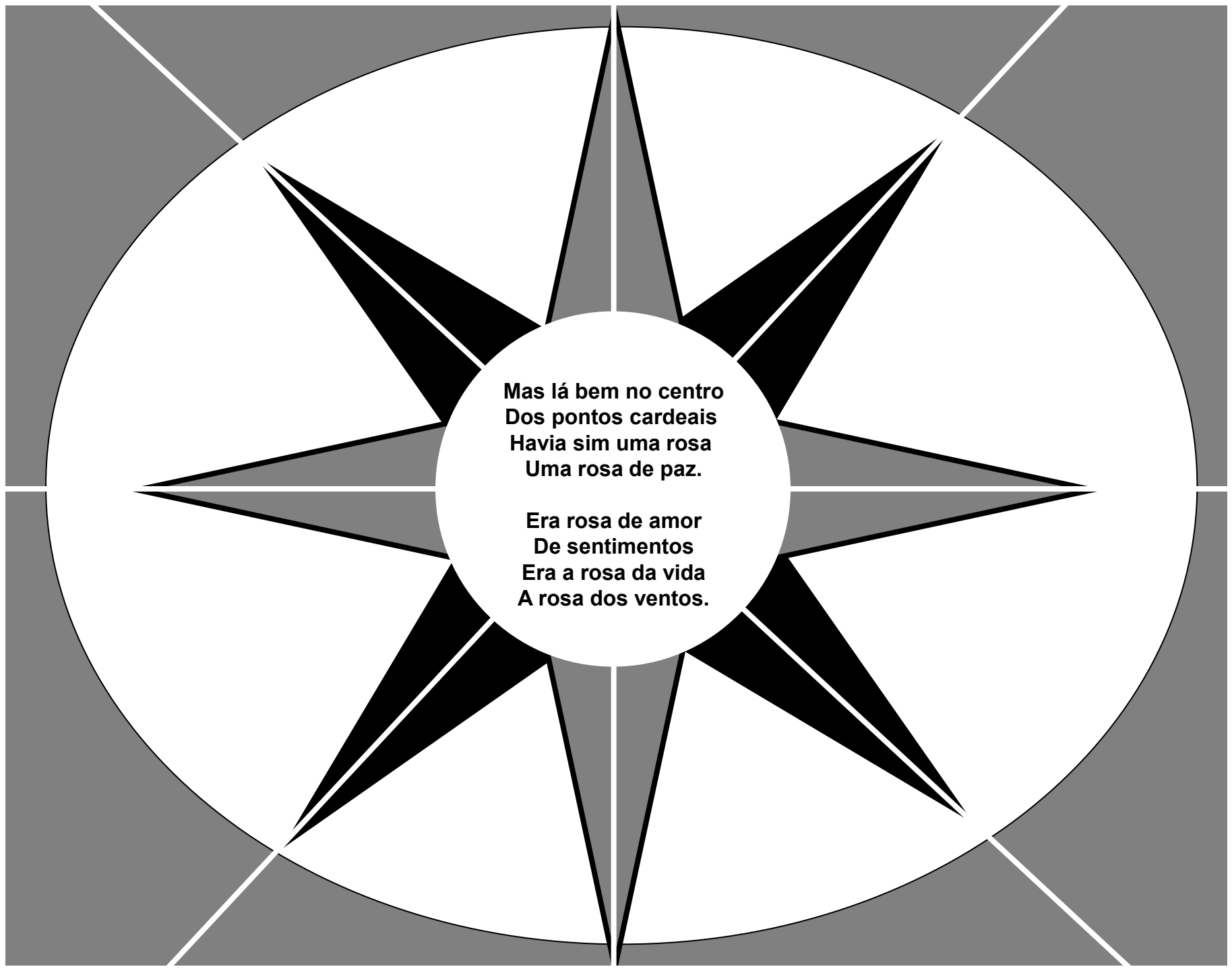
Pra te dar uma rosa
Procurei ao Norte
E só achei
Rosas da Morte
Rosas mofadas em túmulos
Crípticas.

Pra te dar uma rosa
Procurei a Leste
E só encontrei
Rosas da Peste
Feridas em flor
Sifilíticas.

Pra te dar uma rosa
Procurei a Oeste
E lá só havia
Rosas da Fome
Rosas sem nome
Antropófagas.

Pra te dar uma rosa
Procurei ao Sul
E só vi
Rosas da Guerra
Rosas de Hiroxima
Apocalípticas.

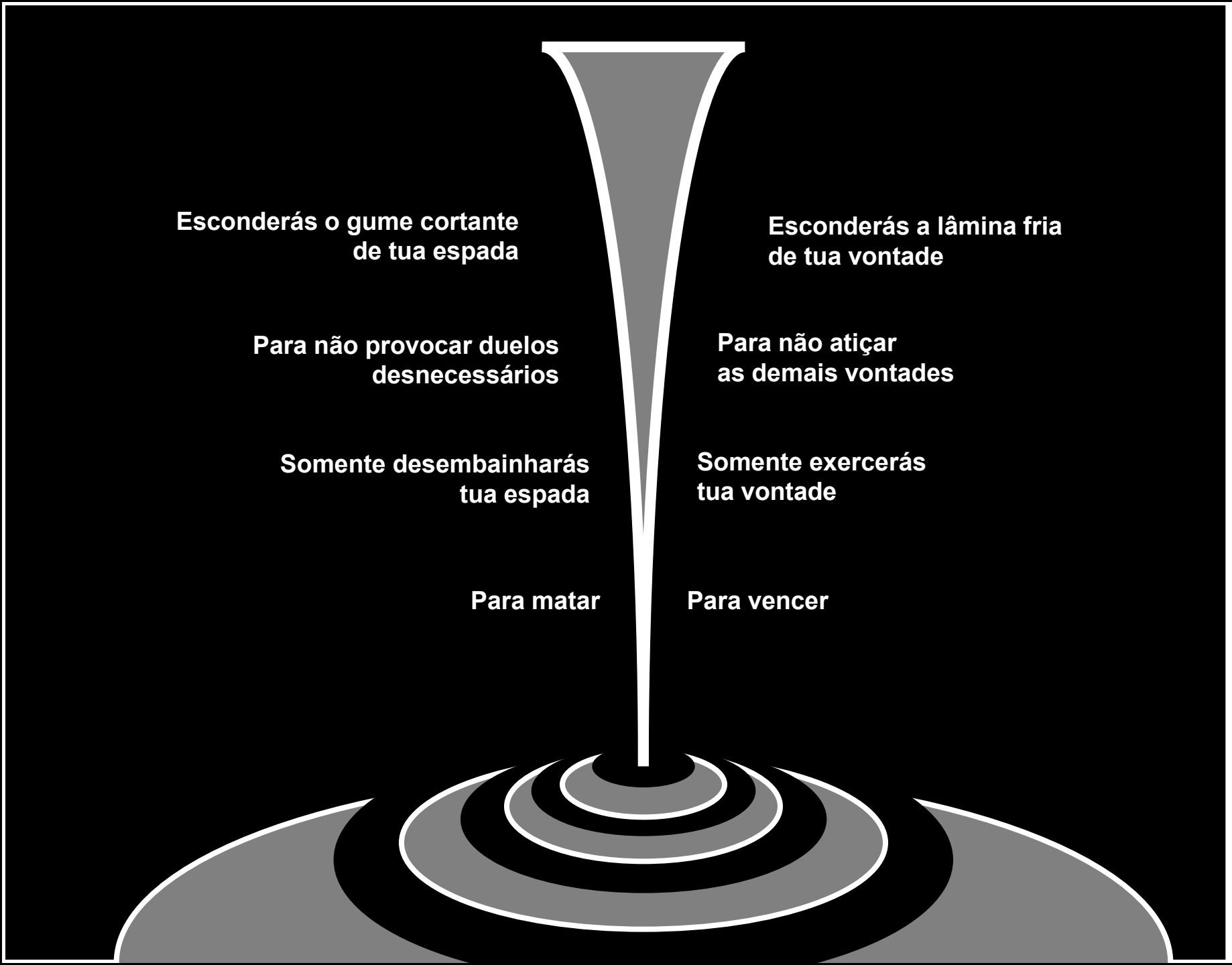
Naial Uttega



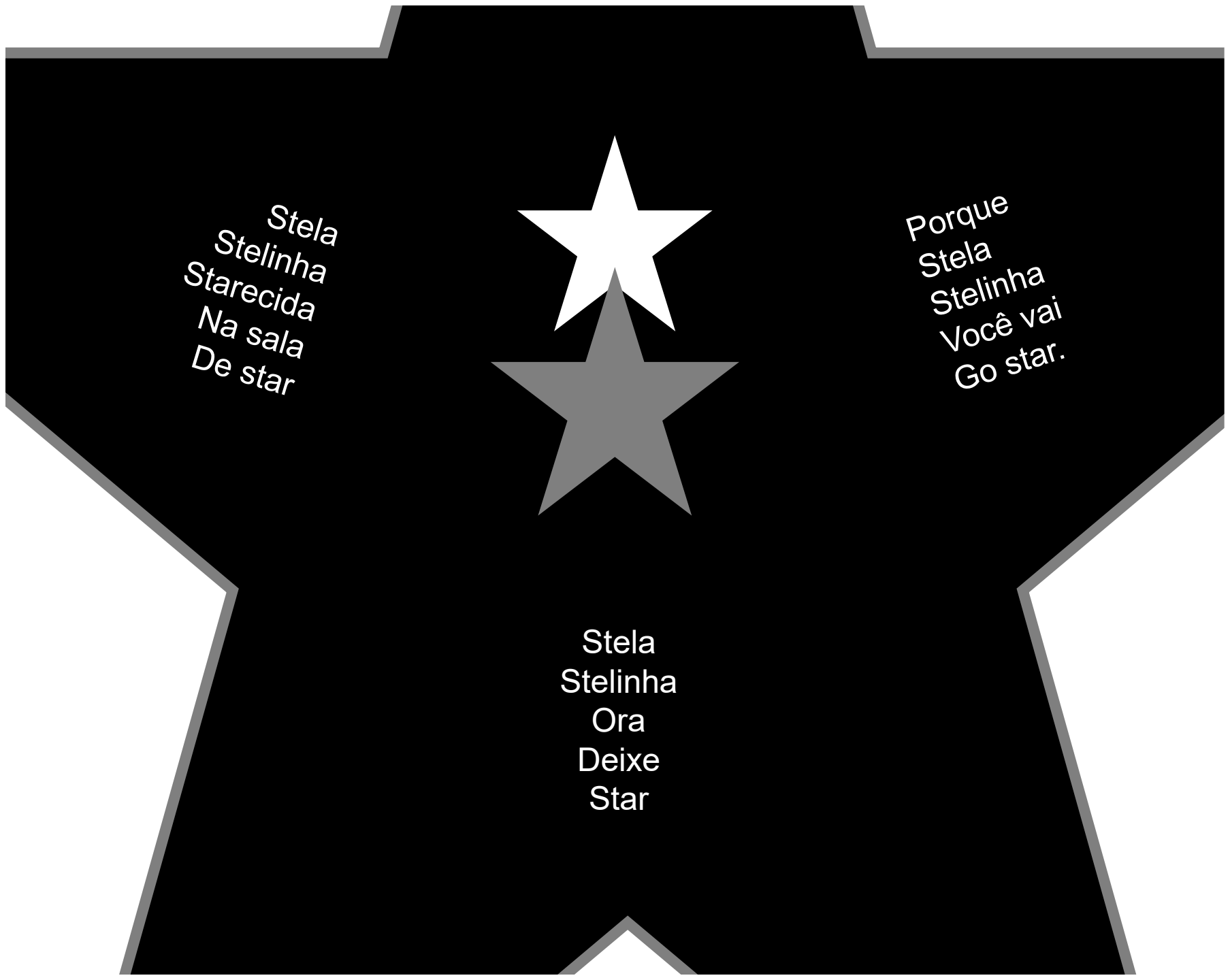
UMA ROSA PRA VOCÊ - 2

Naial Uttega

TÊMPERA



Naial Uttega



TO INFINITY AND BEYOND

www.powersias.com.br

Naial Uttega

Sente-se na beira do penhasco

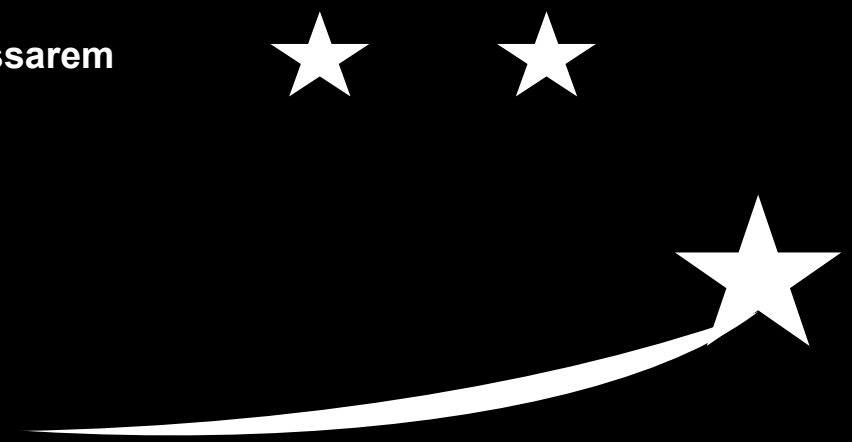
Seus pés balançando no vazio

E fique observando as estações passarem

As nuvens se formarem

Se desfazerem

E se formarem de novo...



Até que sua longa barba branca

Desça pela montanha

E sinuosamente se misture

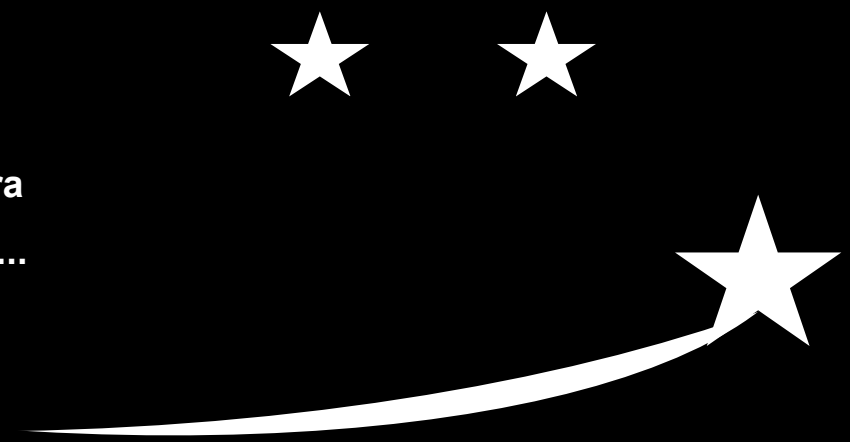
Com as pedras e flores do caminho

Até que seu lindo sorriso ilumine

O vale inteiro lá em baixo.

Naial Uttega

Largue-se ao sabor das marés
Confortável sobre as ondulações mornas
Indo até a areia e voltando
Flutuando com algas e peixinhos
No tabuleiro mutável de luz e sombra
Que o sol desenha no fundo do mar...



Até que seu nariz respire
No ritmo oceânico
Até que sua pele enrugue
Como a das grandes tartarugas
Até que seus cabelos cresçam
Como imensos sargaços de luz.

Naial Uttega

Deite-se na mata quieta

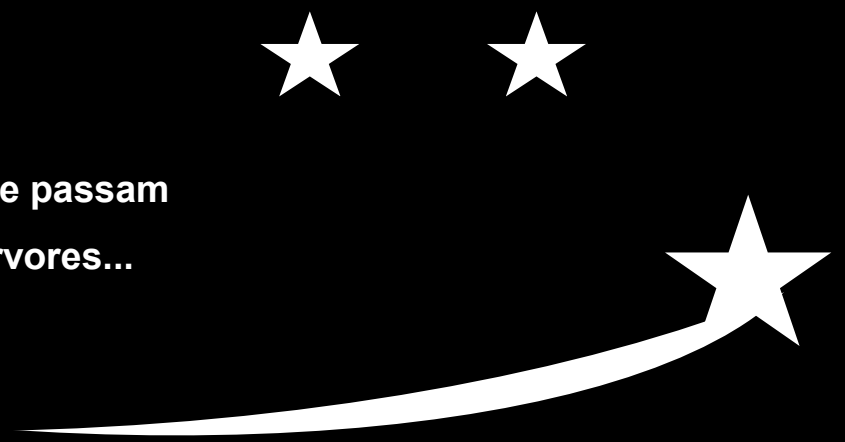
E veja o céu por entre a folhagem

Das árvores que balançam ao vento

Escute o solo cheio de bichinhos

Que nascem, crescem, geram filhos e passam

Como tudo, como a vida, como as árvores...



Até que seus olhos vejam

A luz das estrelas

Até que sua boca sinta

O gosto da terra

Até que seus ouvidos escutem

A música de Deus.

Naial Uttega

A Natureza é fácil

Porque não tolera a fraqueza
Não protege os desamparados

A Natureza é feia
A Natureza é curva

Porque não castiga a crueldade
Não se comove com o sofrimento

A Natureza contudo
É divina.

A Justiça é difícil

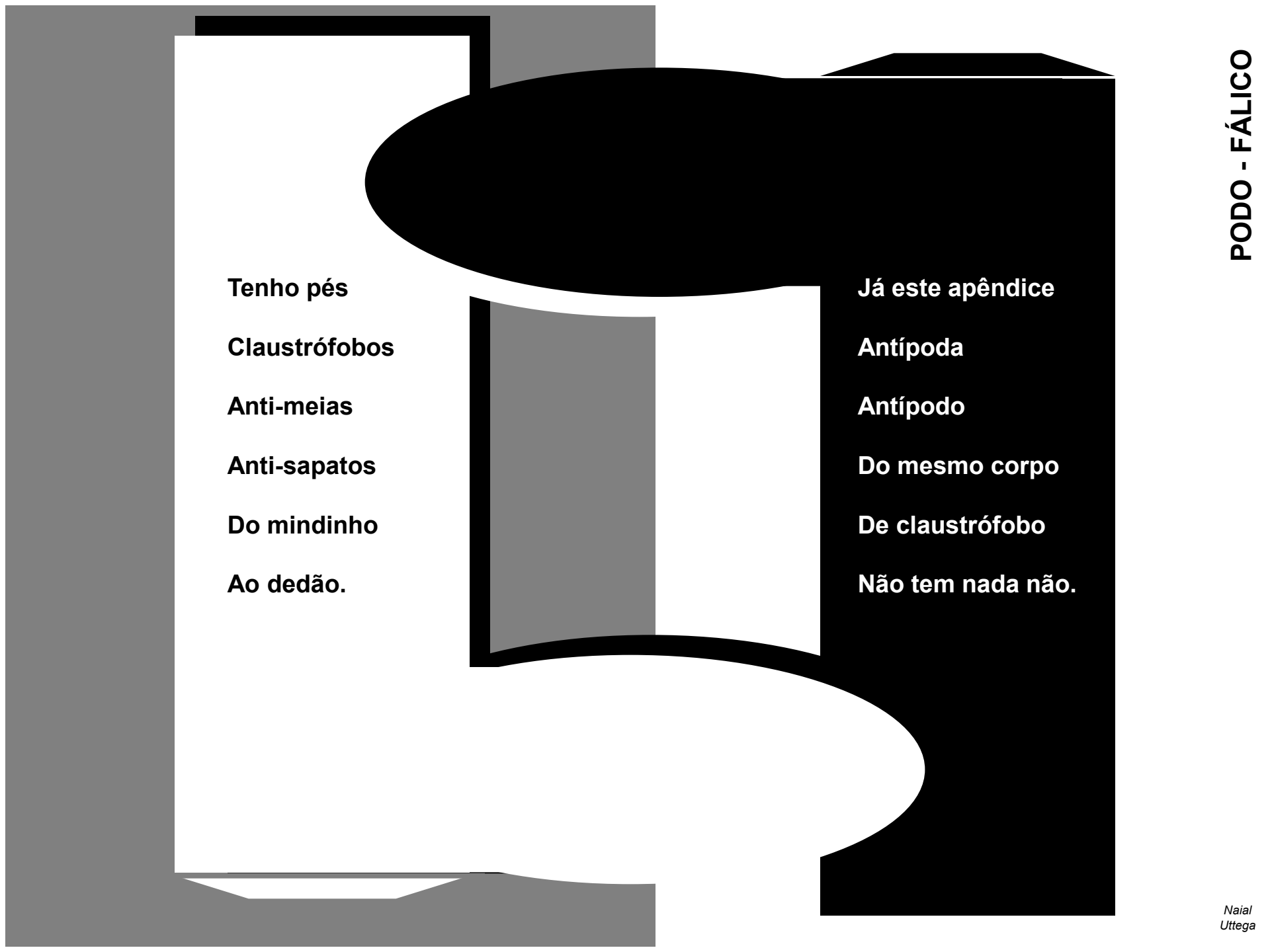
Porque anda contra a vida
Em desafio ao natural

A Justiça é bela
A Justiça é reta

Porque está acima do óbvio
Porque supera o natural

A Justiça contudo
É humana.

Naial Uttega



PODO - FÁLICO

Naial Uttega

VAPT - VUPT

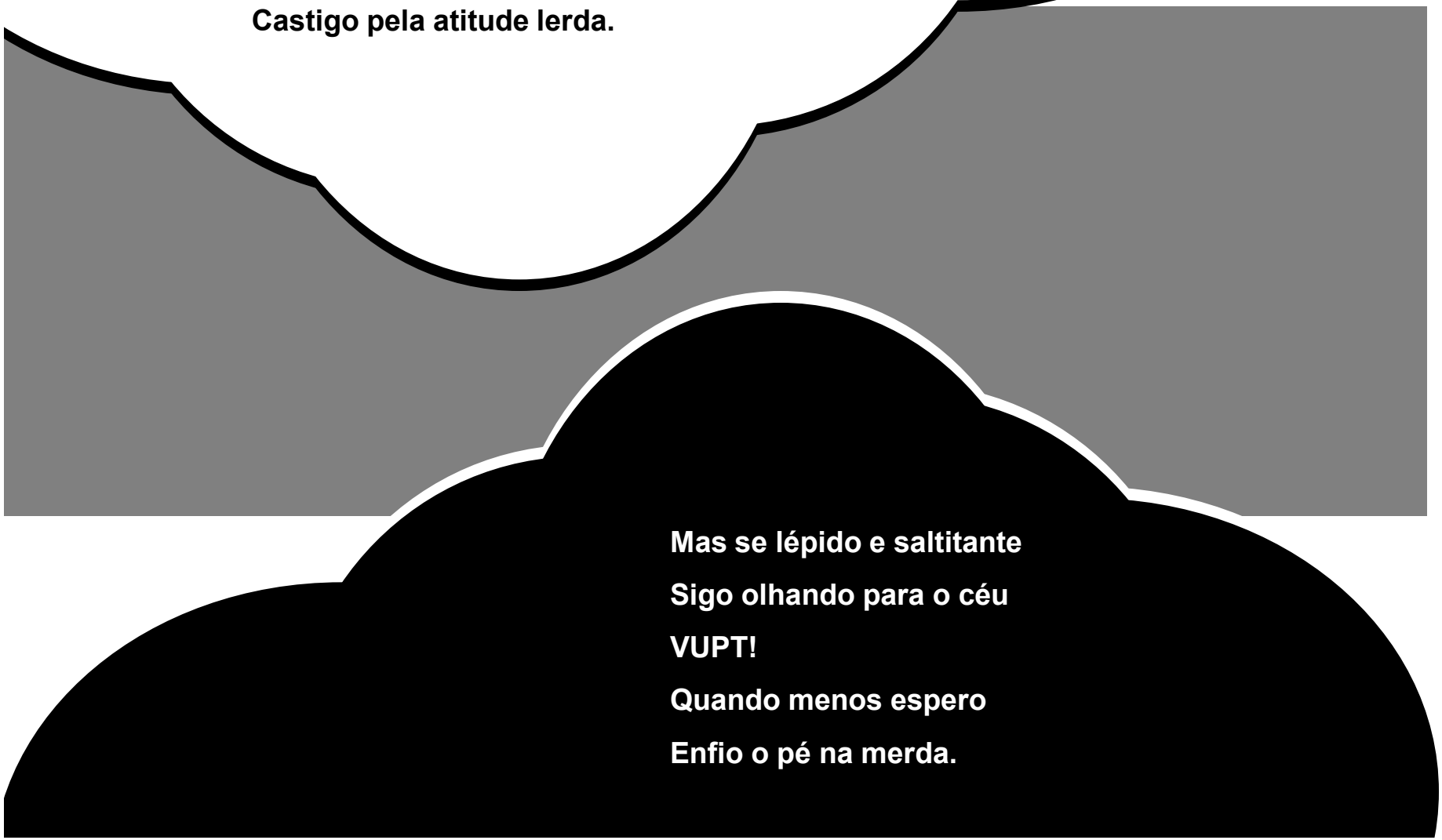
Se quieto e cabisbaixo

Sigo olhando para o chão

VAPT!

Dou de cara num poste

Castigo pela atitude lerda.



Mas se lépido e saltitante

Sigo olhando para o céu

VUPT!

Quando menos espero

Enfio o pé na merda.

Naial Uttega

De um lado :

Umniverso Omniverso

Espaço Temporal

Matemático Fractal

Ene Dimensional.

De outro lado :

Uma mente

Mera mente

Tão só mente

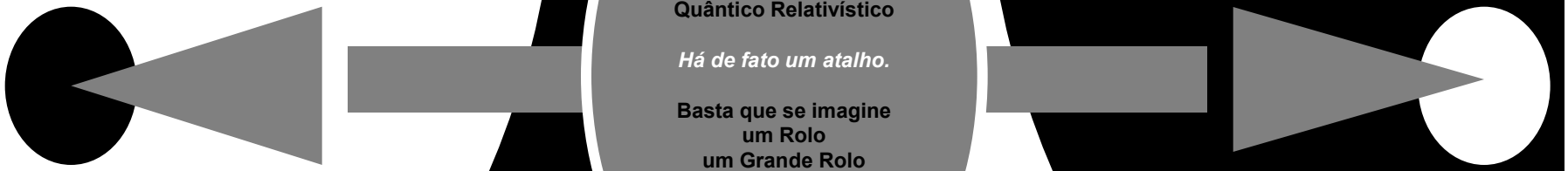
Linear.

Para bem compreender
o Todo
o Grande Todo
Quântico Relativístico

Há de fato um atalho.

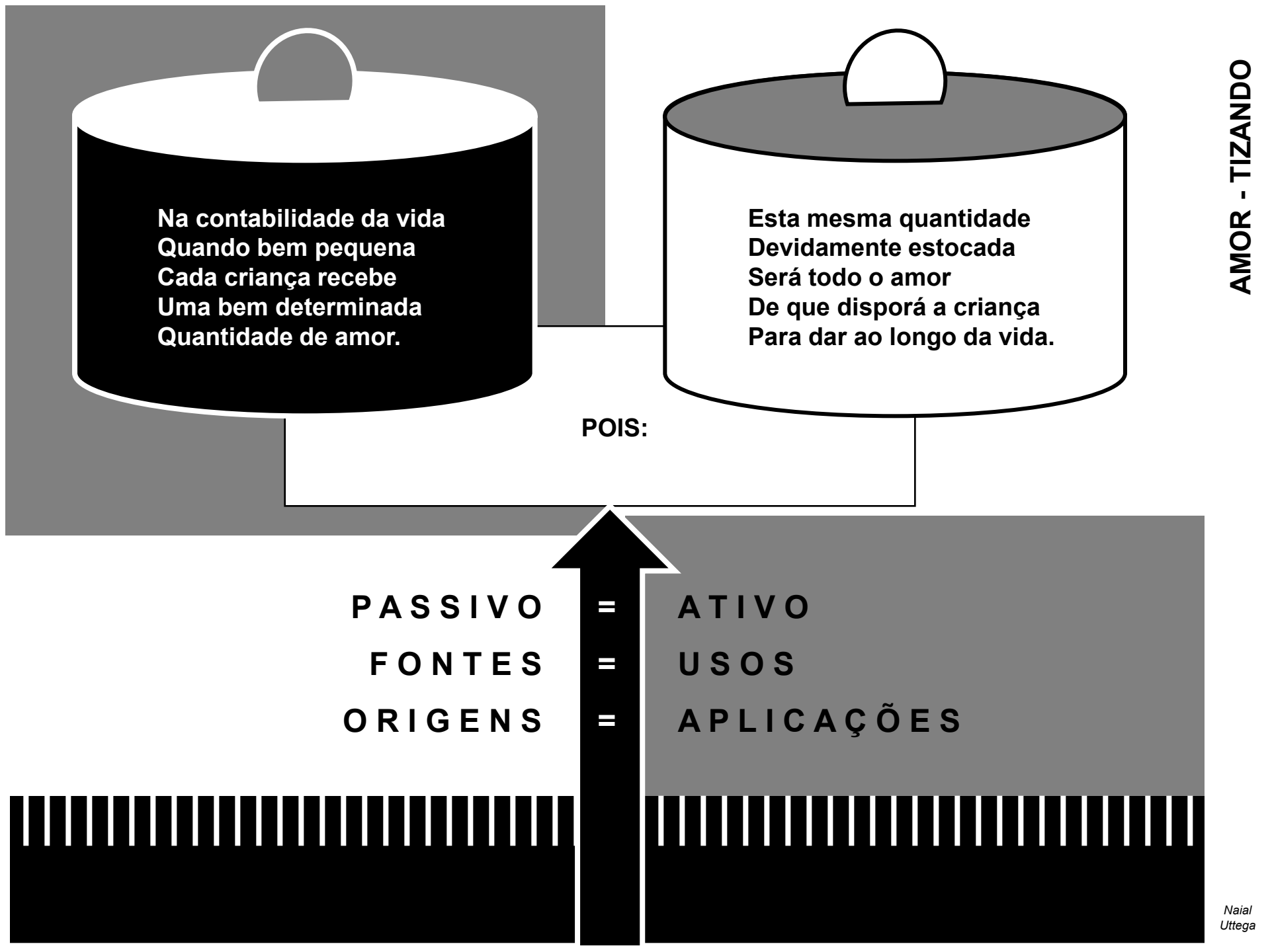
Basta que se imagine
um Rolo
um Grande Rolo
Não um rolo qualquer

Mas um Rolo do Caralho.

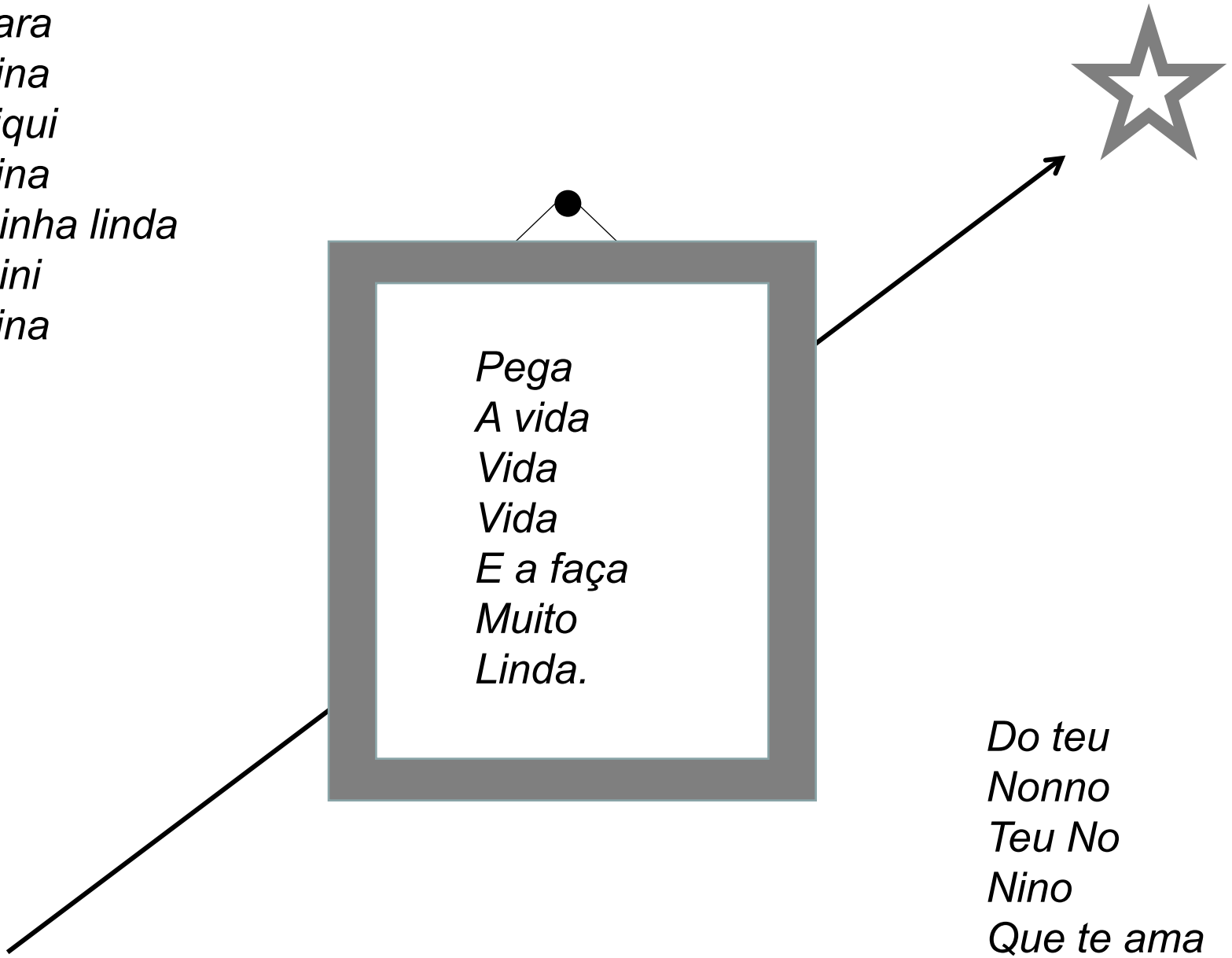


MENTE - CAPTO

Naial Uttega


Na contabilidade da vida
Quando bem pequena
Cada criança recebe
Uma bem determinada
Quantidade de amor.
Esta mesma quantidade
Devidamente estocada
Será todo o amor
De que disporá a criança
Para dar ao longo da vida.
POIS:
PASSIVO = ATIVO
FONTES = USOS
ORIGENS = APLICAÇÕES
AMOR - TIZANDO
Naial Uttega

Para
Nina
Piqui
Nina
Minha linda
Mini
Nina



Pega
A vida
Vida
Vida
E a faça
Muito
Linda.

PNINA

Do teu
Nonno
Teu No
Nino
Que te ama
E assina:

Alain Guetta

um
ano
compreende

12
meses

uma
vida
compreende

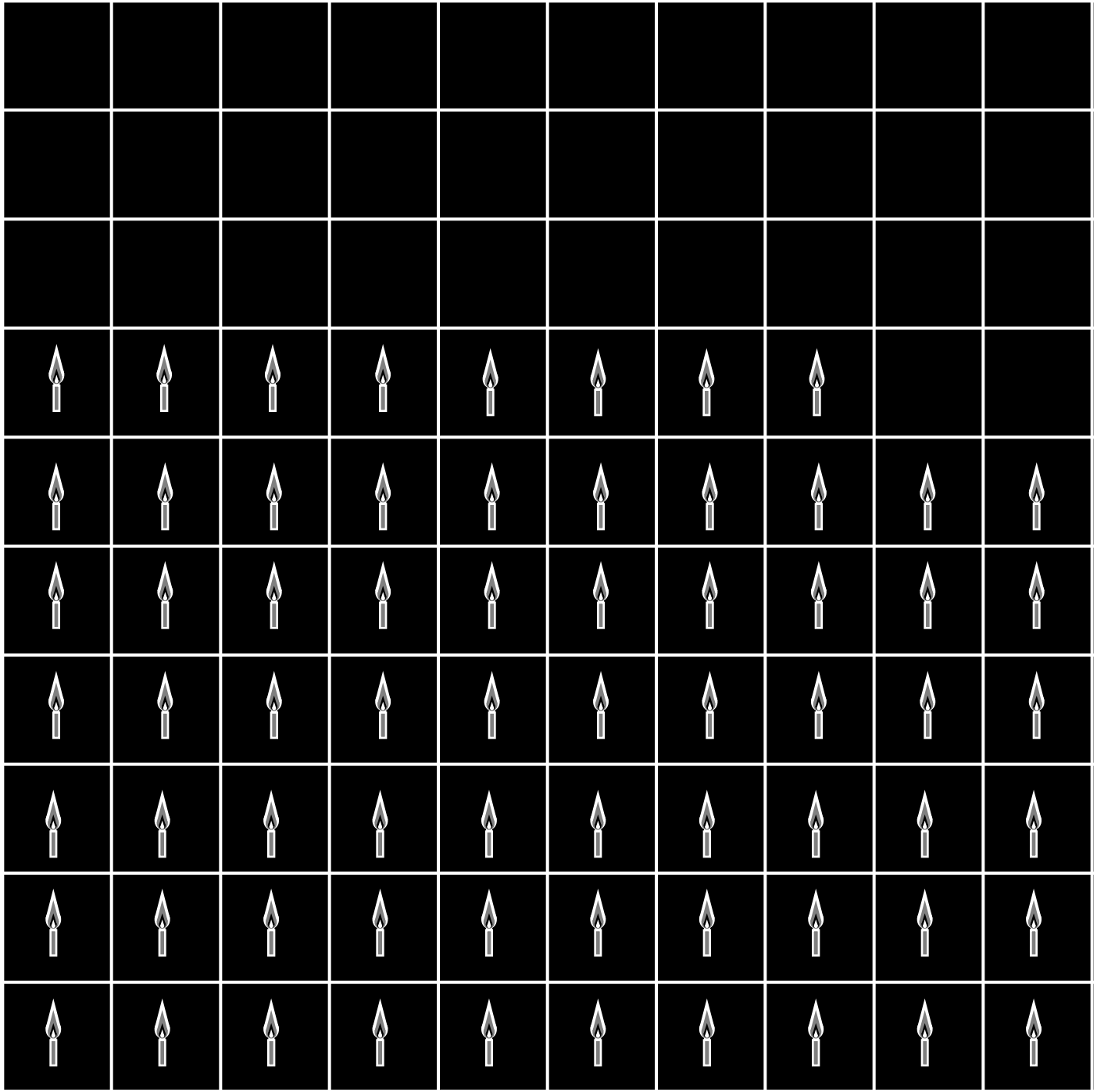
alguns
anos

a
minha
68

por
enquanto

poucos
muito
poucos

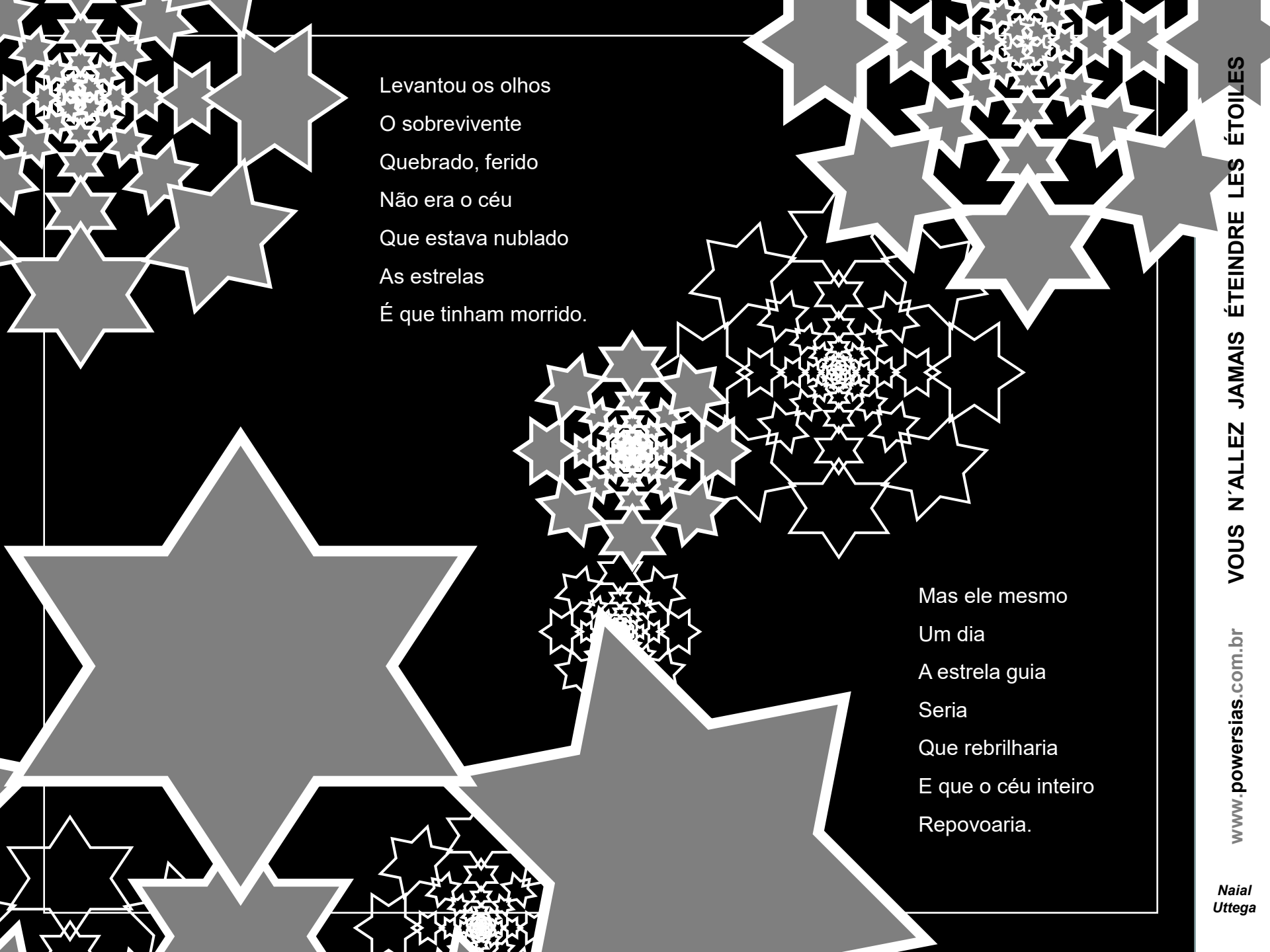
porém
tantos.



COMPREENSÃO

www.powersias.com.br

Naial Uttega



Levantou os olhos
O sobrevivente
Quebrado, ferido
Não era o céu
Que estava nublado
As estrelas
É que tinham morrido.

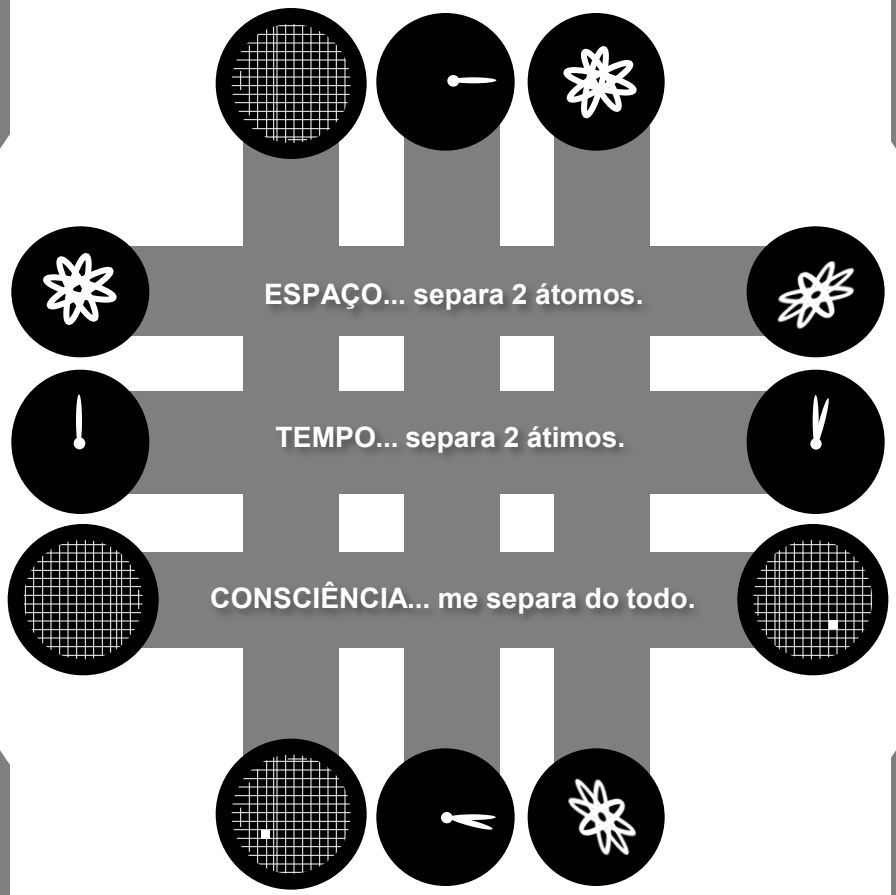
Mas ele mesmo
Um dia
A estrela guia
Seria
Que rebrilharia
E que o céu inteiro
Repovoaria.

www.powersias.com.br

Naial Uttega

Olhando de dentro...

navego intrépido
por atomosferas
e atimosferas
em pixels aparentes
de realidades fluidas
em que existe
o número DOIS.



Olhando de fora...

entro no lugar único,
segregado, sagrado,
onde não existe
tempo, espaço
ou individualidade,
onde só existe
o número UM.

ECHAD

www.powersias.com.br

Naial Uttega

Aluíso, Benedito e Caetano.

Todos três lá de São João Nepomuceno.

Todos três filhos de Zacarias.

Todos três apaixonados por Maria.

Fora isto, porém,

nada mais tinham em comum

os três filhos de Zacarias.

Lá em São João de Nepomuceno ninguém estranhou quando Maria começou a sair com Aluísio. Afinal desde pequeno Aluísio sempre assumira com incrível naturalidade posições de liderança em todos os grupos de pessoas com que convivera.

Sempre espantara seus professores com uma extraordinária capacidade de resolver os mais diversos problemas propostos e, indo além, mostrava a rara habilidade de propor novos problemas e enxergar desafios nas múltiplas relações existentes entre as coisas que o rodeavam.

Aluísio não somente sabia decompor cada situação, por mais complicada que fosse, em pequenos pedaços fundamentais fáceis de serem tratados, como também conseguia brilhantemente reunir pedaços esparsos de coisas aparentemente desconexas de forma a construir um todo coeso e original. Aluísio pensava de maneira clara, segura e desprovida de ideias pré-concebidas. Partia do zero a cada vez que erigia um novo conceito.

Aluísio compreendia-se completamente a si mesmo, conseguia entender plenamente o funcionamento das coisas e, via de regra, percebia as motivações e anseios que levavam as pessoas a pensar e agir como faziam. Dificilmente algo o surpreendia.

Maria apaixonou-se por ele. Por aquele seu jeito tranquilo e racional de enfrentar as situações da vida. Pela maneira firme e direta com que perseguia e alcançava seus objetivos. Pelo seu olhar afiado, seu nariz aquilino, sua pele lisa e pálida cheirando sempre a sabonete.

Em contato com Aluísio, Maria começou a formar ideias mais claras, a arrancar pontos desnecessariamente tensos e obscuros de seus pensamentos. Aprendeu a construir raciocínios encadeados, com começo meio e fim, aprendeu a disciplinar fluxos confusos de ideias e tirar conclusões objetivas.

Maria ficava horas e horas conversando com Aluísio que, assumindo por completo a responsabilidade pela segurança do casal, abandonou seus estudos teóricos, os quais retomaria mais tarde quando já fosse homem financeiramente estável.

Abandonou seus jogos de xadrez, contentando-se com o título de campeão de São João Nepomuceno e montou uma barraquinha que vendia sardinha frita na hora com uma cachacinha especial. Em apenas um mês já funcionavam cinco barraquinhas em São João Nepomuceno e Aluísio já estabelecera contatos para introduzir a novidade em todas as cidades vizinhas, através de pessoas dispostas a pagar por suas ideias e reproduzir seus modelos de negócios.

Foi aí que aconteceu o que ninguém esperava: Benedito, inconformado com o romance do irmão Aluísio, agarrou Maria e deu-lhe um beijo na boca. Não um beijo qualquer mas um beijo com fúria, com dentes e com sangue.

Maria sentiu então algo subindo do fundo da espinha, algo primal e instintivo. Algo que jamais experimentara com Aluísio ...

Sem Maria, Aluísio tratou de reformular sua vida. Tornou-se matemático famoso e construiu estruturas numéricas novas, uma das quais até tornou-se peça-chave para o embasamento de uma nova e revolucionária teoria sobre interação de superfícies.

Um dia, contudo, tendo constatado que eram finitas e fechadas em si as mais brilhantes estruturas matemáticas, tendo percebido que os mais elaborados modelos físicos somente descreviam e não explicavam, e ainda que fora de tudo isto nada havia além de um grande vazio, Aluísio tomou de forma perfeitamente tranquila e racional a decisão de suicidar-se.

Por um momento refletiu acerca da maneira mais lógica de fazê-lo. Não vendo motivos para suportar sofrimentos físicos inúteis na hora de matar-se, resolveu tomar uma grande quantidade de pílulas para dormir e, confortavelmente instalado em sua poltrona, adormeceu para não mais acordar.

Embora fosse homem de poucas palavras, Benedito contava com a simpatia de várias pessoas em São João Nepomuceno. Muitos gostavam do seu jeito espontâneo, puro, quase ingênuo de agir, de rir, de comer, beber e também admiravam seus movimentos elásticos, seu corpo musculoso sempre pronto a entrar em ação como se cada fibra, cada nervo, cada músculo estivesse permanentemente mobilizado e alerta para explodir em força e velocidade ao menor comando do seu cérebro.

Apesar disto, as pessoas não se aproximavam muito de Benedito. Seu queixo proeminente era quadrado demais e coberto por barba cerrada, suas mãos pareciam brutais, seus músculos compactos pareciam pulsar por baixo do seu corpo peludo, suas espessas sobrancelhas emolduravam dois olhos pequenos cujo brilho tinha algo de animalesco, algo indomado e selvagem que sempre assustava as pessoas.

Benedito desde cedo destacou-se em todos os esportes que praticou, embora nunca houvesse levado qualquer um deles até as últimas consequências. Assim que começava a dominar um determinado esporte, outra modalidade atraía sua volúvel atenção. Depois dos esportes que de alguma forma eram jogados com bolas, Benedito dedicou-se a vários tipos de lutas, mostrando-se especialmente dotado para isso.

Quando Benedito passou a viver com Maria, já seu interesse por lutas havia diminuído bastante, substituído pela dedicação a caçadas diversas. Deixando Maria acampada, Benedito passava longos períodos no mato praticando sua modalidade preferida de caça, armado apenas com um longo facão. Perseguia com tenacidade suas presas até o fulminante e violento bote final. Esquartejava o animal no próprio local do abate, muitas vezes comendo-o ali mesmo cru. O melhor pedaço, contudo, ele sempre guardava para Maria.

Quando voltava, ela o recebia com festas, risos e brincadeiras. Eles desciam morros escorregando em folhas de bananeiras, tomavam banho de rio nus em pelo, dormiam em redes penduradas nas árvores e faziam amor a toda hora: algumas vezes de forma sôfrega e intensa, outras vezes de forma alegre e inconsequente, outras vezes ainda como ato violento de domínio e posse.

Observando Benedito, Maria aprendeu a adaptar-se à sua nova vida. Aprendeu a pegar peixes no rio com lanças improvisadas. Ficava imóvel como as pedras do rio e, ao passar o peixe, seu corpo inteiro explodia. Uma contração súbita do abdômen seguida da mobilização instantânea de todas as fibras do seu corpo. Nada existia então além do peixe. Ela o focalizava, matava e comia.

Maria aprendeu a ficar vários minutos debaixo d'água sem respirar. A flutuar sem pensar em nada. A eliminar qualquer ponto de ansiedade. A controlar a dor. Qualquer tipo de dor. Isolava a parte do corpo que doía, não deixando contaminar o resto do corpo. Se doesse demais, Maria ria da dor. Ria o riso de Benedito, um riso rouco e feroz, mais forte que a dor.

Com Benedito, Maria sentia-se feliz, completa, fêmea, mulher. Cada novo dia era vivido sem a lembrança dos dias passados e sem conjecturas sobre dias futuros. Um dia porém, ao entardecer, Maria encontrou Caetano, o terceiro filho de Zacarias, no caminho de volta da cidade onde fora buscar mantimentos. Ele apenas sorriu e disse baixinho: - *Ouça* ...

Maria apurou bem os ouvidos mas declarou não estar ouvindo nada de especial.

- *Tenho certeza de que você pode ouvir* - replicou Caetano - *comece ouvindo com os ouvidos o murmúrio contínuo do vento, o farfalhar das folhagens nas copas das árvores, o canto alvoroçado das pássaros se preparando para dormir. Depois escute com os olhos o barulho macio das nuvens rosadas deslizando no céu, o tilintar suave da cascata de luz derramada pelo sol poente, a melodia que meu amor sussurra quando flui de mim para você...*

Maria então parou, escutou e sentiu que seu mundo havia sido irremediavelmente transformado. As coisas mais banais à sua volta pareciam ter adquirido vozes, cores e mistérios jamais percebidos. Deram-se, então, as mãos e juntos escutaram todo o pôr-do-sol, escutaram a noite amena e, antes de adormecerem, ainda escutaram as primeiras luzes do novo sol que se preparava para nascer ...

Com a perda de Maria, Benedito quase enlouqueceu de frustração e dor. Gritou, socou pedras, mordeu árvores. Desceu para a cidade, embebedou-se, meteu-se numa grande briga, derrubou dezenas de oponentes até que uma peixeira lhe foi enfiada nas costas.

Mortalmente ferido, ainda conseguiu arrancar a lâmina do seu corpo, procurou e achou o responsável pelo golpe traiçoeiro, enfiou-lhe no coração a peixeira molhada com seu próprio sangue e, antes de cair morto, ainda encontrou forças para girar várias vezes a faca dentro do coração do inimigo.

Naial Uttega

Os que conheciam Caetano pela primeira vez achavam-no meio tonto, bastante aparvalhado e totalmente aéreo. Tinha dificuldades em pregar um prego, trocar uma lâmpada ou fritar um ovo. Esquecia do lugar onde punha as coisas, esquecia de datas, horários, compromissos e, como se isto não bastasse, vivia portando um perpétuo - e um tanto ridículo! - sorriso nos lábios.

Depois de algum tempo, contudo, as pessoas em contato com Caetano iam ficando mais e mais cativadas por sua beleza interior e tornavam-se tolerantes com relação às suas falhas de comportamento. Mesmo seu permanente sorriso deixava de parecer ridículo a medida que descobria-se que não se tratava propriamente de um sorriso mas de uma espécie de reverência à Vida, uma saudação à Beleza em todas as suas formas, um reflexo externo da Harmonia que cada ser tem dentro de si.

Quando ainda criança pequena, antes de dormir, Caetano costumava ficar vendo nas paredes do seu quarto mil formas vivas e coloridas que pululavam em sua imaginação. Deitado em sua cama, ele criava e projetava nas paredes palhacinhos, barquinhos, soldadinhos, ou mesmo formas novas e indefinidas que, com imensa riqueza de detalhes, brotavam do fundo de sua mente infantil.

Mesmo depois de crescido, Caetano permaneceu desfrutando e ampliando a duração do momento mágico que precede o sono. A seguir, não somente entre a vigília e o sono, mas em qualquer momento que quisesse, Caetano deixava sua mente vagar por caminhos cada vez mais longínquos, mais amplos, mais poderosamente belos. Estas incursões, profundamente intensas e vibrantes, não eram, todavia, isentas de percalços. Pelo contrário, seu corpo e sua mente pareciam ressentir-se do quão longe ele estava indo. Teve que vencer reações de medo intenso, quase pânico, dominar seu corpo que tremia convulsivamente. Tudo, enfim, acontecia como se sua natureza frágil e humana quisesse protegê-lo de penetrar assim tão profundamente no desconhecido.

Apesar de tudo, atraído pela grandiosa beleza que percebia, ele a tudo ultrapassava, até que um dia sentiu-se rompendo um casulo e penetrando em um nível maior, em um nível global de consciência. Todas as coisas, então, como que se concluíram e passaram a fazer sentido. Ele havia conseguido ir além das coisas e vira de perto a Unidade. A Unidade por trás da multiplicidade das coisas de dentro e das coisas de fora. A Unidade que transforma tanto o tempo infinito quanto o espaço eterno num momento único, num ponto só. A Unidade que transforma a vida na imagem harmônica de um universo infinitamente belo, pulsante, em contínua mutação. Ele se aproximara de Deus. Deus sendo tudo e tudo sendo uma coisa só.

Caetano tinha o dom de enamorar-se pelas coisas. Enamorava-se por pedras que encontrava, por tempestades que caíam, por moças que beijava. Caetano também despertava o amor. Raras eram as moças de São João Nepomuceno que não houvessem se apaixonado por aquele rapaz alto, magro, de cabelos encaracolados e olhos puros. Aquele rapaz que com tanta naturalidade dizia coisas que tocavam seus corações como ninguém jamais tocava. Também o coração de Maria, Caetano tocou ao convidá-la para escutar o pôr do sol ...

Logo no primeiro dia que passaram juntos, Caetano disse a Maria :

- Agora que você já consegue ouvir as vozes das coisas, escute a Voz Maior que está por trás de todas essas vozes pequenas. A voz que reúne todas as outras, que soa mesmo no mais absoluto silêncio. Uma voz mais antiga que o mundo, uma voz que já nasceu com você, que lhe é muito familiar, que você sempre ouviu mas que nunca escutou realmente.

Maria ouviu e começou a chorar de felicidade. Foi como se de repente ela tivesse intuído de uma só vez o que Caetano descobrira ao longo da vida, trilhando palmo a palmo os caminhos da Beleza. Caetano então sentiu que ela havia conseguido atingir uma grande parcela de compreensão apenas usando o tosco atalho que ele lhe oferecera. Ele a amou profundamente por isto e passou a dedicar sua vida a firmar e fortalecer aquela compreensão incipiente.

Com Caetano, Maria aprendeu a criar e expressar a beleza que descobriu em si mesma e nas coisas. Fez poesias de amor a Caetano nas quais o sentimento transcendia as palavras escritas e se manifestava no delicado equilíbrio e musicalidade dos sons. Pintou quadros de Caetano que, embora retratassem sua aparência física externa, conseguiam transmitir algo de sua beleza interior. Compôs musicas cujas letras falavam de seu amor por Caetano em ritmos e melodias que secretamente vibravam no tom da Voz Maior que descobrira.

Finalmente, assim como havia acontecido antes com Caetano, Maria foi diminuindo suas obras e composições artísticas por sentir que eram pequenas e insuficientes para transmitir a beleza do pensamento puro, a beleza da grande aventura da vida e das coisas, a qual estava sempre além de qualquer possibilidade de expressão por meio de palavras, imagens ou sons.

Caetano e Maria entraram então num processo de amor total. Davam-se as mãos, olhavam-se, amavam-se numa espécie de transfusão intensiva de suas almas interiores. A todo momento viviam, comiam e respiravam beleza, amor e unidade até que um belo dia, ninguém sabe por que, Maria abandonou Caetano...

Quando Maria foi embora, Caetano desligou-se completamente da realidade externa e tornou-se um trapo humano sujeito às intempéries, até que foi recolhido pela equipe do Sanatório lá de São João Nepomuceno.

Dizem que até seus últimos dias de vida ele era benquisto pelo pessoal do Sanatório pois não dava trabalho algum, jamais precisava usar camisa de força ou qualquer outro tratamento mais drástico, era totalmente inofensivo e tudo que fazia ao longo dos dias era balançar-se dentro de seu camisolão branco repetindo monótona e interminavelmente uma só palavra:

- Maria... Maria... Maria...

Esta foi a história de Aluísio, Benedito e Caetano.

Todos três lá de São João Nepomuceno.

Todos três filhos de Zacarias.

Todos três apaixonados por Maria.

E Maria?

Bem, lá em São João Nepomuceno ninguém sabe ao certo o que aconteceu com ela. Eu, cá prá comigo, é que tenho uma desconfiança de que ela acabou mesmo foi ficando com o Zacarias. Digo isso porque conheci bem o homem:

Era homem comum, igual a toda gente.

Seu nome só que era meio diferente.

Chamava-se Zacarias.

Estava no fim do alfabeto.

E continha o A B C...

MATEMÁGICA

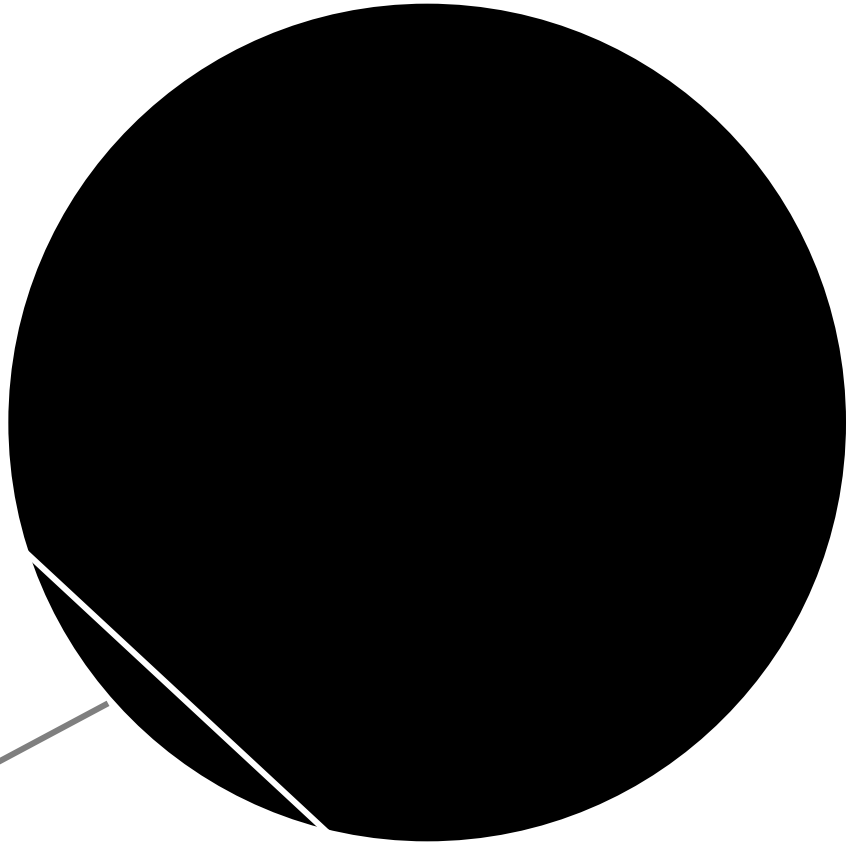
Da rede
Complexa
Consciência
Emergiu.

Do todo
Inteiro
Uma lasca
Se partiu

E do
Eu Um
Um Eu
Surgiu.

“AGORA
EU E VOCÊ
SOMOS DOIS”

Disse a lasca ao resto.



Ao dizer
“AGORA”
A lasca
Criou o tempo

Ao dizer
“EU E VOCÊ”
A lasca
Criou o espaço

Ao dizer
“DOIS”
A lasca criou
A matemática

Partiu a física
Então
Dessa simples operação
De partição.

www.powersias.com.br

Naial Uttega

BUBBLES

Há seres que vivem

No mar perigoso e bonito

Outros trazem em si

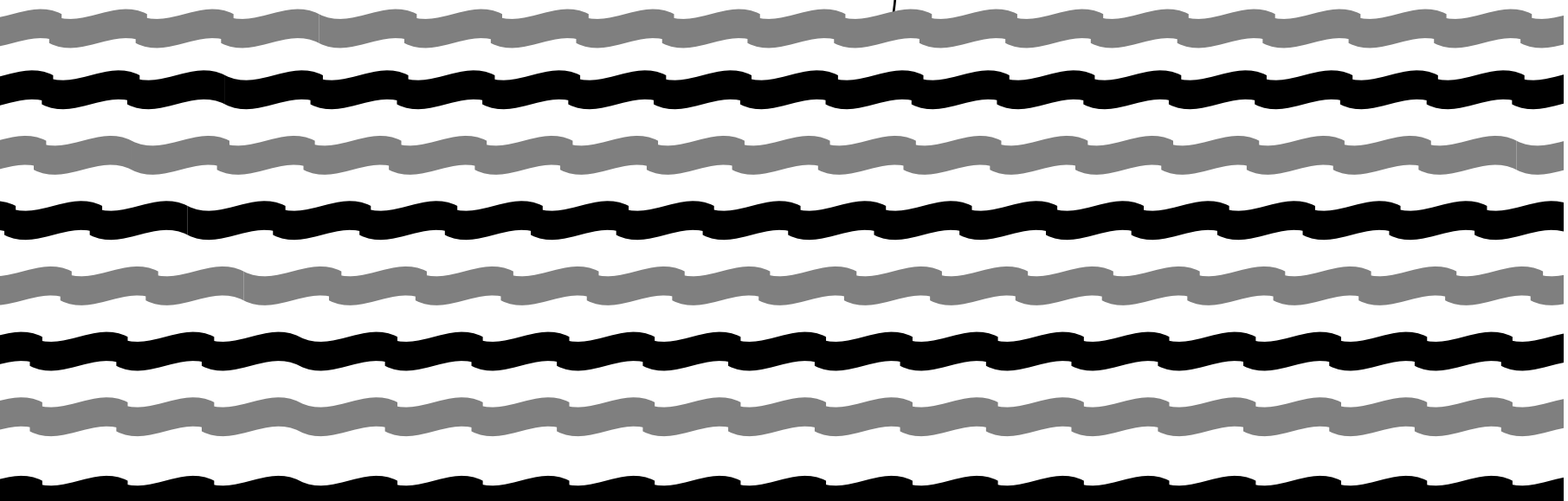
O oceano infinito.

Viver não é

Líquido e certo

Viver é apenas

Líquido.



Naial Uttega

Fui egípcio
Sou brasileiro

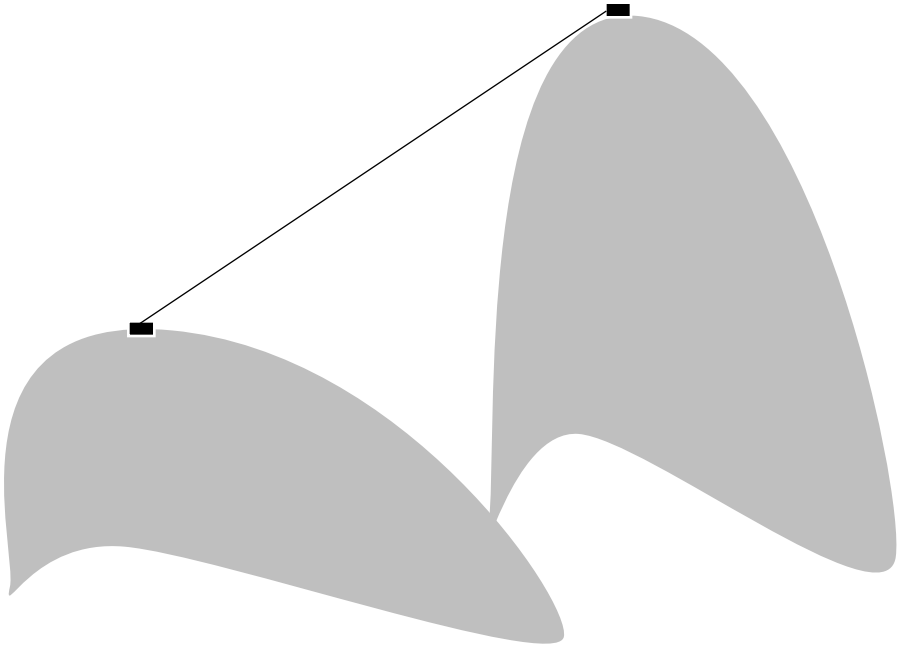
Do rio Nilo
Ao de Janeiro

Outrora preso
Agora liberto

De mar fechado
A oceano aberto

Fui relativo
Sou quântico

Antes mediterrâneo
Hoje atlântico.

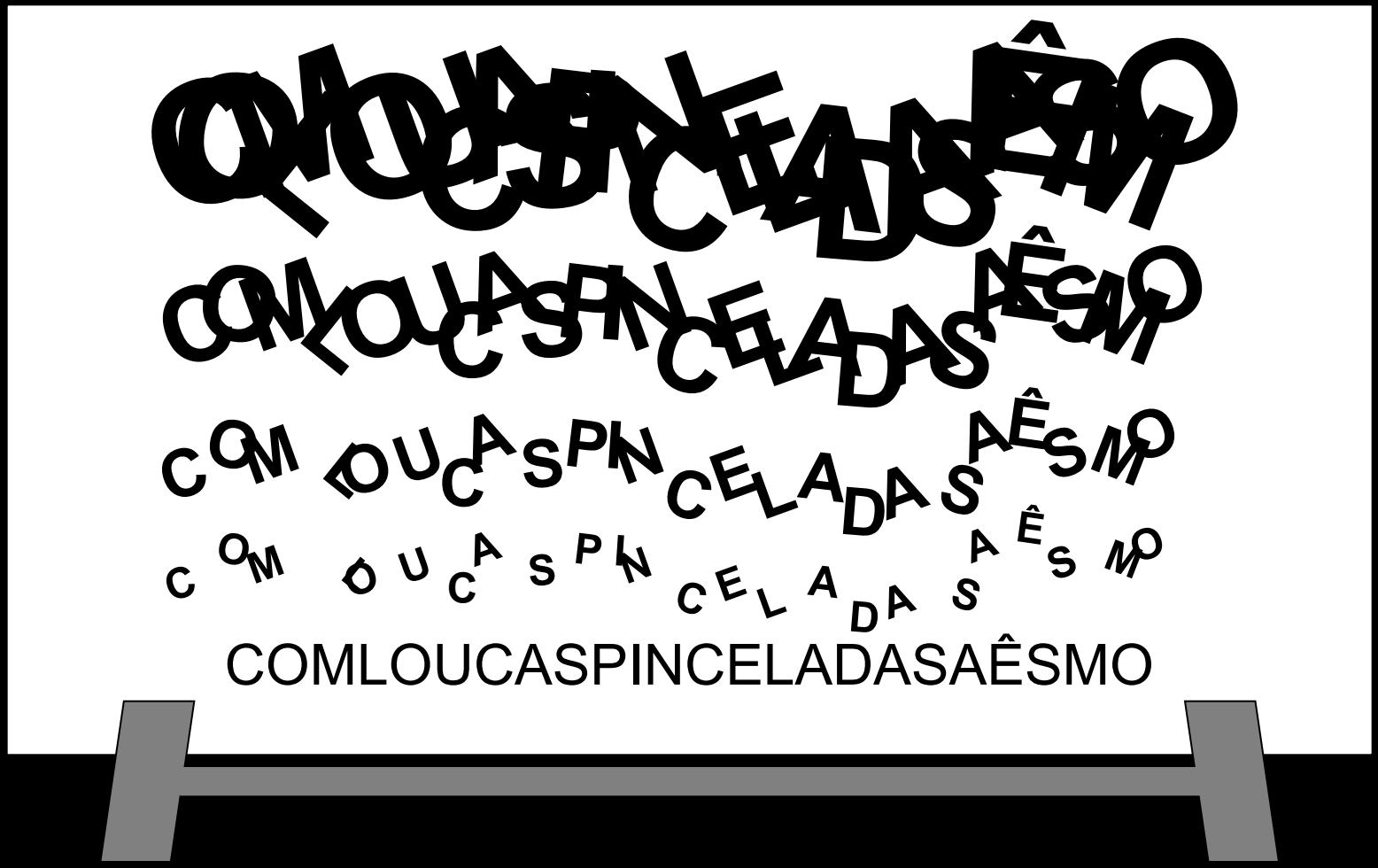


AQUI Ó, FARAÓ

www.powersias.com.br

Naial Uttega

O pintor então ...



Fez um quadro de si mesmo.

AUTORRETRATAÇÃO

Naial Uttega